

Pastoral Catequética

revista de catequese e educação

42 – 43

SER CATEQUISTA: NA ALEGRIA DO ENCONTRO COM JESUS CRISTO

Carta Pastoral *Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo* [7-43]
CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA

Plano de Formação de Catequistas [45-62]
COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ E DOCTRINA DA FÉ

Ser Catequista hoje – As dimensões da formação [63-77]
P. JOAQUIM GANHÃO

A Palavra de Deus lida, refletida e rezada, na Catequese
[79-96]
P. ARMINDO DOS SANTOS VAZ

Formação de Catequistas [97-106]
MARIA LUÍSA TRINCÃO DE PAIVA BOLÉO

O Catequista Discípulo Acompanhante [107-124]
DIÁC. PAULO JOSÉ RIBEIRO CAMPINO

Eu-Tu: O que é o Encontro? [125-142]
D. NUNO BRÁS

A construção da Identidade na Adolescência [143-177]
CRISTINA SÁ CARVALHO

Edição e Propriedade

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Contribuinte: 501104038

Quinta do Bom Pastor–Estrada da Buraca, nº 8–12 1549–025 LISBOA

Telef.: 21 885 12 85

E–Mail: snec@snec.pt

Diretor

Acácio José Pereira Lopes

Conselho de Redação

Manuel Pelino Domingues, Anacleto Oliveira, António Moiteiro Ramos,
Nuno Brás Martins, Cristina Sá Carvalho.

Sede da Redação

Quinta do Bom Pastor–Estrada da Buraca, nº 8–12 1549–025 LISBOA

Paginação e Montagem

Ângela Baptista

Tiragem

550 exemplares

Condições de assinatura

Número Avulso: 6 Euros

Assinatura Anual (3 números): 15 Euros

Ideografia

Aristides Dourado

Nº de Registo

124627

Impressão

GRÁFICA ALMONDINA

Zona Industrial

2354–909 Torres Novas

Depósito legal

221 724/05

Esta revista encontra-se à venda em Livrarias Religiosas

Editorial

DIÁC. ACÁCIO JOSÉ PEREIRA LOPES (*)

O presente número duplo da revista «Pastoral Catequética» centra-se especificamente na problemática que, nos últimos tempos, tem mobilizado as energias da Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé e do Secretariado Nacional da Educação Cristã no que ao setor da Catequese diz respeito; nomeadamente, as exigências atuais da Formação de Catequistas e a necessidade de proceder a uma adequada renovação da Catequese com Adolescentes, tendo em conta as mais recentes orientações dos nossos Bispos.

As orientações para a Formação de Catequistas são claramente explicitadas e desenvolvidas no segundo texto desta nossa publicação, da responsabilidade da Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé, aprovadas, em abril de 2018, pela Conferência Episcopal Portuguesa. O referido texto constituiu-se formalmente como «Plano de Formação de Catequistas».

Todavia, porque esse Plano, bem como os restantes textos que publicamos neste número da revista, e que abordam aspetos mais específicos e concretos do mesmo, têm como referência fundamental a mais recente Carta Pastoral sobre a Catequese publicada, em documento próprio e autónomo, em maio de 2017, pela Conferência Episcopal Portuguesa, intitulado «Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo», entendemos, por uma questão prática e de economia de esforços dos nossos leitores, republicar logo no início a referida Carta Pastoral.

(*) Diretor.

Seguem-se quatro textos que correspondem a outras tantas comunicações apresentadas nas mais recentes Jornadas Nacionais de Catequistas, realizadas em Fátima, em outubro de 2018, as quais tiveram como centro de referência a Carta Pastoral sobre a Catequese acima referida.

O texto do Pe. Joaquim Ganhão aborda, de forma sistemática e fundamentada, as dimensões querigmática e mistagógica duma catequese que se pretende autêntica, apontando o querigma como prioridade absoluta e a iniciação mistagógica como “a necessária progressividade da experiência formativa, na qual intervém toda a comunidade, e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã”.

O texto do Pe. Armindo Vaz fixa-se na necessidade fundamental de fazer da palavra de Deus, lida, refletida e rezada, o centro nuclear da catequese, que não pode ser concebida e realizada, na sua autenticidade, sem a presença efetiva e permanentemente recorrente da Sagrada Escritura. “O catequista que ama a Igreja e a palavra de Deus coloca a Bíblia no centro da catequese, fazendo dela o livro mais lido, meditado e rezado da sua vida”.

Na sua intervenção, a Dr.^a Maria Luísa Boléo, depois de abordar de forma muito resumida o percurso da formação de catequistas ao longo do séc. XX, centra-se no Plano de Formação de Catequistas agora publicado. Sistematiza, de forma breve, as opções veiculadas pelo Plano e propõe, de forma mais explícita e desenvolvida, o modo de abordagem formativa do Tema 1 do referido Plano, recorrendo amiudadas vezes à sua já muito longa experiência pessoal de catequista.

A quarta e última comunicação das Jornadas Nacionais de Catequistas de 2018 esteve a cargo do Diácono Paulo Campino, abordando o tema do catequista enquanto discípulo acompanhante, cuja missão é fazer dos seus catequizandos outros tantos discípulos de Jesus Cristo. Daí a necessidade de abandonar de vez o modelo “escolarizado”, que faz do catequista mais um “professor” da doutrina da fé, em detrimento da sua verdadeira missão: fazer crescer na fé os que lhe estão confiados, tendo como paradigma de testemunho o seu próprio crescimento pessoal na fé no e pelo exercício da sua atividade missionária. Ser catequista, “mais do que uma forma de fazer é uma forma de ser, caminhar e testemunhar”. Não tanto preocupado com o que sabe ou atarefado no conteúdo do que transmite, mas centrado no que

verdadeiramente é: discípulo de Cristo. No fundo, o modelo pessoal e pedagógico do catequista é o próprio Jesus. O catequista é, deve ser, “o discípulo que imita o Mestre” e vive na Sua intimidade. Formar catequistas será, assim, basicamente, formar na arte de acompanhar. O Diácono Paulo Campino conclui a sua intervenção desenvolvendo quatro dimensões essenciais para este novo tipo de catequese: “acolher e deixar-se acolher”; “evangelizar a partir de si, deixar-se evangelizar a partir do outro”; “criar e ser criado”; “deixar partir e desaparecer”.

O penúltimo texto que apresentamos foi especificamente redigido por D. Nuno Brás da Silva Martins para este número da nossa revista. Partindo do título e do conteúdo da Carta Pastoral da CEP, que tem constituído a nossa referência base («Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo»), D. Nuno Brás centra-se, precisamente, na noção de «encontro», à volta da qual desenvolve toda a temática do seu artigo, socorrendo-se para tal dos contributos de dois filósofos (um judeu e outro cristão) que fizeram da temática/problemática do encontro (a relação Eu-Tu/Tu-Eu) um dos núcleos centrais da sua meditação filosófica: Martin Buber e Ferdinand Ebner. O artigo, de carácter marcadamente filosófico, prepara o caminho de uma reflexão teológica fundamental que justifica a Catequese como, precisamente, um lugar privilegiado para o encontro com Jesus, ou, de modo mais rigoroso e real, como o lugar em que catequista e catequizando se deixam encontrar por Jesus Cristo.

A finalizar, reproduzimos uma reflexão sobre “a construção da identidade religiosa na adolescência”, apresentada pela Dr.^a Cristina Sá Carvalho, em fevereiro de 2018, nas XXIV Jornadas de Teologia do Centro Regional de Estudos Teológicos de Aragon (Universidade de Salamanca). Partindo de uma visão crítica do panorama atual no que à identidade e desenvolvimento religioso da adolescência diz respeito, tendo como pano de fundo as profundas e constantes mudanças culturais em que essa identidade e desenvolvimento religioso se processam, a autora, ancorada nos estudos psicológicos de investigadores contemporâneos de referência, propõe algumas ideias para uma “pastoral da adolescência que se preocupa com a saúde mental das pessoas, com a construção integral e integrada da personalidade”, em detrimento de proselitismos pouco ou nada consistentes do ponto de vista da autenticidade religiosa. O que exige que a identificação e desenvolvimento religioso dos nossos adolescentes mergulhem fundamentalmente as suas raízes em muito

Editorial

mais tenra idade. “Os estudos revelam que os cinco anos são uma idade charneira e que merecem uma atenção pastoral constante e qualificada”.

Esperamos que esta edição da «Pastoral Catequética» constitua uma base de reflexão séria e aprofundada para todos os que se sentem convictos da importância radical e determinante da missão catequética: no fundo, de todos aqueles e aquelas que vivem a pastoral da Igreja como caminho, pessoal e comunitário, de encontro com a pessoa de Jesus Cristo.

Apresento a todos os nossos leitores, em nome do Secretariado Nacional da Educação Cristã, votos de uma santa Páscoa.

Carta Pastoral Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (*)

I. NO CORAÇÃO DA CATEQUESE

A importância do encontro

1. **“No início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, um rumo decisivo”**. A afirmação é do Papa Bento XVI, que lhe deu especial relevo, ao inseri-la na introdução da sua primeira encíclica, “Deus é Amor”, o documento programático do seu pontificado. Dois anos depois repetiu-a, a nós bispos portugueses, na visita *ad limina apostolorum*, acrescentando: “A evangelização da pessoa e das comunidades depende totalmente da existência ou não deste encontro com Jesus Cristo”¹. Encontro da parte de quem é evangelizado e de quem evangeliza.

O Papa Francisco, também na introdução da Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho”, de caráter igualmente programático, dirige-se a evangelizadores e é ainda mais interpelativo: “Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar no dia a dia sem cessar”². E retoma o tema no capítulo final, aí a propósito dos efeitos do encontro na ação evangelizadora: “Não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor se não se está convencido,

(*) Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa.

¹ Bento XVI, *Discurso aos Bispos de Portugal* (Roma, 10.11.2007), in *Lumen*, III, 68 (2007, 6) 20.

² Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 3. Acerca do caráter programático da Exortação Apostólica vejam-se os n. 1 e 25.

por experiência própria, de que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não o conhecer; não é a mesma coisa poder escutá-l'O ou ignorar a sua Palavra; não é a mesma coisa poder contemplá-l'O, adorá-l'O, descansar n'Ele ou não o poder fazer. (...) O verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio do compromisso missionário. Se uma pessoa não O descobre presente no coração mesmo da entrega missionária, depressa perde o entusiasmo e deixa de estar seguro do que transmite, faltam-lhe força e paixão. E uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém”³.

A urgência do encontro

2. Tanta insistência já é sinal de urgência – uma urgência sentida em todos os tempos, mas particularmente desde o II Concílio Ecuménico do Vaticano, passando pelos pontificados que se lhe seguiram até ao do Papa Francisco. Entre os motivos, o próprio Papa, na nossa mais recente visita *ad limina*⁴, realçou o que mais diretamente se prende com a catequese: o “grande número de **adolescentes e jovens que abandonam a prática cristã**, depois do sacramento do Crisma”, isto é, “precisamente na idade em que lhe(s) é dado tomar as rédeas da vida nas suas mãos” e depois de um longo percurso de catequese. Que isto é preocupante, já há muito o sentíamos. Por isso, como nos pediu o Papa, temos de perguntar-nos: “A juventude deixa, porque assim o decide? Decide assim, porque não lhe interessa a oferta recebida? Não lhe interessa a oferta, porque não dá resposta às questões e interrogações que hoje a inquietam? Não será simplesmente porque, há muito, deixou de lhe servir o vestido da Primeira Comunhão, e mudou-o? É possível que a comunidade cristã insista em vestir-lho?”

Embora as perguntas incidam primariamente sobre a catequese da adolescência, não podemos restringi-las a ela. Em muitas comunidades o abandono começa já a seguir à Primeira Comunhão ou à Festa da Fé, isto é, dentro do percurso seguido entre nós, depois de apenas três ou seis anos de catequese. Aliás o próprio Papa, no mesmo discurso, dá-nos razão, ao apontar como causa, não os catecismos, nos quais, segundo pensa, está

³ Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 266.

⁴ Papa Francisco, *Discurso do Papa aos Bispos Portugueses em visita “ad Limina Apostolorum”*, in *Lumen*, III, 76 (2015, 5) 3-6. São do Santo Padre todas as citações que se seguem, até que outra fonte seja indicada (os negritos são nossos).

“bem apresentada a figura e a vida de Jesus”, mas sim a dificuldade em “encontrá-lo no testemunho de vida do catequista e de toda a comunidade que o envia e sustenta”. E depois situa esse testemunho no único modelo de catequese realmente apto, em qualquer fase etária, para o encontro com Cristo: “Ao catequista e a toda a comunidade é pedido para **passar do modelo escolar ao catecumenal**: não apenas conhecimentos cerebrais, mas encontro pessoal com Jesus Cristo, vivido em dinâmica vocacional segundo a qual Deus chama e o ser humano responde”.

Apesar de todos os esforços em contrário, reconhecemos que entre nós ainda é o modelo escolar que predomina, apoiado aliás por outros fatores: a redução da catequese a um encontro semanal, por vezes em apertados horários pós-escolares e a par ou mesmo em concorrência com atividades formativas ou recreativas talvez mais aliciantes; uma calendarização idêntica à da escola, com os catequizandos ausentes das maiores celebrações, como as da Páscoa e do Natal, por se realizarem em tempo de férias; a instrumentalização das celebrações ao longo do percurso catequético, incluindo a do Crisma, para segurar os catequizandos até, uma vez crismados, deixarem a Igreja como deixam a escola; a linguagem usada, predominantemente escolar – “matrículas”, “exames” “aulas”, “alunos” e a identificação destes por anos, como na escola.

3. Mas, além do abandono ou a par dele, há mais razões para a urgente adoção do modelo de catequese catecumenal. São elas, entre outras:

– “A rutura na transmissão geracional da fé cristã no povo católico” de que fala o Papa Francisco, acrescentando como consequências: “É inegável que muitos se sentem desiludidos e deixam de se identificar com a tradição católica, que cresceu o número de pais que não batizam os seus filhos nem os ensinam a rezar, e que há um certo êxodo para outras comunidades de fé”⁵. Basta olhar para a maioria das crianças que entre nós iniciam a catequese, para constatarmos como o Papa tem razão.

– O secularismo que penetra cada vez mais a consciência e vida das pessoas, levando-as a pensar e agir sem Deus. E isto até em muitos que ainda se dizem cristãos, mas que tomam decisões e adotam estilos de vida absolutamente adversos à fé. E quando Deus está ausente, também

⁵ Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 70.

os fundamentos antropológicos se diluem, perdendo-se o sentido da transcendência e da dignidade da pessoa humana.

– A degradação de famílias, atingidas pelo individualismo e a dependência dos meios informáticos, que impedem o encontro e o diálogo entre os seus membros; ou de famílias vítimas de desagregação e da consequente separação entre pais e entre estes e os filhos, sobretudo em casos de divórcio.

– A globalização, a dois níveis: ao nível das redes sociais em que principalmente as gerações mais jovens são confrontadas com inúmeras informações, solicitações e propostas, entre si tão diversas e mesmo contraditórias, que só criam nas suas mentes e atitudes a confusão e o relativismo que em nada favorecem uma opção de fé em Deus esclarecida e convicta; e a nível do urbanismo, com a sua cultura propícia ao individualismo e pluralismo ético, em que cada um seleciona as ideias e os comportamentos, não segundo o critério da verdade e autenticidade, mas consoante as conveniências pessoais.

As oportunidades para o encontro

4. Estes e outros fenómenos não são, porém, apenas e em tudo negativos. São antes, como escreve o Papa Francisco, ocasiões e “motivações para um renovado impulso missionário”⁶, a exemplo do que aconteceu com a Igreja em outras épocas da história bem mais adversas para ela e, sobretudo, com o próprio Cristo que da morte mais ignominiosa fez o auge da oferta da vida, aquele ato supremo de amor do qual nasceu e vive a Igreja.

E, de facto, das sombras referidas já começam a emergir, na sociedade e na Igreja, **sinais de desejo de Deus** e abertura à fé, expressões de vida nova. Eis alguns exemplos:

– Genericamente, uma crescente procura de espiritualidade, o desejo mais intenso de liberdade interior (a liberdade especificamente cristã), uma dedicação mais longa e frequente à solidariedade, uma renovada valorização da memória e dos sinais religiosos, um maior apreço pelo património moral e artístico do cristianismo.

⁶ Cf. Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*: título e conteúdo dos n. 262-283.

– A nível familiar, encontramos cada vez mais famílias em que se preza e promove o convívio entre os seus membros; pais, avós e outros encarregados de educação que se preocupam em acompanhar os filhos num desenvolvimento integral e harmonioso, esforçando-se por participar e colaborar ativamente com outras instituições educativas, como a escola e a Igreja.

– Num âmbito especificamente cristão, aumenta o número de adultos e jovens que (re)descobrem a fé e se empenham na missão, ou de crianças que se deixam encantar por Jesus, não por pressão externa, como seria em regime de cristandade, mas por uma convicção de fé pessoal e livre, muitas vezes testada por um meio ambiente adverso; como aumentam também as comunidades cristãs, mormente em meios urbanos, nas quais, contra o individualismo e o anonimato, se cultiva o convívio entre os seus membros, de níveis culturais e sociais diferentes, mas unidos pela mesma fé.

Tudo isto se situa, sem dúvida, nos “inúmeros sinais da sede de Deus, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressos implícita e negativamente”, de que fala Bento XVI a propósito da desertificação espiritual que se tem apoderado da sociedade atual. É aí, continua o mesmo Papa, que “existe sobretudo a necessidade de pessoas de fé que, com as suas próprias vidas indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo viva a esperança”⁷ – cristãos que, nas suas vidas, transmitam Cristo a tantas pessoas que O procuram, muitas talvez sem disso terem consciência.

Sinais de uma catequese renovada

5. Que esses cristãos existem entre nós, empenhados nomeadamente na catequese, mostram-no as respostas recebidas das nossas dioceses ao documento de trabalho que lhes foi enviado para reflexão e participação sinodal na elaboração desta carta pastoral. A eles se devem muitos dos sinais de renovação referidos nessas respostas:

– Uma compreensão mais integral da catequese que abrange, além do ensino, a dimensão celebrativa e orante e a prática do Evangelho;

– A renovação pedagógica que ajuda a relacionar a fé e a vida e a valorizar o lugar da liturgia, com realce para a Eucaristia, na formação cristã;

⁷ Bento XVI, *Homilia durante a Santa Missa de abertura do Ano da Fé*, in AAS 104 (2012) 881 (citada pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 86). Sobre esta sede de Deus vejam-se ainda os n. 71, 89 e 123.

- Iniciativas diversas para, em colaboração com a catequese paroquial, envolver as famílias na formação e educação cristã dos filhos;
- Preocupação em conjugar a catequese com a vida das comunidades cristãs, suas células e movimentos eclesiais;
- Perfil renovado do catequista, com mais consciência da necessidade de formação permanente, tanto nos conhecimentos como na vivência da fé;
- Participação de muitos jovens, a par de adultos, no serviço da catequese, com os correspondentes frutos no seu crescimento cristão;
- Intensificação da dimensão missionária da catequese, no sentido de cativar ausentes, despertando nomeadamente os pais para a sua própria formação;
- Experiências reformadoras e inovadoras na catequese dos adolescentes.

São sinais de renovação que nos enchem de alegria e esperança e pelos quais damos graças ao Senhor. A Ele os devemos, à sua presença viva e ativa naqueles que com Ele se encontram e d'Ele recebem o discernimento e o entusiasmo que os fazem suas testemunhas credíveis.

Mas, confiados no mesmo Senhor, queremos ir mais além. Na sequência de outros documentos por nós publicados – a “Carta Pastoral sobre a renovação da Igreja em Portugal na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo” (1984), as “Orientações para a catequese atual” sob o título “Para que acreditem e tenham vida” (2005) e, mais recentemente, a “Nota Pastoral: Promover a renovação da pastoral da Igreja em Portugal” (2013) – queremos que a renovação passe de sinais mais ou menos incipientes e isolados e seja plenamente assumida em todas as comunidades cristãs. Move-nos, como ao Apóstolo Paulo, a firme convicção de que estamos no *tempo favorável, no dia da salvação* (2 Cor 6, 2) – para o encontro com Jesus Cristo, imprescindível para o acolhimento e o anúncio do seu Evangelho.

II. É CRISTO QUE VEM AO NOSSO ENCONTRO

Jesus Cristo ressuscitado...

6. É como ressuscitado que Ele continua a vir ao nosso encontro, nos conquista e transforma. Como fez com **as primeiras testemunhas**, as

oculares. Aliás, é no testemunho delas que nos fundamentamos. Por várias razões e em diversos sentidos:

Antes de mais porque são elas a prova mais convincente de que a ressurreição de Jesus – que se processou entre Ele e Deus e, portanto, fora do espaço e do tempo acessíveis aos meios humanos de investigação científica – “é um acontecimento real, com manifestações historicamente verificadas”⁸. Há também o sepulcro vazio. Mas “a ausência do corpo de Cristo poderia explicar-se de outro modo”⁹. Ao passo que naqueles a quem Ele se manifestou deixou **sinais da sua ressurreição** na vida nova que lhes transmitiu: da mais profunda desilusão e tristeza passaram à maior alegria e entusiasmo; de um medo paralisante, ao anúncio mais corajoso; de mortífero perseguidor, no caso de Paulo, ao mais incansável evangelizador. Tudo, diz o Apóstolo, devido ao *bem supremo, que é o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor* (Fil 3, 8).

E foi assim, “como testemunhas do Ressuscitado”, que eles se tornaram “**as pedras do alicerce da sua Igreja**”¹⁰. Foi do seu testemunho que ela nasceu e vive, a começar pela primeira comunidade de Jerusalém, formada a partir da pregação de Pedro e modelo para as Igrejas de todos os tempos e lugares. Como nela, ainda hoje os cristãos são ou devem ser **assíduos ao ensino dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações** (At 2, 42). Atividades em que o Ressuscitado vem igualmente ao nosso encontro, para d’Ele, com Ele e para Ele vivermos.

Aliás, muitas das suas aparições estão decalcadas nessas atividades. Desde logo o dia em que se deram: sobretudo o *primeiro dia da semana* (Mt 28, 1; Lc 24, 1; Jo 20, 1.19), que, por isso e ainda durante a formação do Novo Testamento, passou a ser chamado *Dia do Senhor* ou *Domingo* (Ap 1, 10), festejado com a celebração da Eucaristia (cf. At 20, 7) e a partilha de bens, própria da comunhão fraterna (cf. 1 Cor 16, 2). E foi em contexto eucarístico que Ele se manifestou aos discípulos junto do lago de Tiberíades (cf. Jo 21, 9-13); e de modo ainda mais evidente aos dois de Emaús que o *reconheceram, ao partir do pão* (Lc 24, 30.31.35); mas já antes, diziam eles, *ardia cá dentro o nosso coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos*

⁸ *Catecismo da Igreja Católica*, 639.

⁹ *Catecismo da Igreja Católica*, 640, com alusões a Jo 20, 13 e Mt 28, 11-15 acerca do possível roubo do corpo de Jesus.

¹⁰ *Catecismo da Igreja Católica*, 642 (o negrito é nosso).

explicava as Escrituras (Lc 24, 32). Um esquema que perdura até hoje, na celebração da Missa, com a liturgia da palavra e a eucarística.

7. Mas o **Ressuscitado** que, desses e de outros modos, vem ao nosso encontro, é também o **Crucificado** – aquele que, na morte,

Deu a sua vida por nós (1 Jo 3, 16).

Morte e ressurreição de Jesus são duas partes do mesmo acontecimento, numa indissociável interdependência: não tanto e apenas porque a morte é condição natural para a ressurreição, mas sobretudo porque foi o modo como Jesus enfrentou a morte que levou Deus a ressuscitá-l'O. Dito por S. Paulo: Porque Ele, depois de encarnar, *se humilhou ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz, por isso Deus O exaltou e lhe deu um nome que está acima de todos os nomes* (Fil 2, 8-9).

A exaltação (como dimensão gloriosa da ressurreição) deve-se, pois, à obediência ou entrega a Deus, àquele Deus que *amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita n'Ele não pereça, mas tenha a vida eterna* (Jo 3, 16), o Deus que *nem sequer poupou o próprio Filho, mas O entregou por todos nós* (Rom 8, 32). O próprio Jesus interpreta a sua morte como auge desse amor: *Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos* (Jo 15, 13). E por isso a sua morte já é para Ele exaltação: *Quando eu for elevado da terra atrairei todos a mim* (Jo 12, 32; cf. 3, 14; 8, 28). A elevação de que fala é, simultaneamente, a da cruz e a da glória; e a atração universal é a de um amor extremo e irresistível. Quem se não deixa atrair por alguém que dá totalmente a vida por todos nós?!

E foi assim, **como crucificado e ressuscitado, que Ele se manifestou**. Aos discípulos, fechados em casa *com medo dos judeus, apresentou-se no meio deles (...)* e *mostrou-lhes as mãos e o lado* (Jo 20, 19-20; cf. Lc 24, 39): as mãos que lhe tinham cravado na cruz; e o peito que, já morto, tinha sido trespassado pela lança do soldado e do qual *logo saiu sangue e água* (Jo 19, 34), os últimos restos de vida. Gestos que, oito dias depois, repete diante do incrédulo Tomé e perante os quais ele se rende, com a confissão de fé: *Meu Senhor e meu Deus!* (Jo 20, 28).

8. Mas há outros sinais do mesmo **amor do Crucificado comunicado enquanto Ressuscitado**. Desde logo a iniciativa das aparições e a sua

consequente gratuidade: não são os discípulos que O procuram; é Ele que vai ao seu encontro e de um modo para eles totalmente inesperado e imerecido. Assim aconteceu com os dois que, frustrados e tristes, abandonavam Jerusalém e regressavam a Emaús: foi Jesus que *se aproximou deles e se pôs com eles a caminho* (Lc 24, 15).

E a Pedro: foi Ele que *lhe apareceu* (à letra, *se deu a ver*, Lc 24, 34) – ao mesmo Simão Pedro que antes O tinha renegado três vezes e a quem, talvez por isso, exigiu uma tríplice declaração de amor, antes de o enviar a apascentar a sua Igreja, como mediador do amor e perdão manifestado na cruz (cf. Jo 21, 15-17; 20, 23).

O caso mais extremo é o de Paulo, que, no seu dizer, foi *alcançado por Cristo Jesus* (Fil 3, 12), precisamente quando, na pessoa dos seus discípulos, perseguia a Igreja de Deus. Por isso, confessa ele, *não sou digno de ser chamado apóstolo*. E acrescenta: *Mas, pela graça de Deus, sou aquilo que sou, e a graça que Ele me deu não foi inútil. Pelo contrário, tenho trabalhado mais que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo* (1 Cor 15, 9-10). Isto é, Paulo passou a estar possuído pela mesma graça, o mesmo amor com que Cristo o converteu e desde então nele atua, como seu apóstolo.

Outro modo de o Ressuscitado exprimir esse amor é pelo nome, identificativo da pessoa. Quem ama procura tratar pelo nome a pessoa amada. Assim aconteceu com Maria Madalena em busca do corpo de Jesus e a falar com Ele, mas pensando tratar-se do jardineiro. *Maria!* – Diz-lhe Ele (Jo 20, 16). Só então ela O reconhece: ao sentir-se por Ele amada, com o amor que, desde a cruz, O identifica ainda mais e que Ele atualiza para com ela, chamando-a pelo nome.

O mesmo fez com Paulo, ao interpelá-lo: *Saúl, Saúl, porque me persegues?* (At 9, 4; 22, 7; 26, 14). Neste caso o amor é ainda maior: é a um inimigo, como os que O tinham crucificado. Por isso o chama pelo nome hebraico e na versão hebraica que mais assim o identifica (em grego seria “Saulo”). Como o próprio escreve, ele perseguia a Cristo por ser *fariseu* e, como tal, *extremamente zeloso das tradições dos meus pais* (Fil 3, 5; Gal 1, 14).

Temos, enfim, a fração do pão no termo da caminhada do Ressuscitado com os discípulos de Emaús, *quando Ele se pôs à mesa, tomou o pão, recitou*

a bênção, *partiu-o e entregou-lho* (Lc 24, 30). Qualquer leitor cristão associa a estes gestos as palavras que, desde a Última Ceia até às celebrações eucarísticas atuais, os completam e lhes dão sentido: “Isto é o meu Corpo, que será entregue por vós”; “Este é o cálice do meu Sangue, o Sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos, para remissão dos pecados”. Diz o Papa Bento XVI, a propósito destas palavras de Jesus: “Ao fazer do pão o seu Corpo e do vinho o seu Sangue, Ele antecipa a morte, aceita-a no seu íntimo e transforma-a numa ação de amor. Aquilo que exteriormente é violência brutal – a crucifixão – torna-se interiormente um gesto de amor que se doa totalmente”¹¹.

E porque os dois se viram assim por Ele amados, por isso *nesse momento se lhes abriram os olhos e O reconheceram... E partiram imediatamente de regresso a Jerusalém*, para levarem aos Onze e aos *que estavam com eles* o testemunho da experiência recebida, o feliz anúncio do Ressuscitado (Lc 24, 31.33.35).

A centralidade do querigma

9. A reação destes dois discípulos é idêntica à das restantes testemunhas. Também *Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: Vi o Senhor*. E eles a Tomé: *Vimos o Senhor* (Jo 20, 18.25). E Paulo, apenas batizado por Ananias e ainda em Damasco, *começou logo a proclamar nas sinagogas que Jesus era o Filho de Deus* (At 9, 20). De resto, no final de todos os quatro Evangelhos, Jesus despede-se dos discípulos com um mandato semelhante ao de Lc 24, 46-48: *Assim está escrito que o Messias havia de sofrer e de ressuscitar dos mortos ao terceiro dia e que havia de ser pregado em seu nome o arrependimento e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois testemunhas de todas estas coisas*.

A **testemunha** tem habitualmente um conhecimento empírico, vivenciado do que fala – um conhecimento que até pode ser determinante para o seu próprio ser e agir e nele se refletir, tratando-se sobretudo de uma experiência do sagrado, como é o encontro com Jesus Cristo Senhor. Era o caso dos Apóstolos Pedro e João, depois de curarem um paralítico, *em nome de Jesus Cristo Nazareno* (At 3, 6), e a concluir, perante o Sinédrio, o

¹¹ Bento XVI, *Homília da Missa de Marienfeld. XX Jornada Mundial da Juventude*, in *Lumen*, III, 66 (2005, 5) 27.

anúncio da morte e ressurreição de Cristo Jesus: *E nós somos testemunhas destes factos, nós e o Espírito Santo que Deus tem concedido àqueles que lhe obedecem* (At 5, 32). O Espírito de que falam, fora-lhes infundido pelo Ressuscitado (cf. Jo 20, 22; At 2, 33); e este passou, desde então, a estar de tal modo presente neles, que os torna mediadores da sua salvação. São suas testemunhas pela ação e pela palavra. Quem os capacitou para a cura é o mesmo que anunciam pela palavra.

O mesmo diz e faz o Apóstolo Paulo ao apresentar-se como ministro da *reconciliação*, no contexto da sua conversão e vocação: O mesmo Deus, que *em Cristo reconcilia o mundo consigo*, também *por Cristo nos reconciliou consigo e nos confiou o ministério da reconciliação*, (...) *confiando-nos a palavra da reconciliação* – a palavra que ele transmite *como embaixador de Cristo* e com Deus a exortar por meio dele: *Nós vos pedimos em nome de Cristo: deixai-vos reconciliar com Deus* (2 Cor 5, 18-20). Transmite a reconciliação que Deus, em Cristo crucificado, fez com toda a humanidade e com o próprio, quando o mesmo Cristo lhe apareceu, capacitando-o desse modo, para ser mediador dessa reconciliação. Encarnou assim a mensagem que passou a anunciar; e anuncia-a, encarnada na sua própria vida, no exercício do seu ministério.

10. E a isso é que ele atribui muito do **poder persuasivo**, da **eficácia da mensagem**. Por exemplo, em Corinto, onde – como ele recorda em 1 Cor 2, 2-5 – *me apresentei diante de vós, cheio de fraqueza e de temor e a temer deveras*. Mas foi por isso que eles acreditaram: por verem, ao vivo, no estado lastimoso do Apóstolo, o Evangelho que anunciava – *Jesus Cristo crucificado* e, ao mesmo tempo, *a poderosa manifestação do Espírito*, o mesmo Espírito que levava Cristo a vencer a morte e agora leva o Apóstolo a dar-se com semelhante intensidade.

É que o amor fortalece-se, quando provado pelo sofrimento. Torna-se mais naquele amor que *tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta* e, por isso, *não acaba nunca*, escreve ele no hino à caridade da mesma carta (1 Cor 13, 7-8). E isto, a propósito da Igreja, antes apresentada como um corpo em que os membros, com diferentes funções, se completam e unem no *mesmo Espírito*, no *mesmo Senhor* (Jesus) e no *mesmo Deus* (1 Cor 12, 4-5). Por isso lhe chama *corpo de Cristo* (1 Cor 12, 27), isto é, uma comunidade em que Cristo atua e se manifesta – com o seu amor ilimitado e na comunhão eclesial que dele nasce e vive.

Que esta comunhão tinha e tem um enorme potencial evangelizador e atrativo, pode ver-se na primeira comunidade de Jerusalém: porque *todos os*

que haviam abraçado a fé viviam unidos e tinham tudo em comum (...), todos os dias frequentavam o templo, como se tivessem uma só alma, e partiam o pão em suas casas (...), por isso gozavam da simpatia de todo o povo, e o Senhor aumentava todos os dias o número dos que deviam salvar-se (At 2, 44-47).

11. É neste alargado contexto querigmático que pode e deve situar-se também a catequese, na dimensão em que dela escreve o Papa Francisco:

“Uma catequese querigmática”¹².

Trata-se do **primeiro anúncio** enquanto, no seu dizer, “também na catequese tem um papel fundamental”. Por isso, continua o Papa, ele se chama «primeiro»: não no sentido de que “se situa no princípio e, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam”; mas “em sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que se tem de voltar a ouvir sempre de diferentes maneiras e aquele que se tem de voltar a anunciar sempre, de uma forma ou de outra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos”. Tem, nomeadamente, de voltar a ressoar sempre “na boca do catequista (...): «Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar»”¹³.

É que, explica o Papa, “toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética e permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano”¹⁴.

12. Isto significa, antes de mais, que **a catequese** se não pode reduzir à transmissão de conteúdos doutriniais, como no modelo escolar. A transmissão **tem de fazer-se de modo vivenciado, inserida no encontro com Jesus Cristo**. De resto, todo o encontro de catequese tem de ser encontro com Ele. Porque é Ele quem, vindo ao nosso encontro, nos pode despertar para a fé, uma fé que atinja todo o nosso ser: a cabeça, o coração e as mãos,

¹² Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*: parte do título dos n. 163-168.

¹³ Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 163.

¹⁴ Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 164.

que, segundo o Papa Francisco, necessariamente se correlacionam: a cabeça para “pensar o que se sente e o que se faz”; o coração para “sentir o que se pensa e o que se faz”; e as mãos para “fazer o que se sente e se pensa”¹⁵.

III. LUGARES DO ENCONTRO

A Igreja

13. Que a Igreja, como comunidade de crentes, é o lugar por excelência para encontrar Jesus Cristo, pode ver-se já na vocação dos seus dois primeiros discípulos, descrita em **Jo 1, 35-39**. O impulso parte de João Batista, de quem até então eram discípulos: *Vendo Jesus a passar, diz: «Eis o Cordeiro de Deus»*. E quando os dois já O seguem, Jesus pergunta-lhes: *«Que procurais?»* Resposta deles: *«Rabi (...), onde moras?»* Sabendo já quem Ele é, só a morada lhes interessa. E, a convite de Jesus, *foram ver onde morava e ficaram com Ele nesse dia*. Com este pormenor: *Era por volta das quatro horas da tarde*. Que morada é esta? E a que se refere a hora?

A resposta chega-nos da Última Ceia, em que Jesus prepara os discípulos para o tempo posterior à sua morte, o tempo da Igreja. Contra o medo de ficarem sós, assegura-lhes que *na casa de meu Pai há muitas moradas*, nas quais lhes vai *preparar um lugar*, e promete-lhes: então *virei novamente para vos levar comigo para que onde eu estou estejais vós também* (Jo 14, 2.3). Que essa morada não é somente a celeste, vê-se pela repetição da promessa: *Quem me ama guardará a minha palavra e meu Pai o amará; nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada* (Jo 14, 23). Esta vinda dar-se-á através do Espírito Santo Paráclito (cf. Jo 14, 26), que Ele, ressuscitado, de facto lhes transmite, capacitando-os, a eles e a todos os crentes, para o amor obtido pelo perdão (cf. Jo 20, 22-23) – o amor fraterno que nos identifica como seus discípulos e nos une na sua Igreja (cf. Jo 13, 35; 17, 20-23).

Quer isto dizer que as *quatro horas da tarde*, em que os primeiros discípulos entraram na morada de Jesus, apontam possivelmente para a hora a seguir à da sua morte¹⁶ – a hora em que do seu peito, trespassado pela lança do

¹⁵ Papa Francisco, *Entrevista à Radio Renascença*, in Aura Miguel, *Conversas em Altos Voos*, 93.

¹⁶ Pelas três da tarde, segundo Mt 27, 46; Mc 15, 35; Lc 23, 44.

soldado, *saiu sangue e água* (Jo 19, 34), tradicionalmente relacionados com o Batismo e a Eucaristia, de que vive a Igreja. Daí a afirmação, com base nisso, de que a Igreja começou e cresceu “pelo sangue e pela água saídos do lado aberto de Jesus crucificado”¹⁷. De facto, é nela que Jesus Cristo vem ao nosso encontro, tal como João Batista no-lo apresenta: *Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo* (Jo 1, 29) – isto na Eucaristia, memorial do amor infinito manifestado na sua morte e ressurreição.

14. Por isso, é sobretudo aí, “no santo Sacrifício da Missa” e “principalmente sob as espécies eucarísticas”, que Ele está presente¹⁸. Mas, dentro ou fora da celebração eucarística, Ele “está presente na sua Igreja de múltiplos (outros) modos: na sua Palavra, na oração da Igreja, *onde dois ou três estão reunidos em meu nome* (Mt 18, 20), nos pobres, nos doentes, nos prisioneiros (cf. Mt 25, 31-46), nos seus sacramentos, dos quais é o autor (...) e na pessoa do ministro”¹⁹.

Vejamos como, em alguns desses lugares, podemos encontrar-nos com Ele.

A palavra da Escritura

15. Que “todas as Escrituras (a Lei, os Profetas e os Salmos) se cumpriram em Cristo”²⁰, de tal modo que, como diz S. Jerónimo, “desconhecer as divinas Escrituras é desconhecer Cristo”²¹, vê-se ainda, entre inumeráveis exemplos, na sua apresentação como *Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*. Tudo indica que se inspira no Cordeiro Pascal, do livro do Êxodo, e no Servo de Deus, do livro de Isaías: na cruz, Jesus foi realmente o Servo que *suportou as nossas enfermidades e tomou sobre si as nossas dores (...), como cordeiro levado ao matadouro* (Is 53, 4.7; cf. v. 11); e foi o Cordeiro Pascal do qual se diz: *nenhum osso lhe será quebrado* (Ex 12, 46 citado em Jo 19, 36). E na medida em que, *como nosso cordeiro pascal, foi imolado* (1 Cor 5, 7), assim nos libertou da escravidão do pecado e continua a libertar, designadamente pela **Sagrada Escritura que d’Ele fala e em que Ele nos fala.**

¹⁷ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Dogmática A Santa Igreja*, 3.

¹⁸ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição sobre a Sagrada Liturgia*, 7.

¹⁹ *Catecismo da Igreja Católica*, 1373.

²⁰ *Catecismo da Igreja Católica*, 2763, com uma alusão a Lc 24, 44.

²¹ Jerónimo, *Comentário a Isaías*, prólogo, PL 24, 17 (citado em Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina*, 25).

16. Esta é uma das características da Bíblia que, para nós crentes, a distingue de qualquer outro livro: “As Sagradas Escrituras contêm a Palavra de Deus e, por serem inspiradas, são verdadeiramente Palavra de Deus”. Ou ainda, pela mesma razão: “Nos Livros Sagrados, o Pai que está nos Céus vem carinhosamente ao encontro dos seus filhos, para conversar com eles”²². Isto é, ao lermos ou escutarmos os textos bíblicos, nesse preciso momento está Deus a falar-nos, o mesmo Deus que inspirou os autores humanos, fazendo suas – isto é, sagradas – as obras por eles escritas, e nelas se comunica. Daí a eficácia que o texto bíblico tem – desde que lido ou escutado “segundo o Espírito que habita na Igreja”,²³ o mesmo Espírito que o inspirou.

Para isso é necessário **cuidar do ambiente em que é feita a leitura**, sobretudo pela oração, como aliás acontece nas celebrações litúrgicas; ou nos encontros de catequese, por norma centrados num ou mais textos bíblicos; ou na *lectio divina* ou leitura orante, pessoal ou comunitária, especialmente propícia para “criar o encontro com Cristo, Palavra divina viva”²⁴; ou em expressões de piedade popular, como a Via-Sacra e o Rosário, em que cada estação e cada mistério são introduzidos por uma leitura bíblica.

17. Com tudo isso nos congratulamos, mas é preciso mais. Uma regular leitura da Bíblia ainda não entrou nos hábitos de muitos cristãos, mesmo daqueles que, na catequese da infância, dedicaram todo um ano a conhecê-la.

Por isso assumimos o desejo do Papa Francisco expresso no final do Ano Santo da Misericórdia: “Que cada comunidade pudesse, num domingo do Ano Litúrgico, renovar o compromisso em prol da difusão, conhecimento e aprofundamento da Sagrada Escritura: um domingo dedicado inteiramente à Palavra de Deus, para compreender a riqueza inesgotável que provém daquele diálogo constante de Deus com o seu povo”²⁵.

E sugerimos, como data, o domingo em que nas nossas comunidades cristãs se celebra a Festa da Palavra conclusiva do ano catequético dedicado à Sagrada Escritura (com o título: *Tens Palavras de Vida Eterna*, de Jo 6, 68).

²² Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina*, 21.

²³ Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 127.

²⁴ Bento XVI, Exortação Apostólica *A Palavra de Deus*, 87.

²⁵ Papa Francisco, Carta Apostólica no termo do Jubileu Extraordinário da Misericórdia *Misericórdia et Misera*, 7.

Para as crianças em festa será um meio de se sentirem ainda mais integradas na comunidade: na medida em que esta acolhe o seu testemunho evangelizador acerca da experiência que fizeram com a Palavra de Deus e, desse modo, as incentiva a continuarem a ler a Bíblia, dentro e fora da catequese. E isto integrado na celebração em que deve ser maior a comunhão da comunidade, porque proveniente do encontro pessoal de cada um com Jesus Cristo no sacramento em que é mais viva a sua presença.

A Eucaristia

18. Se falamos aqui apenas deste sacramento, é sobretudo por ele ser, segundo S. Tomás de Aquino, “o sacramento dos sacramentos”²⁶. No II Concílio Ecuménico do Vaticano explicou-se porquê: por ser “fonte e cume de toda a vida cristã”²⁷. Isto é, “todos os outros sacramentos (...), bem como todos os ministérios eclesiais e obras de apostolado estão unidos com a Eucaristia e a ela se ordenam”, já que “na Sagrada Eucaristia está contido todo o bem espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, nossa Páscoa”²⁸.

E a melhor expressão de “Cristo, nossa Páscoa” está no modo como nos é apresentado antes de o comungarmos: *Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*. São palavras que, como já vimos, resumem o **mistério pascal de Cristo**, em que Ele *consumou* a obra salvífica para a qual fora enviado pelo Pai (cf. Jo 19, 30). Baseando-se nas parábolas de Jesus sobre a misericórdia de Deus (Lc 15), diz o Papa Bento XVI que “na sua morte na cruz, cumpre-se aquele virar-se de Deus contra si próprio, com o qual Ele se entrega para levantar o ser humano e salvá-lo – o amor na sua forma mais radical. No mistério pascal, realizou-se verdadeiramente a nossa libertação do mal e da morte”²⁹.

Mas aquelas palavras resumem também o mistério celebrado na Eucaristia, que Jesus instituiu na festa da Páscoa judaica, centrada no Cordeiro Pascal. Sobre isso diz ainda Bento XVI: “Jesus é o *verdadeiro* Cordeiro Pascal, que

²⁶ Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, 3, q. 65, a. 3 (citado no *Catecismo da Igreja Católica*, 1211).

²⁷ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Dogmática A Santa Igreja*, 11.

²⁸ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Decreto sobre o Ministério e Vida dos Sacerdotes*, 5.

²⁹ Bento XVI, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramento da Caridade*, 9.

se ofereceu espontaneamente a si mesmo em sacrifício por nós, realizando assim a nova e eterna aliança. A Eucaristia contém nela esta novidade radical, que nos é oferecida em cada celebração”³⁰.

19. É este amor tão radical que, no seu memorial eucarístico, mais nos atrai, fascina e conquista. É então que olhamos *para Aquele que trespassaram* (Jo 19, 37), contemplando-O e adorando-O no amor em que todo Ele se nos dá, ao entregar o seu Corpo e derramar o seu Sangue por nós e por todos. Uma adoração silenciosa de que irrompe a exclamação de fé: “Anunciamos Senhor a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!” Ou depois nos conduz ao “Ámen”, a expressão da fé com que, antes de O comungarmos, respondemos à apresentação do seu “Corpo” – o Corpo antes entregue por nós.

É neste sentido que deve entender-se a “**participação** plena, consciente e ativa” nas celebrações litúrgicas em que insiste o II Concílio Ecuménico do Vaticano³¹. E não – como por vezes se pensa, sobretudo tratando-se de crianças – no sentido de uma “mera atividade exterior durante a celebração”. Não: “A participação ativa desejada pelo Concílio deve ser entendida (...) a partir de uma maior consciência do mistério que é celebrado e da sua relação com a vida quotidiana”³². E de facto é isso que o Concílio recomenda: que os fiéis “sejam instruídos pela palavra de Deus, se alimentem à mesa do Corpo do Senhor, deem graças a Deus; oferecendo a hóstia imaculada, não só pelas mãos dos sacerdotes mas também em união com ele, aprendam a oferecer-se a si mesmos e, por Cristo Mediador, dia após dia, sejam consumados na unidade com Deus e entre si”³³.

20. Com isto já estamos a falar também das **repercussões e efeitos deste sacramento na nossa vida pessoal e comunitária**. Entre as que mais nos situam no encontro com Jesus Cristo, estão:

– No âmbito da relação entre a celebração eucarística e a adoração, pessoal ou comunitária, como “prolongamento visível da celebração eucarística, a qual,

³⁰ Bento XVI, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramento da Caridade*, 9.

³¹ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição sobre a Sagrada Liturgia*, 14 (o negrito é nosso).

³² Bento XVI, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramento da Caridade*, 52.

³³ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição sobre a Sagrada Liturgia*, 48.

em si mesma, é o maior ato de adoração da Igreja³⁴. Alegra-nos que esteja a crescer o apreço por ela, inclusivamente da parte de crianças e jovens: apreço sobretudo pelo silêncio que, em alternância com a palavra, tão propício é para a intimidade do encontro com o Senhor.

– Em sentido intraeclesial, a construção da igreja: “Os que recebem a Eucaristia estão mais estreitamente unidos a Cristo. Por ela, Cristo une todos os fiéis num só Corpo: a Igreja” – cuja primeira finalidade é “ser sacramento da *união íntima do homem com Deus*”³⁵.

– Em perspectiva extraeclesial, a evangelização: “Com efeito, não podemos reservar para nós o amor que celebramos neste sacramento: por sua natureza, pede para ser comunicado a todos. Aquilo de que o mundo tem necessidade é do amor de Deus, é de encontrar Cristo e acreditar n’Ele”³⁶ – com a *fé que atua pela caridade* (Gal 5, 6).

A vivência da caridade

21. Segundo o Papa Bento XVI, a prática da caridade na igreja “pertence tanto à sua essência como o serviço dos sacramentos e o anúncio do evangelho.” Mais: “São deveres que se reclamam mutuamente, não podendo um ser separado dos outros”³⁷.

É que também **a caridade nasce e se nutre de Cristo**, do encontro pessoal com Ele, naquele supremo ato de doação em que se tornou o *Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*. E porque nos é assim apresentado na Eucaristia, por isso Ele aí nos arrasta e envolve “na dinâmica da sua doação”³⁸.

Uma doação que se exprime, já na celebração, pelo gesto da **paz**, mas que tem de alargar-se a toda a nossa vida. Daí que, a seguir a esse gesto, O invoquemos por três vezes com o mesmo título, pedindo-lhe que tenha piedade de nós e nos dê a paz – aquela paz que Ele prometeu na Última Ceia (cf. Jo 14, 27) e transmitiu depois de glorificado na tríplice saudação: *A paz esteja convosco!* (Jo 20, 19.21.26); uma paz diferente daquela que *dá o mundo* (cf. Jo 14, 27), porque radicada no perdão e na reconciliação (cf. Jo 20, 23),

³⁴ Bento XVI, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramento da Caridade*, 66.

³⁵ *Catecismo da Igreja Católica*, 1396.775.

³⁶ Bento XVI, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramento da Caridade*, 84.

³⁷ Bento XVI, Encíclica *Deus é Amor*, 22.25.

³⁸ Bento XVI, Encíclica *Deus é Amor*, 13.

impossíveis sem o poder do amor. E se, por isso, Cristo é a nossa paz (Ef 2, 14), podemos também dizer d'Ele o que proclamamos sobre Deus: onde há caridade verdadeira, aí habita Ele. Tanto mais que, como diz S. Agostinho, “se vês a caridade, vês a Trindade”³⁹.

22. Nesse sentido – àqueles que no juízo universal serão por Ele julgados – Ele próprio diz estar **presente nos carenciados** de alimento, habitação, vestuário, saúde, liberdade. De tal modo que o que *fizestes* (ou não) *a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes* (Mt 25, 40). São *pequeninos* porque carenciados de vida; e *irmãos* porque Ele tanto viveu para eles, que se tornaram membros da sua família, parte do seu ser. De modo semelhante diz Ele das crianças, com uma nos braços: *Quem receber uma destas crianças em meu nome é a Mim que recebe; e quem Me receber, não Me recebe a Mim mas Àquele que Me enviou* (Mc 9, 37). Trata-se de um amor universal e gratuito, próprio de um Deus que de todos é Pai e como tal *faz nascer o sol sobre bons e maus e chover sobre justos e injustos* (Mt 5, 45). E se há filhos que Ele mais ama, são os que mais precisam, como a ovelha perdida ou o filho pródigo (cf. Lc 15).

23. De modo semelhante Jesus se diz presente na sua Igreja: *Onde estão dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles* (Mt 18, 20). Está no meio deles, por dois motivos: porque é Ele quem os une em **oração** (cf. Mt 18, 19), naquele “encontro da sede de Deus com a nossa. Deus tem sede de que nós tenhamos sede d'Ele”, como no encontro de Jesus com a mulher samaritana⁴⁰. Daí que Ele esteja no meio de nós também pelo motivo da oração: o irmão que pecou e que, tendo rejeitado todas as tentativas humanas para se arrepender, se tornou como *um pagão e um publicano*, um estranho à Igreja (cf. Mt 18, 15-17); mas do qual ela não pode desligar-se, a exemplo de Jesus, especialmente *amigo de publicanos e pecadores* (Mt 11, 19), e sabendo, como Ele diz, que *tudo o que ligardes na terra será ligado no Céu* (Mt 18, 18) – designadamente pela oração.

Por tudo isso é em tais situações que Jesus está ainda mais presente na sua Igreja: quando, pela misericórdia e o perdão, o seu e nosso amor é maior na sua e nossa Igreja.

³⁹ Agostinho, *Acerca da Trindade*, VIII, 8, 12 (citado em Bento XVI, Encíclica *Deus é Amor*, 19).

⁴⁰ *Catecismo da Igreja Católica*, 2560 (acerca de Jo 4, 10).

Uma catequese comunitária

24. Se “a finalidade última da catequese é pôr as pessoas não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade, com Jesus Cristo”⁴¹; e se, como acabamos de ver, “o anúncio, a transmissão e a experiência vivida no Evangelho se realizam na Igreja” – então “**a comunidade cristã é a origem, o lugar e a meta da catequese**”⁴². É nesse sentido que a catequese é comunitária: porque vive da comunidade e para a comunidade.

25. Que a catequese tem de **levar os catequizandos a integrarem-se na comunidade** cristã é a conclusão óbvia da reflexão anterior: é sobretudo lá, na Igreja, que podem encontrar-se com Jesus Cristo Senhor, presente ao vivo na Palavra, na Liturgia, em especial na Eucaristia e nos sacramentos, e na prática da caridade.

Mas, apesar de tão óbvio, infelizmente a realidade é ainda, em muitos casos, a oposta. Uma falha grave, que muito preocupa os responsáveis pela catequese nas nossas dioceses, segundo testemunhos deles recebidos. E com razão: está aí talvez a causa principal do referido abandono de crianças e jovens durante ou no final do percurso catequético.

Daí o nosso apelo a cada comunidade cristã, mormente na pessoa dos seus responsáveis, a que tudo faça para chamar e acolher, com a alegria e o afeto de mãe, os filhos que gerou pelo batismo e precisam de crescer à luz da Palavra, com a energia do Pão eucarístico e na alegria da caridade praticada e recebida, inserindo-os em correspondentes atividades.

Onde isso já se faz, é a própria comunidade a primeira a ganhar, a ser revitalizada: na quantidade dos seus membros – quantos pais e outros familiares têm (re)encontrado o caminho para a Igreja e para Deus, levados pelos filhos! – e na qualidade da sua vida cristã, fruto de uma fé mais esclarecida e convicta dos seus membros nos encontros de catequese. O que pressupõe a outra dimensão da catequese comunitária.

26. Que **a vida da comunidade entre e se reflita na catequese**: pela experiência e o testemunho de vida dos próprios catequizandos e catequistas;

⁴¹ João Paulo II, Exortação Apostólica *Catequese para Hoje*, 7.

⁴² Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 217.254 (o negrito é nosso).

ou de outros cristãos comprometidos em atividades comunitárias de caráter missionário, litúrgico ou caritativo; ou ainda dos santos, especialmente os mais ligados à comunidade local. Em todos eles a mensagem cristã, porque encarnada na vida pessoal e comunitária é, sem dúvida, muito mais atraente e convincente.

Pela importância da liturgia, merece, neste campo, especial relevância a **catequese mistagógica**, isto é, o conhecimento vivencial dos ritos e símbolos, do silêncio, da linguagem e do canto que, nas celebrações, nos põem em contacto com o mistério da presença de Cristo. Que isso, segundo testemunhos recebidos das dioceses, esteja a ter entre nós uma crescente adesão, é mais um motivo para nos alegrarmos. É que, como escreveu Bento XVI, “por sua natureza a liturgia possui a eficácia pedagógica própria para introduzir os fiéis no conhecimento do mistério celebrado.” Um conhecimento em cujo itinerário entram, ainda segundo ele, três elementos: a “interpretação dos ritos à luz dos acontecimentos salvíficos”; a introdução “no sentido dos sinais contidos nos ritos”; e a indicação do “significado dos ritos para a vida cristã, em todas as suas dimensões”⁴³. É um itinerário que atinge todo o nosso ser – cabeça, coração e mãos – como, segundo o Papa Francisco atrás citado, deve acontecer em todo o encontro com Jesus Cristo.

IV. MEDIADORES DO ENCONTRO

A comunidade

27. Ninguém que se tenha encontrado com Jesus Cristo, consegue passar sem O anunciar. Tornou-se uma necessidade, *uma obrigação que me foi imposta*, confessa S. Paulo, exclamando: *Ai de mim, se eu não evangelizar!* (1 Cor 9, 16). Tal como, séculos antes, confessava o profeta Jeremias em relação à palavra recebida de Deus: *Havia no meu coração um fogo ardente, comprimido dentro dos meus ossos. Procurava contê-lo, mas não podia* (Jer 20, 9).

O mesmo sucede com os primeiros discípulos que seguem Jesus, o *Cordeiro de Deus*, e com Ele passam a morar. Primeiro é André que, mal vê

⁴³ Bento XVI, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramento da Caridade*, 64.

o irmão Simão Pedro, lhe anuncia: *Encontrámos o Messias*. Um dia depois é Filipe a dizer a Natanael: *Encontrámos Aquele de quem está escrito na Lei de Moisés e nos Profetas* (Jo 1, 41.45).

Ambos usam o verbo *encontrámos* no plural e no perfeito, um tempo verbal que, em grego, se refere a um acontecimento passado, mas que se repercute e mantém no presente. Isto é, ambos falam em nome dos outros discípulos que, como eles, continuam (a encontrar-se) com Jesus na sua morada, a sua Igreja.

28. De facto “**é sempre da comunidade cristã que nasce o anúncio do Evangelho**, que convida os homens e mulheres à conversão e a seguirem Cristo”⁴⁴. Foi o caso de S. Paulo, na sua primeira viagem missionária, com S. Barnabé: tomada a decisão pela comunidade de Antioquia, de que faziam parte, foi dela que partiram, *depois de terem jejuado e orado* e lhes terem imposto as mãos (At 13, 3). E foi para lá que, no final, regressaram e à comunidade *contaram tudo o que Deus fizera com eles* (At 14, 27).

O mesmo acontece com a catequese, como aprofundamento do primeiro anúncio e “ação evangelizadora fundamental de cada Igreja particular” (a diocese). Toda ela “deve sentir-se responsável por este serviço”; porque “é ela que anuncia, que transmite o Evangelho, que celebra... Os agentes «servem» este ministério e agem «em nome da Igreja»”⁴⁵.

29. Repare-se como é de “**serviço**” e “**servir**” que se fala, isto é, da atitude e ação em que a prioridade absoluta é dada a quem envia – Jesus Cristo; àqueles a quem se é enviado – os catequizandos; e ao conteúdo da mensagem – o amor salvífico de Deus na morte e ressurreição de seu Filho.

Foi assim com S. Paulo, que renunciava até à remuneração a que tinha direito pelo trabalho missionário, *por causa do Evangelho, para me tornar participante dos seus bens* (1 Cor 9, 23), da sua gratuidade. É que também Cristo *não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de todos* (Mc 10, 45). E quem, fascinado por tão radical doação, a Ele se entrega pela fé, fica de tal modo possuído por Ele, que bem pode exclaimar como S. Paulo: *Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim* (Gal 2, 20); ou ainda: *O amor de Cristo me impele* (2 Cor 5, 15) – em tudo o que

⁴⁴ Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 254 (o negrito é nosso).

⁴⁵ Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 218-219 (incluindo a nota 13).

faço, designadamente como mediador do encontro com Ele, na catequese. Então sim: só Cristo nela “é ensinado” e “só Cristo ensina”⁴⁶. Vejamos como isso se concretiza em alguns dos mediadores:

Os ministros ordenados

30. São eles: os bispos, como “primeiros responsáveis pela catequese, os catequistas por excelência”, nas suas dioceses; e os presbíteros e diáconos que, como seus “colaboradores imediatos”, nada devem descurar “em vista de uma atividade catequética bem estruturada e orientada”⁴⁷.

Além da preocupação prioritária pela catequese e dos deveres e iniciativas a isso inerentes⁴⁸, uma coisa devem, uns e outros, ter presente: a correlação complementar entre a missão de ensinar e as de santificar e governar. Todas elas concorrem, direta ou indiretamente, para o mesmo: levar ao encontro pessoal com Jesus Cristo. Só que, para isso, têm os próprios de deixar-se encontrar por Ele, serem simultaneamente mediadores e destinatários.

Por exemplo na homilia, particularmente realçada pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho”, talvez por ser nela que eles, os ministros ordenados, mais e melhor podem exercer a missão de ensinar. Neste caso, com o objetivo de orientar “a assembleia, e também o pregador, para uma comunhão com Cristo na Eucaristia, que transforme a vida”⁴⁹. Para isso exige-se uma adequada preparação, a partir dos textos bíblicos e neles centrada, os textos em que Deus fala primeiro aos próprios pregadores e depois aos destinatários da homilia, ambos nas situações concretas das suas vidas. Isto é, “quem quiser pregar, deve primeiro estar disposto a deixar-se tocar pela Palavra de Deus e encarná-la na sua vida concreta”. E isto, num clima de oração, a *lectio divina*, durante a qual “o pregador é um contemplativo da palavra e também um contemplativo do povo”⁵⁰. Antecipa, em parte e pessoalmente, o que depois acontecerá na celebração.

Na prática, é o mesmo itinerário a seguir pelo catequista.

⁴⁶ João Paulo II, Exortação Apostólica *Catequese para Hoje*, 6: acerca do coração da catequese.

⁴⁷ João Paulo II, Exortação Apostólica *Catequese para Hoje*, 63-64.

⁴⁸ Veja-se o seu elenco em Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 222-227.

⁴⁹ Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 138.

⁵⁰ Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 150.154.

O catequista

31. O catequista é **figura chave na catequese**. E disso têm consciência os responsáveis diocesanos, pelos testemunhos e sugestões que nos transmitiram. O catequista é figura chave, desde logo por aquilo que ele é intrinsecamente: “um mediador que facilita a comunicação entre as pessoas e o mistério de Deus, dos sujeitos entre si e com a comunidade”⁵¹. É o rosto da comunidade, seu mediador e porta-voz, o que exige dele a devida integração, aceitação e credibilidade na comunidade. E torna-se, para os catequizandos, a referência concreta e próxima do Evangelho que lhes transmite, para os conduzir à comunhão e intimidade com Jesus Cristo.

Daí deriva, antes de mais, o seu **perfil**: mais do que um mestre que transmite saberes, deve considerar-se um guia espiritual que acompanha no caminho do Senhor. O que só é possível se ele próprio tiver experiência pessoal do encontro com Ele e conhecer o caminho a percorrer – o encontro do qual nasce também a sua *vocação*: é do “conhecimento amoroso de Cristo que brota o desejo de O anunciar, de «evangelizar» e levar os outros ao «sim» da fé em Jesus Cristo”⁵².

32. E é ainda impelido pelo amor de Cristo que ele deseja e procura conhecê-lo mais e melhor, isto é, se fundamenta a sua **formação**, a que “a pastoral diocesana deve dar absoluta prioridade”⁵³. Uma formação em que se inclua: “o *próprio ser* do catequista”, enquanto pessoa e cristão; “o *saber*” tanto da “mensagem que transmite” como do “destinatário que a recebe”; e “o *saber fazer*, já que a catequese é um ato de comunicação”⁵⁴. Mas, tratando-se de uma comunicação amorosa, de comunhão, a estes saberes juntem-se mais dois: o *saber estar em*, isto é, na comunidade cristã, que representa, e partilhando com os outros catequistas o trabalho, se possível, em equipa orientada por um catequista coordenador; e o *saber estar com*, isto é, relacionado no dia a dia de catequista com os catequizandos, para que a mensagem seja compreensível e próxima, desejável e credível.

⁵¹ Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 156.

⁵² *Catecismo da Igreja Católica*, 429.

⁵³ Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 234.

⁵⁴ Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 238.

Inserida nestas dimensões e como seu esteio, está a **formação espiritual** do catequista, em que os contributos vindos das dioceses insistiram particularmente, apresentando mesmo várias propostas: que se proporcione aos catequistas uma experiência de primeiro anúncio, centrado no encontro pessoal com Cristo; se desperte neles o gosto pela *lectio divina*; e que já no curso de iniciação se inclua um discernimento sobre a própria vida e vocação, seguido de acompanhamento espiritual durante o estágio.

E tal formação não pode deixar de ser **permanente**: entre outros meios, pela assídua participação na vida litúrgica e de oração da comunidade e pela preparação dos encontros de catequese à maneira do que foi dito da preparação da homilia. “Cada tema catequético que o catequista transmite deve alimentar, em primeiro lugar, a própria fé. O catequista catequiza os outros catequizando-se primeiramente a si mesmo”⁵⁵. Nesse sentido, siga o itinerário de preparação, proposto para cada encontro de catequese, como um caminho semanal de reflexão e crescimento na fé, de conversão permanente, e não apenas como um mero instrumento pedagógico.

33. E isso vai, de certeza, repercutir-se depois nos encontros de catequese e para além deles: nos encontros, que devem ser sempre encontros com Cristo, notar-se-á essa preparação, por exemplo, na dedicação afetuosa com que o catequista se relaciona com os catequizandos, respeitando-os na sua identidade e liberdade, escutando-os atenciosamente e, sobretudo, rezando realmente com eles; para além dos encontros, levá-lo-á a manter-se em contacto com eles, através nomeadamente dos meios de comunicação que a técnica hoje oferece, e a rezar diariamente por eles.

E então, sim: Cristo mostrar-se-á ao vivo na vida do catequista e a catequese prolonga-se por todos os dias da vida dos catequizandos, do mesmo modo como deve atingir a totalidade do seu ser. E nisto entra já um outro mediador imprescindível:

A família

34. A família é “**insubstituível**”⁵⁶ na catequese da infância e, ainda que de modo diferente, da adolescência; isto é, nas fases etárias em que os

⁵⁵ Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 239.

⁵⁶ João Paulo II, Exortação Apostólica *Catequese para Hoje*, 68 (o negrito é nosso).

catequizandos mais dependem dos pais ou outros responsáveis pela sua educação. Ora, se o encontro com Cristo deve atingir a totalidade do ser humano, de modo algum se podem dispensar dele as pessoas que fazem parte da vida dos que com Ele se encontram.

E não há dúvida de que uma das maiores causas do abandono precoce de crianças e adolescentes está na falta de envolvimento dos pais e outros familiares na formação cristã que a comunidade oferece aos filhos. Como podemos querer que o filho reze diariamente e participe regularmente nos atos da vida da comunidade, especialmente na Eucaristia dominical, se o não vê fazer os pais, a que está particularmente ligado?

35. É verdade que os pais, ao pedir o batismo para os filhos (e ainda são a maioria entre nós), prometem, em público, educá-los cristãmente; uma educação que depende muitíssimo do exemplo de vida dos educadores. Só que, chegada a altura da catequese, não basta chamar-lhes a atenção para esse compromisso, querendo como que obrigá-los a uma prática de vida de que eles não sentem necessidade, a uma missão de que não estão convencidos. A fé e a conseqüente prática cristã pressupõem a liberdade que radica no amor transmitido por Cristo aos que por Ele se deixam conquistar. Mas então que fazer para que isso aconteça com pais que (ainda) levam os filhos à catequese?

O caminho mais fácil e eficaz tem, a nosso ver, de partir daquilo, ou melhor, daqueles que são a razão de ser de qualquer pai ou mãe que se preze: os filhos, o amor que têm por eles e o bem que lhes querem. Na grande maioria dos casos é isso, aliás, que os leva a inseri-los na catequese: reconhecerem o bem que são para eles os valores que nela se transmitem e cuja aceitação o Evangelho facilita. E isto ainda mais num mundo como o nosso em que se sente cada vez mais a falta desses valores. Resumindo: hoje têm de ser **os filhos a levar os pais ao (re)encontro com Deus**, convencendo-os a participar em tudo o que faz parte da catequese que pedem para os filhos.

Aliás, isso já está a acontecer, embora, em geral, de modo ainda incipiente. Pelo que nos chegou das dioceses, tem crescido o número de pais que acompanham os filhos nas festas ao longo do seu percurso catequético. E dizem-nos que, em muitas comunidades, a preocupação de os preparar para uma participação ativa tem resultado. Há agora que aprofundar e alargar essa participação: aprofundá-la no campo espiritual, para que também os pais saboreiem o encontro pessoal com Jesus Cristo; e alargá-la, tanto quanto

possível, aos encontros de catequese, informando os pais dos conteúdos doutrinários aí transmitidos e, principalmente, incentivando-os a viver, com os filhos, de acordo com esses conteúdos. Mas, até neste ponto, já existem entre nós experiências interessantes que veremos no próximo capítulo.

36. Antes disso, há que realçar as **vantagens desta inserção dos pais na catequese**. A primeira a ganhar é a própria família que se assim se torna mais “igreja doméstica”⁵⁷. Impelidos pelo amor de Cristo, aumenta entre os seus membros a comunhão de que necessitam e que, na sociedade de hoje, está cada vez mais ameaçada. É o caso sobretudo da comunhão entre marido e esposa que o matrimónio abençoa e fortalece pelo amor com o qual *Cristo amou a sua Igreja e se entregou por ela* (Ef 5, 25). E, de facto, “o matrimónio cristão é um sinal que não só indica quanto Cristo amou a sua Igreja na Aliança selada na cruz, mas torna presente esse amor na comunhão dos esposos”⁵⁸. E isto para benefício sobretudo dos filhos que precisam não só de que os pais os amem mas também de que se amem mutuamente, com o amor que lhes vem de Deus. Só assim estarão em condições de, com os pais, O amar e invocar como “Pai nosso que estais nos Céus”.

Mas este amor repercute-se muito para além deste âmbito familiar mais restrito. Repercute-se na comunidade cristã, onde, segundo os bispos italianos, “a forma particular de amizade que (as famílias) vivem pode tornar-se contagiosa”⁵⁹. E pode, de modo semelhante, repercutir-se na sociedade, já que “é da família que saem os cidadãos e é na família que encontram a primeira escola daquelas virtudes sociais, que são a alma da vida e desenvolvimento da mesma sociedade”⁶⁰.

Outros mediadores

37. Tratando-se de crianças e jovens adolescentes em idade escolar, são, antes de mais, os **docentes de Educação Moral e Religiosa Católica**. Uma disciplina que, sem deixar “a sua característica peculiar”, visa, contudo e como

⁵⁷ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Dogmática A Santa Igreja*, 11.

⁵⁸ Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 73.

⁵⁹ Conferência Episcopal Italiana. Comissão Episcopal para a Família e a Vida, *Orientações pastorais acerca da preparação para o Matrimónio e Família*, 1 (citação do Papa Francisco na Exortação Apostólica *A Alegria do Amor*, 207).

⁶⁰ João Paulo II, Exortação Apostólica *A Família Cristã*, 42.

a catequese, dar a conhecer “a pessoa de Jesus Cristo e a totalidade do anúncio salvífico por Ele proclamado.” Mais: para alunos não crentes, pode ser até “um anúncio missionário do Evangelho, em ordem a uma decisão de fé que a catequese, por seu lado, em contexto comunitário, fará depois crescer e amadurecer”⁶¹.

Daí a necessidade de haver uma colaboração estreita entre responsáveis pelas comunidades cristãs dos alunos e seus docentes. E destes esperam-se: o exemplo de vida cristã; o empenhamento eclesial; e até a organização de atividades extraescolares, com o objetivo de possibilitar aos alunos um encontro pessoal com Jesus Cristo. O que, felizmente, já está a fazer-se entre nós, e com ótimos resultados.

38. Temos depois, dentro da Igreja, as múltiplas **associações, movimentos e grupos de fiéis**, uns mais antigos e outros de fundação mais recente, em que a mensagem cristã pode ser apresentada de modo sistemático ou pontual, como primeiro anúncio ou seu aprofundamento, insistindo uns mais na componente teórica e outros na prática.

São uma riqueza para a Igreja, que o Papa Bento XVI, na sua visita ao nosso País, mencionou no discurso que nos dirigiu, a nós bispos. Mas pediu-nos que vigiemos para que mormente os novos movimentos “queiram viver na Igreja comum, embora com espaços de algum modo reservados para a sua vida, de maneira que esta se torne depois fecunda para todos os outros”⁶². É que só na comunhão podemos encontrar Jesus Cristo – a comunhão em que se respeite e acolha cada um na sua diversidade.

Nesse sentido, apoiamos duas preocupações manifestadas por responsáveis pela catequese nas nossas dioceses: a de unir os diferentes agentes da catequese nas paróquias, de modo a formarem grupos que sejam fermento a levedar a massa; e a de conjugar as várias mediações educativas que contribuem para a formação cristã – família, escola, movimentos educativos – já que somente em convergência e complementaridade terão a eficácia que cada uma, só por si, dificilmente alcançará.

⁶¹ Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 73-75.

⁶² Bento XVI, *A Responsabilidade da autoridade é um serviço ao crescimento dos outros. Discurso no encontro com os Bispos de Portugal (Fátima, 13.05.2010)*, in *Lumen*, III, 71 (2010, 3) 54.

V. DESTINATÁRIOS DO ENCONTRO

Crianças da primeira infância

39. Que Jesus quer encontrar-se com as crianças já na mais tenra idade, vê-se pelo episódio de **Mc 10, 13-16**. Contra os discípulos, reféns da mentalidade então dominante que via na infância somente uma etapa para a maturidade e a correspondente capacidade de produção, *Jesus, abraçando-as, começou a abençoá-las, impondo as mãos sobre elas* (v. 16). E antes apresenta-as mesmo como modelos de fé, pela sua natural dependência e facilidade de entrega aos outros: *Quem não acolher o reino de Deus como uma criança, não entrará nele* (v. 15).

É possível que este episódio seja um sinal de que o **batismo**, nos primeiros tempos da Igreja, já era concedido a crianças. É o seu primeiro encontro com Jesus, em que Ele as acolhe, chamando-as pelo nome, uma das manifestações do seu amor.

Geralmente são os pais a pedir o batismo. Acolhamo-los com a máxima cordialidade, felicitando-os até pela decisão. E mostremos-lhes, de modo idêntico, o bem que são, para os filhos que tanto amam, não apenas o batismo como também a subsequente e necessária educação cristã – nesta fase etária, uma educação através de imagens e símbolos cristãos que os filhos vão observando, designadamente em casa; através de explicações simples das festas cristãs em que participam; através de orações que se vão habituando a dizer ao grande Amigo que é Jesus, a sua Mãe, ao Anjo da Guarda; através da presença regular nas celebrações comunitárias, incluindo a Eucaristia dominical, em que vão imitando o que veem fazer e dizer sobretudo aos pais e outros familiares. É uma **primeira iniciação cristã** que, “a maioria das vezes, deixa uma marca decisiva por toda a vida”⁶³.

40. Só que, no dizer do Papa Francisco, esta “transmissão da fé pressupõe que os pais vivam a experiência real de confiar em Deus, de O procurar, de precisar d’Ele”⁶⁴. O que não acontece com muitos pais, preocupados (quase) só com a dimensão social do batismo. Mas convenhamos que até nisso

⁶³ Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 226.

⁶⁴ Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Amor*, 287.

manifestam amor pelos filhos. Apoiemo-nos nele, para tentar conquistá-los para uma adequada **preparação**, que não seja apenas de informação, mas também **de formação cristã** que inclua a oração, nomeadamente pelos filhos. E envolvamos nessa preparação também os padrinhos e, quando possível, os avós, sobretudo sendo crentes.

Neste âmbito, já existem, em algumas dioceses, Centros de Preparação para o Batismo. E o Secretariado Nacional da Educação Cristã disponibiliza um projeto de catequese para crianças da primeira infância, chamado "**Despertar Religioso**". Segue, *grosso modo*, o método educativo atrás referido. E embora tenha sido pensado para jardins de infância, aí já com assinalável sucesso, pode ser usado também nas paróquias e em casa das crianças pelos pais ou outros familiares.

Crianças da infância

41. São as crianças que frequentam os **primeiros seis anos do percurso de catequese sistemática** proposto por nós e que, em geral, estão ainda profundamente dependentes da família.

Tendo presente a reflexão, feita atrás, sobre a família como mediadora do encontro destas crianças com Cristo, congratulamo-nos com as múltiplas iniciativas que, nesse sentido, têm sido tomadas entre nós: a Escola Paroquial de Pais, com, no mínimo, dois encontros por trimestre, para os informar e formar nos conteúdos transmitidos aos filhos; encontros de formação de pais paralelos aos da catequese dos filhos; colaboração dos pais nas sessões de catequese dos filhos, até como catequistas; catequese intergeracional; pais que se reúnem para rezar, refletir em comum e partilhar saberes e experiências; contactos pessoais e regulares dos catequistas com os pais; envolvimento destes nas festas de catequese dos filhos, preparando-se doutrinal e vivencialmente.

42. Mas, de todas as iniciativas, a mais completa e eficaz parece-nos ser a chamada **Catequese Familiar**. Entre nós foi proposta pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã vai para seis anos, está delineada e construída a partir dos materiais da catequese da infância (catecismos e guias) e contempla as exigências pedagógicas de uma tarefa desenvolvida em família, na família e com a família. Mas há muito é seguida em países da América Latina e da Europa. Caracteriza-se ainda por nela se envolverem simultaneamente a família e a paróquia.

Primeiramente a família, com pais e filhos na sua relação mútua. Os primeiros a catequizar os filhos são os pais, mas estes são, ao mesmo tempo, instruídos nos mesmos temas que transmitem aos filhos. Tanto aprendem os filhos dos pais, como estes dos filhos. Assim, com os filhos, os pais apercebem-se melhor de que também eles foram e continuam a ser carenciados e dependentes – um pressuposto fundamental para a fé em Deus e a missão de educador. Por sua vez é com os pais que os filhos mais facilmente crescem para o amor que deles recebem – o amor que tem a sua fonte última e principal em Deus.

E é nesta relação mútua que uns e outros se dirigem a Deus e a Jesus Cristo seu Filho, no qual todos nos tornamos filhos de Deus, e compreendem melhor o cerne da mensagem cristã. E esta, ao ser acolhida e vivida, fortalece os vínculos familiares e faz da família uma verdadeira Igreja doméstica, em que Jesus se pode encontrar, nomeadamente na oração em comum.

A inserção na vida paroquial é salvaguardada: pelos grupos que formam, entre si, tanto as crianças como os pais, uns e outros com encontros semanais; pelos catequistas que os orientam, como representantes da comunidade paroquial; pela participação semanal, de pais e filhos, na Eucaristia dominical – numa das quais, por mês, com intervenções relativas à sua caminhada catequética – e anual nas festas ao longo do percurso catequético. Uma participação que, deste modo, nem as férias interrompem nem terminará com as referidas festas. Aliás, foram muitos pais que, felizes com a experiência, pediram que o modelo se prolongasse até ao início da adolescência dos filhos.

43. É verdade que este modelo de catequese não é fácil de implementar. Entre os obstáculos encontrados, indicaram-nos: a dispersão dos pais por muitos compromissos e, por isso, sem tempo nem motivação para este envolvimento; a sua deficiente escolarização e as carências materiais e culturais a que algumas famílias estão sujeitas; a separação nas famílias, que pode impedir que ambos os pais participem nos encontros ou limitar os filhos a dois por mês; a falta de catequistas preparados, nomeadamente para liderar grupos de adultos, e de pastores sensíveis e disponíveis.

Mas não são obstáculos intransponíveis. A preparação e a sensibilização, com tempo e persistência, podem fazer-se. E que o modelo é tão adaptável como outros a todos os graus de cultura e a situações familiares menos habituais, mostra-o a experiência onde já é seguido tanto entre nós como em outros

países. Finalmente, para convencer os pais há que abordá-los pessoalmente e começar por expor-lhes, não as dificuldades, mas as vantagens do modelo para eles e, sobretudo, para os filhos. *Tudo é possível a quem acredita*, diz Jesus ao pai de um surdo-mudo (Mc 9, 23) – e a todos os que com Ele se encontram para anunciar o seu Evangelho, impelidos pelo seu amor.

É isso que nos leva a apelar uma ainda maior implementação deste modelo nas nossas dioceses. O caminho já percorrido é suficiente para nos mostrar que é, dos modelos que conhecemos, o mais comunitário, o menos escolar e o mais adaptado a todas as crianças, incluindo as que são portadoras de deficiências e as que se preparam para o batismo pelo catecumenato.

Adolescentes e jovens

44. Ligamos a catequese dos adolescentes à dos jovens, e não à das crianças, porque a psicologia do adolescente o leva a aproximar-se principalmente dos que são mais velhos. É essa experiência que leva o Magistério da Igreja a “distinguir, na idade juvenil, a puberdade, a adolescência e a juventude,” e a lamentar não se ter “suficientemente em conta as dificuldades, as necessidades e os recursos humanos e espirituais dos pré-adolescentes, como se essa fase etária não fosse reconhecida”⁶⁵. Como nos dizia o Papa, tentamos enfiar-lhes o vestido da Primeira Comunhão, quando este deixou de lhes servir. De facto, o que eles menos suportam é serem tratados como crianças.

45. Caracterizam-se, primeiramente, pela **busca de autonomia** e a consequente necessidade de serem pessoas livres e responsáveis. Tendem a deixar a tutela dos pais para criar amizade de preferência com colegas da mesma faixa etária. É tal a necessidade do grupo que este chega a ser preferido à família.

Pois bem: faça-se do **grupo de catequese**, antes de mais, um grupo de amigos – para mais, unidos, não apenas por simples laços humanos, mas pelo amor de Deus revelado em Cristo, o mesmo que une os cristãos numa só Igreja. Se a dimensão eclesial do grupo é fundamental em todas as fases da catequese, é-o muito mais na adolescência.

⁶⁵ Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 181.

Para isso, há que investir na formação da consciência de grupo: por exemplo, levando-os a identificar o grupo por um nome por eles escolhido (em vez do ano de catequese, que lembra logo o da escola); alargando o relacionamento entre os seus membros para lá do habitual encontro semanal; relacionando-o com outros grupos, em iniciativas comuns, e com a comunidade e a sociedade, através de serviços que lhes prestam, como grupo; e, já neste ponto, conjugando a aprendizagem de conteúdos com essas e outras atividades, de tal modo que, além da cabeça, entrem também as mãos e o coração na sua formação cristã.

46. Outra característica a respeitar neles é o **aumento da capacidade de raciocínio e do espírito crítico**. Dê-se-lhes então a oportunidade, mais do que nas fases anteriores do percurso catequético, de intervir ativamente na reflexão sobre os temas transmitidos, nas decisões a tomar em grupo e na avaliação de atividades realizadas. E preste-se atenção àqueles que manifestam qualidades de liderança, para se lhes dar a possibilidade de as desenvolverem no interior do grupo e de, na fase seguinte da catequese juvenil, poderem ser eles próprios a acompanhá-lo e orientá-lo.

Para isso, o catequista seja sobretudo um **animador** que, em vez de impor e comandar, propõe e orienta. Caminhe com eles, aproveitando os seus recursos, necessidades e sonhos. Seja, enfim, convicto nas ideias, firme nas decisões e sobretudo amigo, à maneira de Jesus Cristo de quem é testemunha.

47. É ainda nesta fase que se vai intensificando a questão da **vocação**. Se toda a catequese deve ser vocacional, nesta idade muito mais. E, tratando-se de cristãos, a questão não pode ser abordada nem resolvida sem Jesus Cristo.

Apresente-se-lhes então “Jesus Cristo como amigo, como guia, como modelo ideal capaz de provocar admiração e arrastar à imitação”, e o seu amor “como encarnação do único amor verdadeiro com possibilidade de unir entre si todos os homens”⁶⁶. Se isto for sendo inserido em encontros com Ele, de reflexão e oração, surgirão, de modo explícito ou implícito, reações como a do apóstolo Paulo: *Que hei de fazer, Senhor?* (At 22, 10); ou do profeta Isaías: *Eis-me aqui: podeis enviar-me* (Is 6, 8); ou de Maria ao anjo Gabriel,

⁶⁶ João Paulo II, Exortação Apostólica *Catequese para Hoje*, 38.

para ser Mãe de Jesus: *Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra* (Lc 1, 37); ou do próprio Cristo, ainda no seio do Pai e antes de encarnar: *Eis-me aqui: Eu venho para fazer a tua vontade* (Heb 10, 9). E, com Ele e n'Ele, toda a vocação se irá concretizar numa entrega de amor, como a sua.

48. O discernimento e amadurecimento prolongar-se-á depois pela **juventude** propriamente dita. Como de resto já acontece, ainda que não tanto quanto desejado. Se é verdade que muitos adolescentes deixam a Igreja depois de anos de catequese, também tem havido quem fique: jovens que, inseridos em grupos e movimentos ou comprometidos em atividades eclesiais, vivem a fé de modo exemplar e mexem com as comunidades de que fazem parte.

E mais serão, se a transição para a idade juvenil seguir o modelo indicado. Não é fácil dissolver-se um grupo unido por laços tão fortes como os da fé. Há só que continuar a alimentá-la, não apenas doutrinalmente como sobretudo com iniciativas a que os jovens de hoje em geral se mostram particularmente sensíveis: experiências de oração, de encontro pessoal com Cristo, até ao nível do primeiro anúncio; e entrega voluntária ao serviço de carenciados de bens tanto materiais, como morais e espirituais.

Adultos

49. Para S. João Paulo II, a catequese de adultos “é a **principal forma de catequese**, porque se dirige a pessoas que têm as maiores responsabilidades e capacidades para viverem a mensagem cristã na sua forma plenamente desenvolvida.” Deve ser “permanente”, mas adaptada ao nível de conhecimento e vivência da fé dos seus destinatários e das circunstâncias de vida em que se encontram, incluindo as da saúde e da idade⁶⁷.

Conscientes disso, publicámos em 1994 uma “Instrução Pastoral sobre a Formação Cristã de Base dos Adultos”⁶⁸, em que indicámos os vários níveis ou fases desta formação e insistimos na necessidade de uma visão

⁶⁷ João Paulo II, Exortação Apostólica *Catequese para Hoje*, 43 (o negrito é nosso). Cf. também 44-45.

⁶⁸ Conferência Episcopal Portuguesa, *Instrução Pastoral sobre a formação cristã de base dos adultos*, in *Documentos Pastorais. 1991-1995*, IV, 261-277.

de conjunto e atualizada da fé e seus elementos integrantes, inserida numa nova evangelização. São orientações que, porém, não têm obtido a adesão desejada, tanto na concretização como no grau de participação, onde a formação se tem realizado. Diz-se que por falta de motivação.

Talvez por isso tenham de ser precedidas de outras iniciativas, já adotadas entre nós, que apostam no **primeiro anúncio**, centrado no encontro pessoal com Jesus Cristo e, conseqüentemente, numa mais consciente inserção na vida das comunidades cristãs e num empenhamento missionário mais audaz e eficaz, dentro e fora da Igreja.

50. O mesmo se aplica às **múltiplas ações de formação** para a receção e o exercício de ministérios eclesiais (no ensino, na liturgia e na caridade), para a celebração de sacramentos (em especial, os da iniciação cristã e do matrimónio), para a vivência de tempos litúrgicos e de outras situações ou missões, como a da paternidade na educação dos filhos. A catequese familiar é um exemplo disso.

E tal como nela, há que partir para essas formações, tanto quanto possível, da **componente prática** que as motiva ou deve motivar. Quem não deseja ser verdadeiramente e para sempre feliz, na comunhão entre marido e esposa fundada no matrimónio? Ou saborear a alegria de se dar aos outros, colaborando no ensino catequético, em celebrações da liturgia ou na vivência da caridade? – Uma alegria cuja fonte última é Cristo.

VI. A ALEGRIA DO ENCONTRO

51. É, no fundo, a **mesma alegria das primeiras testemunhas da ressurreição**: a alegria, não apenas por Jesus voltar à vida, como principalmente por nisso se confirmar “tudo quanto (Ele) em pessoa fez e ensinou”; a alegria de perceberem que n’Ele se cumpriam as “promessas do Antigo Testamento”; a alegria, enfim, por Ele, com a “vitória sobre a morte e o pecado”, nos oferecer uma vida nova e ilimitada, ser “princípio e fonte da nossa ressurreição futura”⁶⁹.

⁶⁹ *Catecismo da Igreja Católica*, 651.652.654.655: sobre o sentido e alcance salvífico da ressurreição.

Das testemunhas oculares, a que mais insiste neste último efeito é S. Paulo. Por exemplo em Rom 6, 8: *Se morremos com Cristo, acreditamos que também com Ele viveremos*; ou em 8, 11: *Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou Cristo Jesus de entre os mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós*.

Que notícia mais bela nos poderia ser dada?! – A nós que, como todo o ser humano, passamos toda uma vida a lutar, direta ou indiretamente e com todos os meios, contra a morte! Pois bem, desde que Cristo ressuscitou, deixou de ser uma luta inútil, previamente perdida. Conhecemos o caminho da vitória, o mesmo que Ele trilhou, e temos os meios para o percorrermos, os que Ele nos oferece sempre que vem ao nosso encontro e nós O acolhemos na nossa vida.

Mais: com isso, “de certo modo, nós já ressuscitámos com Cristo”⁷⁰, como diz ainda S. Paulo: *Sepultados com Cristo no batismo, também com Ele fostes ressuscitados pela fé que tendes no poder de Deus, que O ressuscitou dos mortos* (Col 2, 12). Trata-se da *fé que atua pelo amor* (Gal 5, 6), aquele que levou Cristo a vencer a morte e se apodera de quem com Ele se encontra. De tal modo que o que vimos sobre a fé se realiza também pelo amor: *Já passámos da morte para a vida, porque amamos os nossos irmãos* (1 Jo 3, 14).

É esta fé traduzida em amor que dá à nossa vida o “novo horizonte”, o “rumo decisivo” de que fala Bento XVI a propósito do encontro com Jesus Cristo. E é desta fé vivida no amor que Ele, Cristo, nos impele a sermos testemunhas. O que redobra a nossa alegria.

52. É de facto neste **amor** que, como diz o Papa Francisco, “está a fonte da ação evangelizadora. Porque – explica ele – se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?”⁷¹

Tem, porém, de ser comunicado tal como é recebido: *Nisto conhecemos o amor: Ele (Jesus) deu a vida por nós e nós devemos dar a vida pelos nossos*

⁷⁰ *Catecismo da Igreja Católica*, 1002.

⁷¹ Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 8.

irmãos. E por isso *não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e em verdade* (1 Jo 3, 16.18).

Quantos mediadores de Cristo o são pelo testemunho deste amor! Entre eles, estão **catequistas** que se não limitam a anunciar Cristo por palavras, mas simultaneamente O mostram ao vivo, no modo responsável e dedicado, gratuito e alegre, com que o fazem e se entregam aos catequizandos. Para eles toda a nossa gratidão: pelo bem que assim fazem aos catequizandos e suas famílias, à comunidade que representam, à Igreja e à sociedade em geral – um bem que acaba sempre por reverter em seu próprio bem.

É que “a vida alcança-se e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros”⁷². E haverá maior alegria do que a de ver a vida que recebemos a alargar-se à vida daqueles a quem nos damos e, por meio deles, a tantos, tantos outros, numa cadeia que não mais acaba?!

53. Foi certamente dessa alegria que comungou a **Virgem Santa Maria**, depois de totalmente se entregar ao Senhor, como sua escrava, para ser Mãe e Medianeira do Filho do Altíssimo: a alegria expressa no seu Magnificat, a que aqui nos associamos para, com ela, louvamos o Senhor pelas graças que tem concedido à Igreja e ao mundo, nomeadamente nos cem anos desde as suas aparições em Fátima.

Fazemo-lo também na esperança de que a mensagem, que ela então nos deixou e cuja atualidade recentemente realçámos, contribua de facto para “a revitalização da nossa fé e do nosso compromisso evangelizador”⁷³, a mesma revitalização que tanto desejamos para a catequese nas nossas dioceses.

Lisboa, 13 de maio de 2017

⁷² V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, *Documento de Aparecida* (29.06.2007) (citado pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 10).

⁷³ Palavras iniciais da Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa no Centenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima, *Fátima, Sinal de Esperança para o Nosso Tempo*, in *Lumen*, III, 78 (2017, 1) 10-19.

Plano de Formação de Catequistas

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ
E DOCTRINA DA FÉ

A formação como prioridade

1. A formação de catequistas constitui uma das prioridades da catequese em Portugal. O trabalho desenvolvido nas últimas décadas, em diversos âmbitos e circunstâncias, não só acentuou a consciência da importância da formação, como nos estimula a aprofundar as modalidades de acompanhamento dos catequistas no seu processo formativo. A convicção de que a qualidade da catequese depende, em grande parte, de catequistas bem formados, cuja matriz de vida cristã, envolvimento eclesial e diálogo cultural se tornem manifestos, anima-nos, a todos, a procurar realizar uma séria e adequada formação de catequistas. Foi a razão pela qual a Comissão Episcopal de Educação Cristã publicou, em 1997, o Plano de Ação para a formação de catequistas¹. Logo a seguir, saía o Diretório Geral da Catequese que é perentório em referir o especial lugar que tem a formação de catequistas na organização da catequese na Igreja local, visto que dela depende a capacidade para «transmitir o Evangelho àqueles que desejam entregar-se a Jesus Cristo» e a sua idoneidade para «comunicar a mensagem cristã» (*Diretório Geral da Catequese – DGC 235*).

Esta formação tem como base o encontro com Jesus Cristo que dá à vida do catequista «um novo horizonte e, desta forma, um rumo decisivo» (*Deus Caritas est – DCE 1*). Consciente disso, o catequista, «que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira

¹ Comissão Episcopal da Educação Cristã, *Formação de Catequistas, Plano de Ação*, Lisboa, SNEC, 1997.

com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio do compromisso missionário» (EG 266). E porque jamais deixa de ser discípulo, deseja e procura conhecê-lo mais e melhor num caminho formativo «em que se inclua: o *próprio ser* do catequista, enquanto pessoa e cristão; o *saber* tanto da *mensagem que transmite* como do *destinatário que a recebe*; e o *saber fazer*, já que a catequese é um ato de comunicação. Mas, tratando-se de uma comunicação amorosa, de comunhão, a estes saberes juntem-se mais dois: o *saber estar em*, isto é, na comunidade cristã, que representa, partilhando com os outros catequistas o trabalho, se possível em equipa orientada por um catequista coordenador; e o *saber estar com*, isto é, relacionado no dia a dia de catequista com os catequizandos, para que a mensagem seja compreensível e próxima, desejável e credível» (*Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo* – CAEJ 32; cf. DGC 238).

A catequese de adultos como modelo de formação

2. A catequese de adultos constitui o modelo inspirador da formação de catequistas. Assim o prevê o Plano de Ação, na medida em que promove uma formação ritmada por etapas, progressiva, sistemática e orgânica, quanto ao desenvolvimento das competências do catequista e ao alargamento das matérias e lugares de intervenção.²

Em Portugal, a tradição formativa dos catequistas tem seguido, fundamentalmente, uma pedagogia que respeita o adulto na sua condição de crente e evangelizador. Valoriza, por isso, a sua experiência de vida, as suas vivências e as suas expectativas. Por outro lado, segue os princípios andragógicos de acesso ao conhecimento na articulação entre a sua busca espiritual (*fides qua*) e a revelação cristã (*fides quae*), de modo a que também o catequista percorra um itinerário de fé que o conduza a uma crescente maturidade humana e cristã. Assim se configura a sua identidade como cidadão do mundo que interpreta os acontecimentos da história à luz da fé e como evangelizador que, a partir da sua própria experiência, sabe *estar com* os catequizandos e com a comunidade cristã tornando Deus desejável e crível.

² Tendo sido aprovado na Assembleia Geral da Conferência Episcopal Portuguesa em abril de 2018, o presente texto foi depois enriquecido pelos seus redatores no que diz respeito à explicitação do que se entende por um modelo de formação de catequistas como catequese de adultos e que constitui um dos seus traços mais distintivos. *N.E.*

Assumindo um cunho especificamente comunitário, a formação dos catequistas estabelece uma circularidade fecunda entre experiência pessoal e experiência comunitária. Os lugares e ambientes formativos configuram-se, deste modo, como autênticas comunidades formativas onde cada catequista é chamado a crescer humana, espiritual e eclesialmente.

O Diretório Geral da Catequese elenca um conjunto de critérios inspiradores da catequese de adultos que, devido à especificidade do ministério do catequista na Igreja, também estão presentes na formação de catequistas. De entre eles destacam-se: «a atenção aos destinatários na sua situação de adultos, como homens e como mulheres, cuidando, portanto, dos seus problemas e experiências; a atenção à condição leiga dos adultos, aos quais o Batismo confere a possibilidade de procurar o Reino de Deus, exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus e ao mesmo tempo os chama à santidade; a atenção ao envolvimento da comunidade, para que seja lugar de acolhimento e de apoio do adulto e, finalmente, a atenção a um projeto orgânico de pastoral dos adultos, no qual a catequese se integre com a formação litúrgica e com o serviço da caridade» (DGC 174).

A par da formação específica que os leva a assumir, de forma mais consciente, a sua missão, a formação deve conduzir os catequistas «a saber dar um testemunho cristão na sociedade» (DGC 175). Exige-se, ainda, que promova o amadurecimento da vida no Espírito de Cristo ressuscitado através de meios adequados, que eduque para a justa avaliação das transformações socioculturais na nossa sociedade à luz da fé, que esclareça as atuais questões religiosas e morais e as relações existentes entre a ação temporal e a ação eclesial, e, finalmente, que desenvolva e aprofunde os fundamentos racionais da fé, promovendo uma autêntica cultura cristã. (cf. DGC 175).

Com base nestes critérios inspiradores da catequese de adultos e nas tarefas essenciais da catequese, o modelo formativo escolhido para a formação de catequistas visa promover um trabalho de desconstrução e reestruturação numa dinâmica de aprendizagem transformante. Trata-se de um exercício de inter-relação harmoniosa entre a própria experiência e a abertura à revelação num caminho de conversão, em contexto comunitário. Afastando-se de modelos formativos centrados na informação ou no saber técnico, propõe-se um caminho formativo que privilegia as diversas dimensões da formação do catequista (ser, saber, saber fazer, saber estar em, saber estar com), que dá espaço à experiência de vida dos catequistas e considera a sua prática pastoral. O que

se propõe é que a formação seja para o catequista uma autêntica experiência de catequese, onde ele vivencie os três momentos essenciais do itinerário evangelizador: a consideração da própria experiência de vida, o encontro com Deus mediante a escuta, acolhimento e confronto com a Palavra de Deus que o convida à conversão e a personalização ou re-expressão da própria experiência à luz da fé, concretizada em compromissos efetivos.

Estes três elementos são constitutivos da catequese e definem a especificidade deste serviço na Igreja. Independentemente da ordem em que apareçam nas propostas formativas, a teorização destes três momentos faz com que o catequista em formação experimente o mesmo modelo formativo que implementa na catequese.

O perfil atual do catequista

3. As orientações para a catequese atual publicadas pela Conferência Episcopal Portuguesa sob o título «*Para que acreditem e tenham vida*» (2005) e a recente Carta Pastoral «*Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo*» (2017), longe de tratarem de modo sistemático e exaustivo da formação dos catequistas, fornecem, no entanto, elementos relevantes para a definição do perfil do catequista atual. Assim, a catequese tem a finalidade de iniciar os convertidos «no mistério da salvação e num estilo de vida evangélico» (*Para que acreditem e tenham vida – ATV 4*), o catequista tem de ser o primeiro dos convertidos a assumi-lo para si. Traços essenciais desse estilo de vida são o discipulado e o sentido comunitário.

O catequista é, em primeiro lugar, discípulo de Cristo: «os catequistas não se devem considerar como professores que ensinam a doutrina cristã, mas, sobretudo, como discípulos de Jesus Cristo» (*ATV 5*). Enquanto discípulo, o catequista «deve considerar-se um guia espiritual que acompanha no caminho do Senhor. O que só é possível se ele próprio tiver experiência pessoal do encontro com Ele» (*Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo – CAEJ 31*).

Chamado a ser artífice de comunhão, pela relação intrínseca que tem com a comunidade cristã, é «um mediador que facilita a comunicação entre as pessoas e o mistério de Deus, dos sujeitos entre si e com a comunidade. É o rosto da comunidade, seu mediador e porta-voz, o que exige dele a devida

integração, aceitação e credibilidade na comunidade» (CAEJ 31). O catequista não é simplesmente mandatado pela comunidade, como testemunha da sua experiência de fé, mas também é um elo que favorece a articulação da comunidade com a catequese: «A comunidade cristã é o sujeito, o ambiente e a meta da catequese. Na verdade, a vida cristã é um facto comunitário [...], a dimensão comunitária da catequese implica a renovação da Igreja na perspectiva de comunhão e participação» (ATV 5).

Numa perspectiva mais concreta os referidos documentos destacam, ainda:

- A importância do cuidado pela formação espiritual do catequista, enraizada na alegria do encontro com Jesus Cristo;
- A sua indispensável tarefa no despertar da fé;
- O seu modo de acolher e respeitar o ritmo de cada um;
- A sua missão de animador da catequese, pois é ele «quem dá vida ao catecismo»;
- E a sua atenção aos dinamismos socioculturais, de forma a promover um «esforço constante de inculturação que respeite a integridade da fé, de modo a tornar o Evangelho um acontecimento verdadeiramente significativo» (cf. ATV 3.6.7; CAEJ 1; EG 3).

Opções formativas

4. Para *potenciar a identidade do catequista, discípulo missionário, inserido na comunidade cristã*, a sua formação deve ter sempre, uma abordagem:

- a) Querigmática, em que o primeiro anúncio tem uma importância fundamental e permanente;
- b) Mistagógica, isto é, de progressividade da experiência cristã através da contemplação dos sinais litúrgicos;
- c) Fundamentada continuamente na palavra de Deus: lida, refletida e rezada;
- d) Eclesial e promotora de um acompanhamento pessoal no processo de crescimento na fé de cada catequizando;
- e) Baseada num processo sistemático, orgânico e integral, tendo em conta a especificidade do ministério do catequista.

a) Importância fundamental do primeiro anúncio

A opção querigmática na formação dos catequistas centra-se na importância fundamental do primeiro anúncio. Este «é o anúncio *principal*, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, duma forma ou doutra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos» (EG 163). O catequista é *destinatário* privilegiado deste anúncio, pois do encontro com o Senhor nasce, sempre mais, a vontade de aprofundar esse encontro transformador e de viver em comunhão com Ele. É dele que brota a alegria da entrega missionária e a certeza de que «não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor se não se está convencido, por experiência própria, de que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não o conhecer; não é a mesma coisa poder escutá-l'O ou ignorar a sua Palavra; não é a mesma coisa poder contemplá-l'O, adorá-l'O, descansar n'Ele ou não o poder fazer». Se o catequista «não O descobre presente no próprio coração da entrega missionária, depressa perde o entusiasmo e deixa de estar seguro do que transmite, faltam-lhe força e paixão. E uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém» (EG 266).

O catequista é chamado a ser *anunciador* do querigma. Através dele «volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar» (EG 164). Nas atuais circunstâncias culturais, a distância da mensagem evangélica reclama o respeito pelo princípio da hierarquia das verdades, cujo centro é o Mistério Pascal, no qual se manifesta a beleza do amor salvífico de Deus. O primeiro anúncio concentra-se no essencial da fé sem reduzir o valor e a riqueza da reflexão doutrinal e da vida cristã. É necessário, acima de tudo, que no seu anúncio, o catequista parta de experiências da sua própria vida que falem do seu desejo de felicidade e de uma vida plena, mostrando em que medida o encontro com Jesus Cristo constitui o começo, sempre renovado, da aventura que é viver. Nesta ação evangelizadora o essencial da fé toca o essencial da vida. A pessoa de Jesus é apresentada como a única que pode despertar, interceder e interpretar, de forma autêntica, o desejo de felicidade escondido no coração humano. Aqui reside a força humanizante do anúncio cristão: a pessoa humana realiza-se, plenamente, quando participa da relação que Jesus estabelece com Deus e com os outros. «Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão,

o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime» (GS 22).

b) A via da mistagogia e da beleza

A opção mistagógica refere-se à progressividade da experiência formativa vivida e potenciada pelo catequista. O catequista *conhece a sua história e o caminho percorrido na fé*, sabe que a sua condição de discípulo o impele a crescer e a experimentar, em profundidade, o mistério cristão. Para isso, valoriza tudo o que possa favorecer o seu encontro feliz com Deus, nomeadamente a oração pessoal e litúrgica, a frequência dos sacramentos, sobretudo da Eucaristia e Reconciliação. A maturidade humana e cristã, que deseja, constitui um motivo para dinamizar a vida espiritual e alargar a sua experiência eclesial.

Enquanto pedagogo da fé, o catequista *é convidado a conduzir outros à experiência da fé*, a oferecer-lhe o tesouro das fontes da mensagem cristã, a mergulhá-los na experiência litúrgica e comunitária, e a proporcionar-lhes a prática do serviço ao próximo e do testemunho cristão. Num contexto de proposição da fé, o catequista é proponente de experiências cristãs significativas que visem despertar para a continuidade do caminho formativo dos destinatários. A mistagogia conduz, assim, a uma inserção, sempre mais plena, na vida em Cristo e na comunidade, a um empenho consequente na prática da vida cristã, no testemunho credível e na missão.

O caminho formativo de tipo mistagógico proposto ao catequista *valoriza, de forma particular, os sinais litúrgicos*, sobretudo aqueles que mais diretamente estão vinculados à iniciação cristã e ao percurso de adesão e progresso na fé. Concretamente a valorização do ano litúrgico e do Domingo, dia do Senhor e, nele, de modo especial, a Eucaristia como ocasião privilegiada para o encontro com Jesus Cristo na sua Igreja, e a vivência de uma espiritualidade autêntica que brota da experiência comunitária.

Todo o encontro formativo tem de ser encontro com Jesus Cristo e fazer-se de modo vivenciado. «Porque é Ele quem, vindo ao nosso encontro, nos pode despertar para a fé, uma fé que atinja todo o nosso ser: a cabeça, o coração e as mãos, que, segundo o Papa Francisco, necessariamente se correlacionam: a cabeça para *pensar o que se sente e o que se faz*; o coração

para sentir o que se pensa e o que se faz, e as mãos para fazer o que se sente e se pensa» (CAEJ 12).

A prática da mistagogia é, em si mesma, um encontro com «a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado» (EG 36). Por isso, «é bom que toda a catequese preste uma especial atenção à *via da beleza (via pulchritudinis)*. Anunciar Cristo significa mostrar que crer n'Ele e segui-Lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida dum novo esplendor e duma alegria profunda, mesmo no meio das provações» (EG 167).

A liturgia cristã é o lugar, por excelência, da celebração da beleza. Nela, o catequista celebra a beleza do mistério pascal manifestado na cruz do salvador e celebra e festeja o seu caminho formativo. «No meio desta exigência diária de fazer avançar o bem, a evangelização jubilosa torna-se beleza na liturgia. A Igreja evangeliza e evangeliza-se com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar» (EG 24).

c) A Palavra de Deus

A formação de catequistas deve ser fundamentada na palavra de Deus, isto é, na totalidade da revelação e da tradição cristãs, com particular enfoque nas páginas da Sagrada Escritura. Como toda a evangelização, também a catequese «está fundada sobre esta Palavra escutada, meditada, vivida, celebrada e testemunhada. A Sagrada Escritura é fonte da evangelização. Por isso, é preciso formar-se, continuamente, na escuta da Palavra» (EG 174). A formação de catequistas deve promover uma introdução progressiva à *lectio divina*, modalidade mediante a qual se escuta aquilo que o Senhor quer dizer e nos deixamos transformar pelo seu Espírito. Esta leitura espiritual da Palavra de Deus deve ser complementada pelo estudo do texto bíblico.

Na formação de catequistas pode seguir-se a recomendação da exortação apostólica *Verbum Domini* que faz apelo à «difusão de *pequenas comunidades* (...) nas quais se promova a formação, a oração e o conhecimento da Bíblia segundo a fé da Igreja»³. A experiência eclesial fundada em pequenos grupos,

³ PAPA BENTO XVI, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal (Verbum Domini)*, nº 73.

que se reúnem em volta da Palavra de Deus, constitui um bom princípio formativo para os catequistas tanto na sua formação inicial e específica, como na sua formação permanente.

Além disso, a formação de catequistas deve estar ela mesma «impregnada e embebida de pensamento, espírito e atitudes bíblicas e evangélicas, mediante um contacto assíduo» com os próprios textos sagrados, já que «a catequese será tanto mais rica e eficaz quanto mais ler os textos com a inteligência e o coração da Igreja» (DGC 127) e quanto mais se inspirar na reflexão e na vida bimilenária da mesma Igreja.

Para que a catequese possa ser uma «autêntica introdução à *lectio divina*, isto é, à leitura da Sagrada Escritura feita segundo o Espírito que habita na Igreja» (VD 73), a formação dos catequistas deve apresentar o conteúdo da Escritura, situando-o na perspectiva da fé da Igreja, da Tradição e do Magistério. A prática da leitura orante dos textos bíblicos, realizada em ambiente litúrgico e comunitário, em muito favorecerá o envolvimento do catequista no seu processo formativo. Ele percebe-se, assim, como ouvinte da Palavra do Senhor, procurando responder-lhe afirmativamente.

Finalmente, como contínua interpretação da Boa Nova, a catequese tem em vista uma pessoal e inventiva apropriação da mensagem, facto que constitui o núcleo central da sua ação, num permanente discernimento dos *sinais dos tempos* (cf. GS 4).

d) A dimensão eclesial e o acompanhamento pessoal

Na sua relação com o grupo de catequese, com as famílias, com os outros catequistas e o conjunto da comunidade cristã, o catequista apresenta-se como companheiro de viagem, como um crente a caminho, um discípulo que não cessa de seguir o Mestre. Ao mesmo tempo, é testemunha de uma autêntica experiência cristã e apóstolo chamado a caminhar com os outros, em Igreja.

O processo catequético compreende-se como um dinamismo circular que articula a relação entre os sujeitos que nele intervêm e a forma como estes se relacionam com a mensagem evangélica. É a esta luz que se deve compreender o acompanhamento dos catequistas no seu processo pessoal do crescimento na fé. Se, no atual contexto cultural, a Igreja é chamada a iniciar

os seus membros na arte do acompanhamento, de um modo particular, a formação de catequistas deve possibilitar a vivência de um acompanhamento personalizado (cf. EG 172). A formação de catequistas deve centrar-se, assim, num acompanhamento que vise potenciar e dinamizar as dimensões globais do exercício deste ministério. Convém ter presente que o catequista é um crente adulto e que, por isso, a sua vida, lida e interpretada à luz do evangelho, através do diálogo e confronto com outro crente adulto, o ajudam a caminhar e a progredir na fé. «Isto é claramente distinto de todo o tipo de acompanhamento intimista, de autorrealização isolada. Os discípulos missionários acompanham discípulos missionários» (EG 173).

Especial atenção é requerida aos pastores das comunidades cristãs e aos formadores de catequistas neste trabalho paciente do acompanhamento. Contraindo o «cheiro das ovelhas» são chamados a acompanhar os catequistas, em todos os seus processos, por mais demorados e duros que sejam. Acompanhar exige escuta paciente, esperas longas e respeito pelo caminho de cada um, mas, ao mesmo tempo, um olhar que «cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã» (cf. EG 24; 169). A formação pressupõe uma articulação próxima entre o grau de maturidade humana e espiritual e a progressividade da experiência formativa proposta. Neste sentido, mais que ministrar cursos, é necessário iniciar e acompanhar processos que orientem e façam perseverar no caminho do Senhor.

Cada catequista deverá ser, também, iniciado na arte de acompanhar. A partir da sua própria experiência de acompanhamento, precisamos de catequistas que vivam e ponham em prática um «modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito» (EG 171).

f) *Uma formação específica*

A formação de catequistas, englobando os elementos próprios da catequese de adultos e partilhando dimensões teológicas e pastorais com outros ministérios eclesiais, pela sua especificidade, reclama um plano com características próprias.

Esta formação configura-se, deste modo, como um sistema dinâmico e interativo que envolve a vida dos formandos e tem em conta a natureza da

ação catequética que, enquanto ato comunicativo, procura estabelecer pontes criativas e atualizadoras entre a mensagem cristã e a existência humana. Assim, propõe-se um itinerário que apresenta as seguintes características:

- *Permanente e global*, destinado a desenvolver a fé do catequista e a acompanhar o seu processo de aprendizagem rumo à maturidade humana e cristã, numa visão global da sua existência;
- *Sistemático e orgânico*, que lhe permita adquirir, segundo as suas capacidades, competências ao nível do *ser*, do *saber*, do *saber fazer*, do *saber estar em* e do *saber estar com*, num processo de avaliação, revisão e atualização permanentes;
- *Gradual e alargado*, permitindo experimentar diferentes níveis do exercício da função catequética, no conjunto da missão da Igreja, bem como desenvolvê-la noutros âmbitos, tais como a família e a comunidade cristã;
- *Realista e situado*, respeitando os processos de desenvolvimento dos destinatários e as suas condições socioculturais; garantindo-lhes um projeto de catequese criativo e adaptado que vá ao encontro dessas mesmas condições;
- *Essencial e vital*, centrando-se no anúncio fundamental da pessoa de Cristo, no qual se manifesta o Deus do amor que chama à comunhão com Ele, por meio do Espírito, e que educa para ser discípulo de Jesus Cristo, em todas as dimensões da vida cristã (conhecer, celebrar, rezar, viver, testemunhar e anunciar).

Com base nestas opções formativas apresenta-se, de seguida, o Plano de Formação de Catequistas.

Sensibilização: Deus chama-me a ser catequista

AÇÃO	Encontro de introdução à missão de catequista
ENQUADRAMENTO	– Descobrir a beleza da vocação e da missão a que se é chamado.
OBJETIVOS GERAIS	– Reconhecer a alegria de ser catequista; – Sensibilizar-se para o exercício do ministério/serviço do catequista; – Despertar para os aspetos mais relevantes da catequese; – Conhecer o Programa Nacional da Catequese.
CONTEÚDOS	1. O catequista como discípulo: vocação e missão
	2. A catequese: identidade, finalidade e tarefas
	3. Programa e opções nacionais da catequese (adultos, adolescentes e jovens, crianças)
	4. Apresentação dos materiais catequéticos e do itinerário de uma catequese
	– Preparação de uma catequese: exercício prático
DESTINATÁRIOS	– Catequistas que iniciam a sua missão – Catequistas que nunca tiveram formação catequética
CARGA HORÁRIA	– 6 horas
ÂMBITO	– Paróquia, vigararia/arciprestado/ouvidoria e diocese
COMPETÊNCIA	– Pároco e outros catequistas competentes

Formação inicial: Ser catequista hoje

AÇÃO	Formação inicial
ENQUADRAMENTO	<ul style="list-style-type: none">– O acompanhamento dos processos de crescimento na fé dos catequizandos (cf. EG 169) exige uma formação específica para todos os catequistas;– A formação do catequista terá em conta o ser, o saber, o saber fazer, o saber estar em e o saber estar com.
OBJETIVOS GERAIS	<ul style="list-style-type: none">– Descobrir a beleza da vocação batismal;– Apreciar e assumir a vocação de catequista;– Preparar-se para começar a exercer a missão de catequista;– Capacitar-se para a formação permanente.
CONTEÚDOS	<ol style="list-style-type: none">1. O primeiro anúncio e discipulado2. O Deus de Jesus Cristo:<ol style="list-style-type: none">2.1. Jesus fala-nos do Pai2.2. Mistério Pascal e o encontro com o Ressuscitado2.3. O Espírito Santo, Senhor que dá a vida2.4. Igreja, a comunidade dos discípulos de Jesus3. A pedagogia de Jesus4. A catequese contemporânea<ol style="list-style-type: none">4.1. A centralidade da Palavra de Deus na catequese4.2. Lugares e mediadores da catequese4.3. Natureza, finalidade, tarefas da catequese5. Os destinatários e o seu contexto antropológico6. O programa e materiais catequéticos, e plano de formação de catequistas7. Metodologias essenciais do encontro de catequese
DESTINATÁRIOS	<ul style="list-style-type: none">– Catequistas que começam a fazer catequese como responsáveis de um grupo ou como catequistas auxiliares;– Catequistas enviados pela sua comunidade que revelam maturidade humana e cristã;– Confirmados na fé com mais de 18 anos.
CARGA HORÁRIA	<ul style="list-style-type: none">– 20 horas
ÂMBITO	<ul style="list-style-type: none">– Paróquias, unidades pastorais, vigararias/arciprestados/ouvidorias
COMPETÊNCIA	<ul style="list-style-type: none">– Equipas de formação diocesana

Módulo 1: A alegria de evangelizar

AÇÃO	Teologia da Revelação, história da salvação, Bíblia, evangelização e catequética
ENQUADRAMENTO	<ul style="list-style-type: none"> – É próprio do exercício do ministério de catequista a obtenção de uma formação catequética específica que proporcione ao catequista o conhecimento do lugar da catequese na vida e na missão evangelizadora da Igreja, bem como da realidade da catequese em Portugal e das práticas adequadas a cada etapa da vida.
OBJETIVOS GERAIS	<ul style="list-style-type: none"> – Aprofundar a formação inicial; – Adquirir uma preparação específica para o exercício do ministério de catequista; – Viver com alegria o seguimento mais empenhado de Jesus Cristo e o compromisso mais esclarecido com a Igreja, participando mais conscientemente na sua missão evangelizadora; – Aprofundar o conhecimento do mistério da Revelação de Deus (Escritura e Tradição); – Entender a catequese como uma comunicação da fé vivida por uma comunidade, transmitida com linguagem e pedagogias próprias.
CONTEÚDOS	<ol style="list-style-type: none"> 1. Deus dá-se a conhecer em Jesus Cristo <ul style="list-style-type: none"> – A Revelação – As etapas da história da salvação – A transmissão da Revelação divina: Tradição/Sagrada Escritura – A constituição da Bíblia e a sua interpretação – Fonte e fontes da catequese 2. A catequese no ministério da Palavra <ul style="list-style-type: none"> – Visão global da missão da Igreja numa eclesiologia de comunhão – Desafios da catequese contemporânea – A experiência cristã no contexto da experiência religiosa 3. A missão evangelizadora da Igreja <ul style="list-style-type: none"> – O processo evangelizador – A catequese ao serviço da iniciação cristã – A catequese de inspiração catecumenal – A catequese em ordem à maturidade da fé – Dimensões <i>kerigmática</i> e <i>mistagógica</i> da catequese – A catequese na história da Igreja – Os documentos que influenciam a catequese – A catequese na Igreja em Portugal 4. Natureza, finalidade, tarefas e lugares da catequese <ul style="list-style-type: none"> – Finalidade da catequese: o encontro com Jesus Cristo – Tarefas da catequese – Lugares da catequese: <ul style="list-style-type: none"> – A comunidade cristã (origem, lugar e meta da catequese) – Catequese e liturgia – Catequese e ação sócio-caritativa – Catequese e movimentos – Catequese e família
DESTINATÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> – Catequistas que queiram aprofundar a fé, investir na sua própria formação e adquirir melhores competências catequéticas necessárias ao exercício da sua missão, estando a exercer atividade catequética e tendo frequentado o percurso de formação inicial.
CARGA HORÁRIA	<ul style="list-style-type: none"> – 20 horas
ÂMBITO	<ul style="list-style-type: none"> – Diocese, paróquias, unidades pastorais, vigararias/ arciprestados/ ouvidorias
COMPETÊNCIA	<ul style="list-style-type: none"> – Secretariados diocesanos e equipas de formação diocesana

Módulo 2: A mensagem cristã

AÇÃO	O ato de acreditar, o Credo e a profissão da fé cristã
ENQUADRAMENTO	<ul style="list-style-type: none"> - Para o exercício da função de catequista é necessária uma formação que lhe proporcione um conhecimento da fenomenologia do ato crente e das suas particularidades nos nossos dias, bem como um acesso às fontes da fé cristã, de modo a compreender melhor a fé em que acredita, as razões que a justificam e o conduzem a uma profissão de fé mais consciente e madura.
OBJETIVOS GERAIS	<ul style="list-style-type: none"> - Aprofundar a formação inicial; - Adquirir uma preparação específica para o exercício do ministério de catequista; - Viver com alegria o seguimento mais empenhado de Jesus Cristo e o compromisso mais esclarecido com a Igreja, participando mais conscientemente na sua missão evangelizadora; - Compreender as dimensões do ato de fé, conhecer a fé da Igreja, alcançar uma maior maturidade de fé através da sua profissão solene e saber testemunhá-la de forma pessoal e fundamentada.
CONTEÚDOS	<ol style="list-style-type: none"> 1. Revelação e fé <ul style="list-style-type: none"> - Acreditar é um ato humano fundamental - Acreditar é responder à Revelação - Dimensões do ato de fé - Resistências à fé e recomposição das formas de crer 2. A profissão da fé cristã <ul style="list-style-type: none"> - O acesso à fé nos Evangelhos - A fé da Igreja na comunidade primitiva - Da confissão de fé aos símbolos da fé 3. Creio em Deus Pai <ul style="list-style-type: none"> - Um só Deus Pai, criador do céu e da terra - A pessoa humana, imagem de Deus - A universalidade do pecado e o dinamismo da graça 4. Creio em Jesus Cristo <ul style="list-style-type: none"> - A pessoa de Jesus - A encarnação e a vida pública de Jesus - A redenção e o mistério pascal - A ressurreição de entre os mortos 5. Creio no Espírito Santo <ul style="list-style-type: none"> - O Espírito Santo, Senhor que dá a vida 6. O mistério da Santíssima Trindade <ul style="list-style-type: none"> - Um Deus de pessoas em comunhão - A fé na Trindade Santíssima 7. Creio na Igreja <ul style="list-style-type: none"> - O nascimento da Igreja - Povo de Deus, corpo de Cristo, templo do Espírito - Una, santa, católica e apostólica - A comunhão na diversidade: vocações e ministérios - A comunhão dos santos - Maria, figura e modelo da Igreja 8. Creio na vida eterna e no mundo que há de vir <ul style="list-style-type: none"> - Um só batismo para a remissão dos pecados - A vida eterna e esperança dos novos céus e da nova terra
DESTINATÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> - Catequistas que queiram aprofundar a fé, investir na sua própria formação e adquirir melhores competências catequéticas necessárias ao exercício da sua missão, estando a exercer atividade catequética e tendo frequentado o percurso de formação inicial.
CARGA HORÁRIA	<ul style="list-style-type: none"> - 20 horas
ÂMBITO	<ul style="list-style-type: none"> - Diocese, paróquias, unidades pastorais, vigararias/ arceprestados/ouvidorias
COMPETÊNCIA	<ul style="list-style-type: none"> - Secretariados diocesanos e equipas de formação diocesana

Módulo 3: Celebração da fé e espiritualidade

AÇÃO	Liturgia, sacramentos e espiritualidade do catequista
ENQUADRAMENTO	<ul style="list-style-type: none"> – Para o exercício da função de catequista é necessária uma formação que lhe proporcione um conhecimento dos fundamentos da liturgia cristã e do lugar da celebração na sua vida, assim como uma consciência mais aprofundada da teologia dos sacramentos e da sua vivência. A vivência da autêntica espiritualidade cristã visa um processo de conversão da mentalidade e da vida, bem como de um aprofundamento experiencial da oração.
OBJETIVOS GERAIS	<ul style="list-style-type: none"> – Aprofundar a formação inicial; – Adquirir uma preparação específica para o exercício do ministério de catequista; – Viver com alegria o seguimento mais empenhado de Jesus Cristo e o compromisso mais esclarecido com a Igreja; – Participar mais conscientemente na missão evangelizadora da Igreja; – Conhecer os fundamentos da liturgia e da espiritualidade cristãs; – Aprofundar a vida de oração e a prática sacramental.
CONTEÚDOS	<ol style="list-style-type: none"> 1. A liturgia da Igreja <ul style="list-style-type: none"> – Celebrar é um ato humano fundamental – Princípios da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II – O ano litúrgico e a centralidade do Mistério Pascal – Principais aspetos da celebração cristã 2. Os sacramentos da Igreja <ul style="list-style-type: none"> – A realidade sacramental – Cristo e Igreja como sacramentos – Os sacramentos da iniciação cristã <ul style="list-style-type: none"> – O sacramento do Batismo – O sacramento da Confirmação – O sacramento da Eucaristia – Os sacramentos de cura <ul style="list-style-type: none"> – O sacramento da Reconciliação – O sacramento da Unção dos Enfermos – Os sacramentos ao serviço da comunhão <ul style="list-style-type: none"> – O sacramento da Ordem – O sacramento do Matrimónio 3. A vida em Cristo <ul style="list-style-type: none"> – A dignidade da pessoa humana – A formação da consciência moral e as virtudes humanas – Os dez mandamentos e as bem-aventuranças – A comunidade humana e a construção da justiça 4. A oração cristã <ul style="list-style-type: none"> – As fontes da vida de oração – A oração do Pai-Nosso, a liturgia das horas e a <i>lectio divina</i> 5. A celebração na catequese <ul style="list-style-type: none"> – A catequese ensina a rezar e a celebrar – As celebrações no itinerário catequético 6. A espiritualidade do catequista <ul style="list-style-type: none"> – A vida teológica (fé, esperança e caridade) – Ser discípulo de Jesus e mediador do encontro com Ele – Ser porta-voz da comunidade e educador da fé – Ser companheiro de viagem
DESTINATÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> – Catequistas que queiram aprofundar a fé, investir na sua própria formação e adquirir melhores competências catequéticas necessárias ao exercício da sua missão, estando a exercer atividade catequética e tendo frequentado o percurso de formação inicial.
CARGA HORÁRIA	<ul style="list-style-type: none"> – 20 horas
ÂMBITO	<ul style="list-style-type: none"> – Diocese, paróquias, unidades pastorais, vigararias/ arceprestados/ ouvidorias
COMPETÊNCIA	<ul style="list-style-type: none"> – Secretariados diocesanos e equipas de formação diocesana

Módulo 4: A comunicação da fé

AÇÃO	Pedagogia catequética e conhecimento dos destinatários
ENQUADRAMENTO	<ul style="list-style-type: none"> – Para o exercício da função de catequista é necessária uma formação psicológica e pedagógica, que proporcione um adequado conhecimento dos destinatários e das ações pedagógicas que favoreçam a persecução dos objetivos programados para a catequese em cada etapa formativa
OBJETIVOS GERAIS	<ul style="list-style-type: none"> – Aprofundar a formação inicial; – Adquirir uma preparação específica para o exercício do ministério de catequista; – Obter um melhor conhecimento das características psicológicas dos destinatários; – Alcançar as competências pedagógicas específicas da catequese.
CONTEÚDOS	<ol style="list-style-type: none"> 1. A comunicação da fé <ul style="list-style-type: none"> – Desafios atuais à comunicação da fé – A catequese como ato de comunicar a fé 2. A pedagogia de Deus, fonte e modelo da pedagogia da fé <ul style="list-style-type: none"> – A pedagogia divina e a pedagogia da fé – A catequese ao serviço do diálogo entre Deus e a pessoa – A dimensão vocacional da vida cristã 3. A compreensão do desenvolvimento físico, psicológico, afetivo, moral e religioso no ciclo de vida. <ul style="list-style-type: none"> – A infância: <ul style="list-style-type: none"> – O despertar religioso e as bases da fé (0 - 6 anos) – As crianças na catequese na infância (6 - 12 anos) – A adolescência: <ul style="list-style-type: none"> – Adolescência inicial (12-14 anos) – Adolescência média (14-16 anos) – Adolescência final (16-18 anos) – Maturidade humana e religiosa do adulto: o educador da fé. 4. A metodologia catequética <ul style="list-style-type: none"> – Modelo bíblico-narrativo; – Modelo antropológico-indutivo; – Modelo querigmático-dedutivo; – Metodologias de um encontro de catequese – Utilização dos materiais didáticos 5. Programar e organizar a catequese <ul style="list-style-type: none"> – O grupo de catequese e a sua dinâmica – Ensinar a observar, escutar, comunicar e participar – Educar para a interioridade – Trabalhar com as famílias (reuniões de pais, escola paroquial de pais, catequese familiar) – Coordenar a catequese com outras instâncias formativas – Princípios de elaboração de outras atividades (retiros, peregrinações, viagens, trabalhos de pesquisa, diálogos com testemunhas, projetos de serviço) – Organização do catecumenado – Planificação do ano catequético
DESTINATÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> – Catequistas que queiram aprofundar a fé, investir na sua própria formação e adquirir melhores competências catequéticas necessárias ao exercício da sua missão, estando a exercer atividade catequética e tendo frequentado o percurso de formação inicial.
CARGA HORÁRIA	<ul style="list-style-type: none"> – 20 horas
ÂMBITO	<ul style="list-style-type: none"> – Diocese, paróquias, unidades pastorais, vigararias / arciprestados/ /ouvidorias
COMPETÊNCIA	<ul style="list-style-type: none"> – Secretariados diocesanos e equipas de formação diocesana

Módulo 5: Estágio de acompanhamento

AÇÃO	Módulo: Estágio de acompanhamento
ENQUADRAMENTO	– Os catequistas necessitam de um acompanhamento orientado de aplicação no terreno dos princípios teológicos e catequéticos, bem como de uma avaliação partilhada das suas práticas.
OBJETIVOS GERAIS	– Pôr em prática, num grupo de catequese, integrado numa comunidade cristã, as competências teológicas, catequéticas e pedagógicas anteriormente adquiridas.
CONTEÚDOS	<ol style="list-style-type: none">1. Diagnosticar as necessidades, definir objetivos, individuais e de grupo;2. Planificar o ano catequético;3. Desenvolver uma metodologia de preparação dos encontros semanais;4. Programar atividades complementares:<ul style="list-style-type: none">– Com o grupo de catequese;– Com as famílias;– Com a comunidade;5. Avaliar o desempenho de cada catequizando e do grupo;6. Elaborar um projeto pessoal de formação em consonância com o plano de formação da paróquia;7. Autoavaliar-se e elaborar um relatório final;8. Participar em encontros regulares com catequistas acompanhadores e com outros catequistas estagiários;9. Ser sujeito de uma prática de avaliação presencial.
DESTINATÁRIOS	– Catequistas que estejam a finalizar a segunda etapa da formação de catequistas e desejem ver avaliada a sua competência catequética, que estejam a exercer atividade catequética e tenham frequentado alguns módulos desta etapa.
CARGA HORÁRIA	– Um ano pastoral
ÂMBITO	– Paróquias, unidades pastorais
COMPETÊNCIA	– Secretariados diocesanos e equipas de formação diocesana em articulação com catequistas orientadores de estágio.

Ser Catequista hoje – As dimensões da formação

As dimensões Querigmática e Mistagógica da catequese

JOAQUIM GANHÃO, P. (*)

Introdução

Saúdo a iniciativa do Secretariado Nacional da Educação Cristã em incluir nestas jornadas nacionais o tema que agora aqui nos congrega: «as dimensões querigmática e mistagógica da catequese». Saúdo igualmente todos os catequistas presentes e neles o trabalho dedicado e persistente para que na Igreja se anuncie o Evangelho às novas gerações e se torne manifesta a beleza da vida cristã.

Querigma e Mistagogia

À partida temos aqui duas palavras que não fazem parte do léxico habitual da maioria dos cristãos de hoje, ainda que sejam transversais a toda a história da Igreja e da teologia. Mais do que palavras, são desafios a reencontrar aquela fonte que faz nascer a fé como relação viva e vital, salvação, fonte de sentido, de realização e de vida.

Permanecem de grande atualidade as palavras do Papa S. Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*, quando refere que a catequese jamais poderá ser descurada na evangelização porque «a inteligência das crianças e a dos

(*) Sacerdote do prebistério de Santarém. Diretor do Museu Diocesano de Santarém e do Secretariado de Liturgia. Responsável pela Comissão Diocesana dos Bens Culturais da Igreja.

adolescentes, tem necessidade de aprender, mediante um sistemático ensino religioso, os dados fundamentais, o conteúdo vivo da verdade que Deus nos quis transmitir, e que a Igreja procurou exprimir de maneira cada vez mais rica, no decurso da sua história» (...). Adverte de seguida que não podemos correr o risco de ficarmos pela transmissão de conteúdos intelectuais, antes devemos privilegiar a experiência concreta da vida. Refere, de seguida que os métodos devem ser adaptados a idades e circunstâncias de modo a que o anúncio do Evangelho possa consentir que aqueles que o recebem «retenham na memória, na inteligência e no coração, aquelas verdades essenciais que deverão depois impregnar toda a sua vida».

Para que tal aconteça será sempre necessária uma preparação adequada dos evangelizadores (pais, catequistas, etc). «Além disso, sem minimamente negligenciar, seja em que aspeto for, a formação religiosa das crianças, verifica-se que as condições do mundo atual tornam cada vez mais urgente o ensino catequético, sob a forma de um catecumenato, para numerosos jovens e adultos que, tocados pela graça, descobrem pouco a pouco o rosto de Cristo e experimentam a necessidade de a Ele se entregar»¹. Compreendemos que este documento de Paulo VI, de 8 de dezembro de 1975, teria hoje outras precisões de linguagem. Além da atualidade do seu conteúdo, cito-o aqui para homenagear este grande Papa e Pastor da Igreja, recentemente canonizado.

Também o magistério subsequente continua a manifestar as mesmas preocupações referidas na *Evangelii Nuntiandi*, de modo particular, a *Catechesi Tradendae*, do Papa S. João Paulo II, de 16 de outubro de 1979. Aqui, quando refere a questão da relação entre catequese e primeiro anúncio, distingue os dois momentos, sem contudo deixar de reconhecer que na prática a realidade é outra, e cito: «A especificidade da catequese, distinta do primeiro anúncio do Evangelho que suscita conversão, visa o duplo objetivo de fazer amadurecer a fé inicial e de educar o verdadeiro discípulo de Cristo, mediante um conhecimento mais aprofundado e sistemático da Pessoa e da mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Na prática, porém, a catequese, mantendo embora esta ordem normal, deve ter em conta que muitas vezes não se verificou a primeira evangelização. Certo número de crianças batizadas na primeira infância chega à catequese paroquial sem terem recebido qualquer outra iniciação na fé, e sem terem ainda

¹ Paulo VI, EN 44.

uma adesão explícita e pessoal a Jesus Cristo; têm somente a capacidade para acreditar, que lhes foi conferida pelo Batismo e pela presença do Espírito Santo»².

Também o Diretório Geral da Catequese, de 15 de agosto de 1997, faz eco e aprofunda estas afirmações da *Catechesi Tradendae*: «o primeiro anúncio, que cada cristão é chamado a realizar, participa do «**ide**» (Mc 16,15; Mt 28,19) que Jesus propôs a seus discípulos: **implica, portanto, o sair, o apressar-se, o propor**. A catequese, por outro lado, parte da condição que o próprio Jesus indicou, «aquele que crer», (Mc 16,16) aquele que se converter, aquele que se decidir. As duas ações são essenciais e reclamam-se mutuamente: **ir e acolher, anunciar e educar, chamar e inserir»³.**

Permitam-me ainda que, em jeito de introdução, vos manifeste algumas preocupações que podem iluminar quanto apresento de seguida. Quem experimenta no dia a dia da missão pastoral a inquietação da transmissão da fé às novas gerações, de modo particular na catequese da infância e adolescência, sente muitas vezes que vai ensinando conteúdos que não informam a vida e que correm o risco de não atingir os objetivos desejados. Deparo-me muitas vezes com um cenário preocupante para o qual, em conjunto com a comunidade, tenho procurado ensaiar algumas respostas: temos na paróquia cerca de 300 crianças e adolescentes na catequese; destes, menos de metade participam regularmente na celebração da comunidade. Com frequência, estou a celebrar e vejo chegarem dezenas de crianças que os pais “despejam” à porta quando se aproxima o final da Eucaristia. O que fazer para motivar esta gente para a participação na celebração? A que se deve esta atitude? Poderá a catequese prescindir da celebração? Será que a catequese tem ajudado a reconhecer a comunidade como lugar de encontro, como ainda há tão pouco nos afirmavam os nossos bispos? Será que as celebrações não são capazes de atrair os mais novos a uma participação viva, inclusiva e frutuosa? Será que as linguagens que usamos não são perceptíveis e já não conseguem falar de modo significativo às novas gerações? Ou será que não estamos a conseguir formar as pessoas e introduzi-las na profundidade e na beleza significativa do encontro/conhecimento de Cristo e dos sinais da fé? Certamente que todos temos algo a dizer na resposta a estas questões e o tema que aqui nos congrega, longe de se esgotar,

² João Paulo II, *Catechesi Tradendae* 19

³ Cf. Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, SNEC 1998, 61-70.

desafia-nos a iluminar o caminho em ordem a algumas respostas para estas e outras realidades semelhantes. O mundo mudou e os velhos pressupostos alteram-se a cada passo; os ambientes culturais mudam a um ritmo que não controlamos. E, no entanto, somos chamados a ver em tudo isto desafios que o Espírito nos oferece para lhe respondermos de forma ousada e confiante. Não será por acaso que a proposta desta reflexão parta, justamente, da Exortação Apostólica do Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*⁴, capítulo III, onde aborda a questão do Anúncio do Evangelho, e cito: «*Depois de considerar alguns desafios da realidade atual, quero agora recordar o dever que incumbe sobre nós em toda e qualquer época e lugar, porque «não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus como Senhor» e sem existir uma «primazia do anúncio de Jesus Cristo em qualquer trabalho de evangelização. (...) uma evangelização entendida como o jubiloso, paciente e progressivo anúncio da Morte salvífica e Ressurreição de Jesus Cristo há de ser a vossa prioridade absoluta».*» (EG 110).

O Querigma, prioridade absoluta

Quando falamos de Querigma, o que queremos dizer?

Antes de mais, dizemos primeiro anúncio do Evangelho, convite à conversão e à descoberta da beleza da fé que penetra o coração, transforma a vida e insere na comunidade dos salvos pelo Mistério Pascal de Cristo.

Segundo o Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos, que serve de modelo ao estilo catecumenal que informa toda a prática catequética, temos quatro tempos ou etapas:

- a) Pré-catecumenado, caracterizado pela primeira evangelização;
- b) Catecumenado, destinado a uma catequese completa;
- c) Purificação e iluminação, para obter uma preparação espiritual mais intensa para os sacramentos da Iniciação Cristã;
- d) Mistagogia, marcada por uma experiência aprofundada dos sacramentos recebidos e da vida em comunidade (RICA, Prelim. 7).

⁴ Cf. Papa Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 110-168.

O Pré-catecumenado é o início do caminho. Este primeiro passo reveste-se hoje de grande importância dado o ambiente de agnosticismo, indiferença e dispersão que afasta as pessoas da fé. Há, certamente, no coração humano uma atração para Deus mas os cuidados do mundo, a cultura materialista, o relativismo reinante e a inclinação para o pecado abafam a sensibilidade espiritual. Por isso, os fiéis mais conscientes e ativos, tanto pastores como consagrados e leigos, devem empenhar-se ativamente na missão de ser luz do mundo para que, com a graça de Deus e através do seu testemunho de vida cristã, despertem os nossos contemporâneos para a fé cristã. O despertar da fé é hoje, como sempre, um desafio à missão evangelizadora da Igreja. Procurem nesse sentido, os pastores e colaboradores da pastoral dar a conhecer aos descrentes e afastados o rosto verdadeiro de Deus e do Seu Enviado, Jesus Cristo, através de experiências do **Primeiro Anúncio (Querigma) que desperte a fé e a conversão**. *“Todo o tempo do pré-catecumenado destina-se a esta evangelização a fim de que amadureça com sinceridade o desejo de seguir a Cristo e de pedir o Batismo” (RICA, Prelim 10)*. É, portanto, um período de clarificação dos motivos para se tornar cristão⁵.

Se dizemos isto acerca da Iniciação Cristã dos Adultos, com maioria de razão devemos considerar a importância deste primeiro anúncio aos que nos são confiados no âmbito da catequese. Longe vão os tempos onde este anúncio do núcleo fundamental da fé se fazia em contexto familiar, era bebido com o leite materno e alimentado no seio das famílias que tinham, no ritmo celebrativo da comunidade cristã, o espaço normal de encontro com Cristo e da celebração dos seus mistérios. O risco de reduzirmos a fé cristã a uma mera referência cultural, é tão velho quanto perigoso, mesmo catastrófico. A fasquia baixa, arrisca-se a uma atitude de resignação consolatória que nos vai sossegando com a ideia de que “alguma coisa lá fica”. É verdade, poderá ficar alguma coisa, mas correrá o risco de permanecer apenas como mera referência cultural. E porquê? Porque não chegou a acontecer o anúncio fundamental, aquele que desperta a fé e conduz ao encontro vivo com o Cristo da Páscoa e que passa a ritmar toda a existência cristã.

A isto alude o Papa Francisco na *Evangeli Gaudium*, no número 163, diz Ele: *«Voltámos a descobrir que também na catequese tem um papel fundamental o primeiro anúncio ou **querigma**, que **deve ocupar o centro da atividade***

⁵ Cf. D. Manuel Pelino Domingues, *Celebrar os Sacramentos na Fé da Igreja*, Gráfica Almondina 2010, 24-25.

evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial. O querigma é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai. **Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: «Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar».** Ao designar-se como «primeiro» este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio principal, **aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar**, numa forma ou doutra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos. Por isso, também «o sacerdote, como a Igreja, deve crescer na consciência da sua permanente necessidade de ser evangelizado».⁶

Em termos de prática catequética e de toda a formação cristã, parecem-nos ver aqui o mesmo espírito da afirmação de S. Paulo ao seu discípulo Timóteo, quando lhe diz que deve anunciar a palavra oportuna e inoportuna⁷. O anúncio do núcleo fundamental da fé – Querigma – nunca está acabado. «*Não se deve pensar que, na catequese, o querigma é deixado de lado em favor duma formação supostamente mais «sólida». Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio. Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, e permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano*». Esta afirmação da centralidade do Querigma em toda a ação pastoral, é um dos desafios mais exigentes. Trata-se sempre e só de partir de Cristo, do conhecimento e da compreensão do seu mistério e do testemunho vivo. Também aqui poderíamos lembrar o estilo franciscano, tão querido ao Papa Francisco – *se necessário, também com palavras*. Mas o Papa vai mais longe e aponta as características do anúncio:

1. *Que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa*

⁶ Cf. EG 164

⁷ Cf. 2Tim 4, 1-5.

2. *Que não imponha a verdade, mas faça apelo à liberdade*
3. *Que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa*
4. *que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas.*

E, de seguida, indica as atitudes do evangelizador:

1. *Proximidade*
2. *abertura ao diálogo*
3. *paciência*
4. *acolhimento cordial que não condena»⁸.*

O Querigma, enquanto anúncio do Mistério Pascal e conseqüente convite à inserção em Cristo, mediante os sacramentos da Iniciação Cristã, conduz à Eucaristia como fonte e cume de toda a vida cristã. «Aqueles que se converteram a Jesus Cristo e foram educados à fé por meio da catequese, ao receberem os sacramentos da iniciação cristã, o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia, são libertados do poder das trevas; mortos com Cristo, sepultados com Ele e ressuscitados com Ele, recebem o Espírito da adoção de filhos e com todo o Povo de Deus celebram o memorial da morte e ressurreição do Senhor»⁹.

Da Eucaristia brota um dinamismo de amor e de vida que parte do Pai por meio do Filho e é derramado nos crentes, realizando a plena comunhão com Deus: “Quem me come viverá por mim” (Jo 6, 57). A Eucaristia oferece-nos a possibilidade de experimentar já nesta terra a comunhão com Deus, ainda que esta se realize plena e definitivamente na eternidade. À Luz desta certeza, S. Cirilo de Alexandria exortava os fiéis: “Quando, na nossa busca espiritual, chegamos à profundidade dos mistérios que nos dão a vida, e nos são oferecidos pelo Senhor dons admiráveis, superiores a todas as nossas expectativas, como viático de imortalidade, então devemos seguir com ardor as delícias destes mistérios. Tornados participantes da vocação celeste, corramos depressa para a Eucaristia, revestidos de fé sincera como de uma veste nupcial.

⁸ Cf. EG 165

⁹ Cf. Congregação para o Clero, Diretório Geral da Catequese, SNEC 1998, 65.

*É Cristo que hoje nos acolhe no Seu banquete, é Cristo que hoje nos serve; aquele Cristo que ama os homens e os sacia*¹⁰. É justamente esta vocação celeste e esta fé sincera recebida no batismo que habilita o cristão para acolher o dom da Eucaristia na qual recebe toda a vida divina que é Cristo. Com razão o Concílio Vaticano II afirma, na *Lumen Gentium*, que os fiéis, *participando no sacrifício da Eucaristia, que é fonte e cume de toda a vida cristã, oferecem a Deus a vítima divina e oferecem-se a si mesmos com ela... e, pela comunhão do corpo de Cristo, manifestam de modo concreto a unidade do povo de Deus*¹¹. Acolhido o primeiro anúncio (Querigma), percorrido o caminho na comunidade, assumindo os passos concretos da vida cristã através dos sacramentos da iniciação, o cristão estará apto para o louvor, para o testemunho e para a missão.

Mistagogia e Catequese

Como afirmei no início desta comunicação, devemos, antes de mais, esclarecer os termos: Das primeiras gerações cristãs até aos nossos dias, mistagogia diz respeito à dinâmica da Iniciação Cristã. O documento da Diocese de Santarém, atrás citado, refere que *«depois da celebração dos Sacramentos da Iniciação, o Eleito passa a chamar-se Neófito, o que foi iluminado. E é da vida nova na luz da fé que agora se trata. Por isso, é necessário um tempo para treinar e saborear intensamente o Dom recebido. Passada a última porta da Iniciação, os neófitos «são livres e cidadãos da Igreja, santos, justos, herdeiros, membros de Cristo e templos do Espírito».* “A comunidade, juntamente com eles, aprofunda o mistério pascal e procura traduzi-lo cada vez mais na vida pela meditação do evangelho, pela participação na Eucaristia e pelo exercício da caridade cristã” (RICA, Prelim 37). *Os neófitos procurem entrar em relações mais íntimas com os fiéis e participar mais ativamente na vida e na missão da comunidade cristã. (cf ib 39). São incentivados a tornarem-se Testemunhas da fé. O lugar principal da mistagogia são as missas dos neófitos, ou seja, as missas dos domingos de Páscoa (cf. RICA, Prelim 40). Nesta etapa procura-se o aprofundamento e interiorização dos sacramentos recebidos e da vida nova dos filhos de Deus».* Na boa tradição patristica, bem conhecemos as catequeses de S. João Crisóstomo que, com desvelos de pastor, atento e solícito, vai explicando aos que receberam os sacramentos da iniciação, o que lhes aconteceu.

¹⁰ Cirilo de Alexandria, homilia 10.

¹¹ Cf. LG 11.

Assim, percebemos que a mistagogia é um termo que diz respeito a todos – pastores, teólogos, catequistas, e agentes pastorais, comunidade – e obriga-nos a uma profunda renovação da linguagem eclesial. A grande tradição mistagógica, sem deixar de ser um modo de refletir e pensar, é antes de mais, um modo de falar, de transmitir, de testemunhar/mostrar. A linguagem metafórica e o recurso à analogia, conduz-nos a novos modos de exprimir a revelação e a fé. Esta mudança de linguagem não é uma simples renovação das expressões pastorais, homiléticas ou catequéticas, mas uma nova experiência da verdade e do mistério. É isto que nos permite perceber a afirmação do Cardeal O' Malley, quando diz que o Concílio Vaticano II foi um «evento linguístico»¹², fazendo-nos entender que a linguagem não é apenas um instrumento do pensamento mas um novo modo de dizer, de se dizer, de se manifestar. Só entenderemos isto se aceitarmos que a iniciação à fé não provém apenas da sabedoria dos “conceitos”, mas também da sabedoria das ações, das narrações, da música, dos espaços, dos tempos, das relações, dos perfumes... deste modo entenderemos a urgência da mistagogia na raiz da experiência da revelação e da fé¹³.

Este assunto não deixou de ocupar o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, reconhecendo aí a urgência de novos passos em ordem ao que designa de **iniciação mistagógica** «*que significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa, na qual intervém toda a comunidade, e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã*». Muitos manuais e planificações ainda não se deixaram interpelar pela necessidade duma renovação mistagógica, que poderia assumir formas muito diferentes de acordo com o discernimento de cada comunidade educativa. O encontro catequético é um anúncio da Palavra e está centrado nela, mas precisa sempre duma ambientação adequada e duma motivação atraente, do uso de símbolos eloquentes, da sua inserção num amplo processo de crescimento e da integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta»¹⁴.

Já o Sínodo Extraordinário de 1985 colocou na ordem do dia a questão da mistagogia, afirmando a sua atualidade e apontando-a entre os elementos

¹² Cf. J.W. O'MALLEY, *Che cosa è successo nel Vaticano II*, Vita e Pensiero, Milano 2010.

¹³ Cf. ANDREA GRILLO, *Iniziazione, una categoria vitale per i giovani e la fede*, Verona 2017, 94-95.

¹⁴ EG 166.

fundamentais para a renovação da liturgia: «as catequese, como já acontecia no início da Igreja, devem voltar a ser um caminho que introduza na vida litúrgica, sejam por isso catequese mistagógicas»¹⁵. Passados tantos anos podíamos perguntar-nos em que ponto estamos relativamente à resposta a este desafio? A catequese mistagógica está a ser praticada nas nossas comunidades e devidamente adaptada às novas gerações? Certamente que haverá boas experiências neste âmbito, e todos estamos convencidos da atualidade deste método, mas é necessário descobrir a sua urgência e necessidade para que a linguagem litúrgica e a celebração dos mistérios da fé possam ser entendidos, acolhidos e vividos por quem neles participa, e os símbolos da nossa fé possam falar de novo àqueles a quem se dirigem. Na verdade, não haverá vida litúrgica autêntica sem o conhecimento do mistério celebrado na liturgia¹⁶. Teremos sempre de responder à pergunta: o que significa este rito, este gesto, esta palavra (cf. Ex 12, 26)? Aliás, o próprio Jesus, no contexto da Última Ceia, depois de lavar os pés aos discípulos pergunta-lhes: «compreendeis o que vos fiz?» (Jo 13, 12). O próprio Jesus faz-se intérprete, exegeta e mistagogo do seu gesto: «se eu que sou Senhor e Mestre vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros» (Jo 13, 14). Tal como nos gestos eucarísticos do pão e do vinho, também no lava-pés se encerra todo o mistério de Cristo, todo o sentido da Sua existência. Compreender estes gestos significa conhecer Cristo.

A mistagogia oferece-nos um caminho seguro para um conhecimento aprofundado do mistério de Cristo. Precisamos de introduzir cada vez mais este método no âmbito da catequese para conduzirmos as novas gerações numa compreensão mais efetiva e afetiva da celebração. Sublinho aqui a dimensão afetiva: durante muito tempo muitos pensaram que poderíamos prescindir dos afetos na transmissão da fé.

Aquele que participa na liturgia sem conhecer o mistério é semelhante a um dançarino que vai dançando sem ter o sentido e o ritmo da música. A mistagogia é assim o conhecimento do mistério narrado nas Escrituras, celebrado na liturgia e manifestado na vida. Tal como a exegese espiritual das Escrituras leva ao conhecimento de Cristo, assim a mistagogia, enquanto

¹⁵ Sinodo dei vescovi, *La chiesa, nella parola di Dio, celebra i misteri di Cristo per la salvezza del mondo* II,B,b,2, in *Enchiridion vaticanum IX*, EDB, Bologna 2002, p. 1761, nr. 1779.

¹⁶ Cf. BOSELLI, G. *Il senso spirituale della liturgia*, Qiqajon, Magnano 2011. 27-28.

exegese espiritual da liturgia, é também conhecimento e inteligência espiritual de Cristo. Podemos aplicar à mistagogia a conhecida expressão de S. Jerónimo: “*Ignoratio Scripturarum, ignoratio Christi est*”: ignorar as Escrituras, é ignorar Cristo. Do mesmo modo “*Ignoratio liturgiae, ignoratio Christi est*”: ignorar a liturgia, é ignorar Cristo¹⁷.

No âmbito da Catequese da infância e adolescência, como utilizar o método mistagógico para a transmissão e celebração da fé? O estilo e o conteúdo das nossas catequese estão efetivamente neste comprimento de onda? Os mais novos são verdadeiramente iniciados na compreensão do que são convidados a celebrar nos sacramentos e nas expressões da vida cristã da comunidade?

Últimas considerações

Querigma e mistagogia são dois momentos fundamentais que permanentemente se cruzam, esclarecem e completam: um anúncio que todos os dias se assume como primeiro a acolher e a fazer; uma mistagogia que a cada momento serve o anúncio primeiro, o esclarece, ilumina e reinventa para que seja assimilado, assumido e transmitido em linguagens claras (verbais e não verbais) e por todos compreendidas.

Estamos diante de desafios inesgotáveis e exigentes. Não podemos correr o risco de confundir mistagogia com criatividade extemporâneas, fundadas nos afetos do momento, mas numa sólida, exigente e completa formação cristã e catequética. Tendo bem presente a afirmação de Romano Guardini quando nos diz que “a liturgia é sentimento plenamente dominado”, devemos, no entanto, considerar que a mistagogia envolve a pessoa na sua totalidade. O testemunho assumido, manifestado naquela tensão de sintonia com o que dizemos, fazemos e celebramos, sem palavras e atitudes esclerosadas, é em si mesmo, narração mistagógica jamais confundida com sentimentalismo vazio.

Compreenderão que, como liturgista, estes desafios estejam muito presentes nas minhas preocupações e ministério. Como pode a liturgia promover a frescura do anúncio fundamental da fé e introduzir a todos no mistério celebrado, de forma viva e atraente?

¹⁷ Cf. Oc. 32.

Os pastores, catequistas e educadores da fé deverão, antes de mais, responder adequadamente a uma necessidade que os crentes hoje manifestam muitas vezes, de modo ambíguo e confuso, e que requer grande capacidade de discernimento pastoral e o dom de uma clara intuição espiritual: é a necessidade de encontrar na liturgia uma atmosfera mais orante e meditativa que consinta responder ao desejo de apropriação pessoal daquilo que se diz e se faz na ação litúrgica – neste sentido poderíamos dizer que também o silêncio é querigmático e mistagógico. No dizer de alguns, uma liturgia mais espiritual e menos convival, onde haja menos palavras e mais Palavra, menos sinais improvisados e mais sinais significativos. A autêntica festa litúrgica é antes de mais interior, silenciosa, calma e sóbria, porque é a festa da fé que leva ao encontro. Mas atenção, falar de festa interior não quer dizer o desejo do retorno ao intimismo ou desprezar a insubstituível manifestação corporal e sensível que a liturgia necessariamente implica enquanto ação humana e destinada ao homem. Quando falamos de uma liturgia mais contemplativa, estamos a dizer a urgência de recuperar o primado da interioridade que um certo assento na exterioridade colocou em segundo plano. Tocamos aqui o conceito de participação ativa, tão querido ao Concílio Vaticano II¹⁸.

“A liturgia de amanhã exigirá que cada cristão tenha condições para alcançar o conteúdo da liturgia, unida à redescoberta de uma atmosfera mais orante e contemplativa. Este é um dos pressupostos essenciais, embora não seja o único, para que a liturgia possa ser lugar de transmissão da fé”¹⁹.

Concretizando um pouco mais: a celebração faz-se de gestos, palavras, silêncios, sinais, música, usa algumas vezes a iconografia, etc. Para muitos que nunca foram iniciados, este complexo é estranho e provoca o tal curto-circuito que os faz desligar dos códigos linguístico-celebrativos da comunidade. A iniciação cristã como caminho de inserção na comunidade tem de passar pela aquisição de conteúdos sérios e experiências significativas que introduzam a criança e o adolescente na comunhão com Deus e com a comunidade. Seria uma boa ocasião para um ano de formação contínua sobre a celebração da fé.

¹⁸ Cf. BOSELLI, G. *Il senso spirituale della liturgia*, Qiqajon, Magnano 2011. 224-225.

¹⁹ BOSELLI, G. *Il senso spirituale della liturgia*, Qiqajon, Magnano 2011. 228.

“Uma relação mais forte da catequese com a liturgia. De facto, a liturgia é a fonte e o cume de toda a vida cristã²⁰ onde os catequizandos experimentam o que ouvem na catequese e descobrem os sinais visíveis da presença e ação de Deus; por isso, a catequese deve iniciar aos espaços, gestos, comportamentos, símbolos e ritos celebrativos. E, sobretudo, levar a viver na celebração litúrgica e na oração o que aprendem sobre a vida cristã”²¹.

Os nossos bispos, na nota pastoral de 2005, que acabo de citar, afirmam que “a vida cristã é como os talentos do Evangelho que são dados a cada um para pôr a render através do testemunho da caridade e do serviço ao Reino de Deus. A vida cristã é como a luz que deve irradiar à sua volta. O testemunho, por sua vez, fortalece e aprofunda a fé dos fiéis. Estes momentos não são compartimentos autónomos e separados. Estão em comunicação uns com os outros. Por isso, a catequese não pode preocupar-se apenas em esclarecer e solidificar a fé, mas também em despertá-la e avivá-la continuamente, retomando o primeiro anúncio e orientando na conversão ao Senhor (cf. CT 19). Precisa igualmente de orientar para a celebração e para o testemunho da fé”²².

Além da celebração e juntamente com ela, a nossa tradição dispõe de elementos importantes que ajudam à compreensão da celebração e de todo o complexo da vida cristã. Refiro-me ao contributo da arte e à necessidade de incluirmos na formação catequética também esta dimensão hoje tão importante. A isto se refere o Papa Francisco na EG: *«É bom que toda a catequese preste uma especial atenção à «via da beleza (via pulchritudinis)». Anunciar Cristo significa mostrar que crer n’Ele e segui-Lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida dum novo esplendor e duma alegria profunda, mesmo no meio das provações. Nesta perspetiva, todas as expressões de verdadeira beleza podem ser reconhecidas como uma senda que ajuda a encontrar-se com o Senhor Jesus»*²³.

²⁰ Cf. LG 11.

²¹ Conferência Episcopal Portuguesa, Nota Pastoral, *«Para que acreditem e tenham a vida»*, 2005. Nº 4b.

²² Conferência Episcopal Portuguesa, Nota Pastoral, *«Para que acreditem e tenham a vida»*, 2005. Nº 3,5.

²³ EG 167

Desde as primeiras gerações cristãs, como atesta a arte presente já nas catacumbas, a comunidade procurou dizer e manifestar a fé através da arte. No séc. IV, quando Gregório Magno definiu como *Biblia Pauperum* tudo aquilo que embelezava os lugares de culto cristão, e os códigos visivos alimentavam a fé e o culto das comunidades, esta linguagem icónica, tendo a capacidade de se dirigir diretamente ao coração do homem, permitiu, nos séculos seguintes, que aos crentes não fossem transmitidos apenas conceitos e conteúdos, mas sobretudo sugestões que abrissem o coração ao Mistério de Deus²⁴. Estes símbolos cristãos ajudam a criar referências e, por isso, precisam de ser descodificados de modo a cumprirem a sua missão. Muitas das nossas igrejas estão cheias de obras de arte que podem trazer novidade e despertar curiosidade. A leitura de uma obra de arte pode ser hoje, como ontem, uma extraordinária catequese. Temos feito esta experiência com os mais novos, no âmbito dos serviços educativos do nosso Museu Diocesano de Santarém, com boa receptividade da parte das crianças e adolescentes e até de pais e catequistas. O mesmo se diga com a explicação mistagógica da arte presente nas igrejas paroquiais.

Outro elemento de extraordinária importância é a música. Uma celebração animada pelo canto litúrgico favorece não apenas a participação ativa, mas torna-a mais bela e feliz.

«Na celebração, a arte musical é ação simbólica em relação a uma participação viva e consciente. Arte simbólica porque capaz de evocar o mistério. Arte mistagógica porque capaz de introduzir no mistério. O canto na oração litúrgica exprime aquela realidade viva que nasce, cresce e se desenvolve, na força do Espírito Santo, para introduzir o orante litúrgico no mistério de Deus que se revela ao homem e do mistério do homem que entra em comunhão com Deus, através do evento celebrativo. Preso e conquistado pelo fascínio desta Presença Divina sacramental, o homem reza cantando e canta rezando»²⁵.

Algumas experiências têm sido ensaiadas entre nós, mas falta ainda aprofundar este trabalho e oferecer aos mais novos melodias e textos adaptados para que a sua participação na celebração possa ser mais viva e bela.

²⁴ Battaglia, E. – Rampazzo, F., *Il Colore «sacramento» della Bellezza*, Padova, Messaggero Padova, 2003, 144.

²⁵ Giuseppe Liberto, in *LITURGIA EPIFANIA DEL MISTERO*, 53ª Settimana Liturgica Nazionale, CAL, Roma 2003, 151-154

E termino com as palavras do Papa Francisco: *«É desejável que cada Igreja particular incentive o uso das artes na sua obra evangelizadora, em continuidade com a riqueza do passado, mas também na vastidão das suas múltiplas expressões atuais, a fim de transmitir a fé numa nova «linguagem parabólica». É preciso ter a coragem de encontrar os novos sinais, os novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra, as diversas formas de beleza que se manifestam em diferentes âmbitos culturais, incluindo aquelas modalidades não convencionais de beleza que podem ser pouco significativas para os evangelizadores, mas tornaram-se particularmente atraentes para os outros».*

Também passa por aqui a atenção aos Sinais dos Tempos!

Fátima, 27 de outubro 2018

A Palavra de Deus lida, refletida e rezada, na catequese

ARMINDO DOS SANTOS VAZ, P. (*)

Caros catequistas:

Vós sois a glória da Igreja na importantíssima tarefa da transmissão da fé. Dado que hoje poucos avós e pais a conseguem fazer, se não fordes vós a fazê-la, a *lacuna* da falta de fé tornar-se-á *abismo*. Porque vós pegais nos catequizandos em tenra idade, a vossa responsabilidade reduplica. Dizia o pensador Ortega y Gasset, em 1910, interpelando os pais: “Reparai nos vossos filhos que entregais a um educador: estais a colocar o vosso ouro nas mãos de um ourives, cuja arte desconheceis. Que ideia acerca do homem terá a pessoa que vai humanizar os vossos filhos? Qualquer que seja essa ideia, será indelével a marca que deixará neles” (*Obras Completas*, I, 510). Por isso, os meus parabéns pela coragem em aceitardes o desafio de ser catequista e pela humildade em assumirdes os riscos que essa tarefa implica.

A Igreja, enquanto comunidade que escuta, vive, celebra e anuncia a Palavra de Deus, está necessariamente marcada pela forma como lida com ela. Do concílio Vaticano II, nos últimos 50 anos, foi crescendo uma nova relação da Igreja com ela: recolocou-a no centro de si própria e, tendo-a valorizado, aconteceu a desejada renovação da vida eclesial, nomeadamente na catequese. A Bíblia tem na primeira catequese um uso determinante, porque é ela que molda a criança e o adolescente, mas também jovens e adultos,

(*) Professor catedrático jubilado da Faculdade de Teologia da UCP. Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Tem Licenciatura canónica em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico e Licenciatura canónica em Teologia Dogmática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Teresianum. É membro do Conselho Científico da Faculdade de Teologia. Académico de Mérito da “Academia Portuguesa da História”. É sacerdote da Ordem dos Carmelitas Descalços.

de forma marcante. Na «animação bíblica da pastoral inteira» que a Igreja tem como base da evangelização, a catequese é primeira visada por esse programa pastoral. É logo a convicção da Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* de João Paulo II: “A catequese sempre há de haurir o seu conteúdo na fonte viva da Palavra de Deus, transmitida na Tradição e na Escritura” (nº 27). Para a *Dei Verbum*, “o ministério da palavra, que abarca... a catequese e toda a espécie de instrução cristã... alimenta-se com proveito e revigora-se santamente com a palavra da Escritura” (n.º 10 e 24). Ao falar da catequese, Bento XVI casou-a definitivamente com a Bíblia: “Um momento importante da animação pastoral da Igreja, onde se pode sapientemente descobrir a centralidade da Palavra de Deus, é a catequese, que, nas suas diversas formas e fases, sempre deve acompanhar o povo de Deus... «A catequese deve estar totalmente impregnada e embebida do pensamento, do espírito e das atitudes bíblicas e evangélicas, através de um contacto assíduo com os próprios textos sagrados»”¹.

Destas recomendações deduz-se que o livro fundamental da catequese deveria ser a Bíblia, que põe catequistas e catequizados em contacto com a força comunicativa dos gestos e das palavras de Jesus, da sua novidade, humanidade, provocação, ternura. Descobrimo a pedagogia insuperável das grandes e pequenas narrativas bíblicas, a catequese seria mais rica e eficaz ao ler e compreender a Bíblia como a grande narrativa fundadora da fé cristã, em que Jesus Cristo é o centro unificador.

1. A força da Sagrada Escritura enquanto narrativa

Qualquer catequista pode constatar que a Palavra de Deus se apresenta na Bíblia em forma de narrativa: é narração de acontecimentos da história de um povo, em que a fé bíblica viu o seu fundamento. Realmente, a fé nasceu em *experiências* humanas, partiu de factos ocorridos. Os mais significativos e grávidos de sentido deram origem a uma *narrativa*, que fazia memória deles para gerar mais fé e para a estimular. A força dos acontecimentos mobilizadores foi suscitando a sua interpretação. Por exemplo, a «saída» histórica dos escravos hebreus do Egito não apareceu logo de início como decisiva para a história do povo de Israel. Foi descobrimo o seu sentido oculto,

¹ Exortação Apostólica *Verbum Domini* – *A Palavra do Senhor*, 74-75. Cita o *Diretório Geral da Catequese*, nº 127 e a Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* de João Paulo II, nº 27.

só *depois*, no silêncio meditativo e à distância. O sentido do *acontecimento* foi-se 'dando' e crescendo por meio da *palavra* da tradição até se tornar *narrativa*, que desvelou no acontecimento mais riqueza do que a vista inicialmente. Uma vez que os acontecimentos do êxodo foram contemplados pela fé que neles reconhecia a manifestação do esplendor de Deus, a narrativa que lhes deu novo significado foi sendo entendida como Palavra de Deus. Isso fez com que a narrativa se fosse tornando *memória* normativa, **canónica**: quem a lia buscava no passado fundador energia para dar frescura e vitalidade ao seu presente. Pela narrativa, o passado tornava-se *desígnio* para o presente e para o futuro. Tornava-se «reserva de sentido»; inscrevia-se como *acontecimento fundador*, no qual Israel se interpretou a si próprio e ao seu Deus.

Atendendo assim à gênese da narrativa bíblica, o catequista – e atrás dele o catequizado – têm consciência de que o contado na Bíblia não é história propriamente dita nem ciências. Apresenta-se em forma de história e até podemos dizer que a Bíblia narra a história de um povo. Mas narra com uma linguagem que está longe de contar exatamente o que sucedeu nos seus pormenores. Tampouco é doutrina abstrata ou uma filosofia, que poderia descambar para uma ideologia, nem uma moral que promove bons comportamentos. É uma história com mensagem, que faz memória de um passado real. A linguagem prevalecente na forma de aproximação da Bíblia às coisas e aos acontecimentos é a da narrativa figurada.

Para evitar falsos pressupostos, desvios ou equívocos, o catequista tem de se armar de uma boa ideia sobre *narrativa* não histórica.

Não vá pensar que a da Bíblia é pura ficção ou invenção artística. Pense antes: **narrar** um acontecimento é querer compreender com maior profundidade a sua significação e as suas potencialidades implicativas e labirínticas. Narrar a vida é uma forma poderosa de a compreender, em si própria e na sua relação com a dos outros. A narrativa desperta conhecimento, transfiguração e exigência de interpretação, de interiorização e de memória. Estimula a inteligência, afeta com lucidez o estado de espírito, apela ao pensamento contemplativo, coloca questões sobre o acontecimento ou sobre o tecido do narrado. E essa eficácia, a narrativa exerce-a mesmo não sendo factual. O embelezamento poético nela não é simples arte literária ou mero efeito decorativo: é energia comunicativa de uma espiritualidade viva que emana das imagens, dos símbolos, das representações.

Ora, à luz de uma análise literária dos textos bíblicos, é hoje claro que os seus autores não escreveram mitos de criação, lendas patriarcais, a epopeia do êxodo, relatos de milagre de Jesus, a pregação dos apóstolos..., para fazer historiografia do povo de Israel, a biografia de Jesus e a vida da Igreja apostólica tal qual sucederam, mas sim para **transformá-las**, para as dignificar ao máximo mostrando o seu valor, acrescentando-lhes o seu sentido sublime e estimulante, como forma de as ver melhor. As narrativas da criação de Gn 1-11 não contam o que sucedeu no *começo* físico do mundo (os seus autores não sabiam nada dele): contam com linguagem conotativa as *origens* refazendo a vida, embelezando-a, mostrando a beleza e a dureza dela (“o bem e o mal”), preenchendo as suas insuficiências e levando à sua aceitação serena. A elevação da mente e do coração por meio de uma narrativa carregada de simbolismo faz-nos pensar que somos mais do que aquilo que fazemos e desfazemos. Nesses subtis acrescentos de uma mais-valia à vida está a originalidade da linguagem figurativa. Ela é tanto mais profunda quanto mais amplamente exprimir uma necessidade de sentido na pessoa que a escreve e a lê. A narrativa bíblica com linguagem figurada conta a história que os historiadores não saberiam nem poderiam contar: conta a história de Deus com os homens, a fidelidade de Deus e a infidelidade dos homens, o pecado dos homens e a salvação oferecida por Deus na pessoa de Jesus... A palavra historiográfica fixa o sucedido num momento do passado; a *história sagrada* narrada pela palavra simbólica da fé dá-lhe carácter de sentido perpétuo, estendendo a sua eficácia ao presente do leitor. Enquanto a história moderna, para dizer a verdade, tem de se ater servilmente ao que sucedeu no passado contando-o tal e qual, a narração bíblica que interpreta o acontecimento do exílio de Israel para Babilónia diz a verdade sobre ele ao apontar para um sentido que o transcende. Faz espiritualidade do facto: ao narrar que foi por castigo de Deus, apela ao arrependimento e à conversão interior do povo, apela a voltar-se para Deus para que Deus o faça voltar à pátria.

Esta realidade exige ao catequista algum cuidado em evitar armadilhas ou atoleiros no caminho da verdade relativa às narrativas bíblicas, também por serem narrativas orientais lidas com a mentalidade ocidental. Elas dizem a verdade e mentem, ao mesmo tempo. A meditação espiritual narrativa dos magos do Oriente em Mt 2 *mente*, no sentido de que o que conta nunca sucedeu como está narrado: a forma como conta não é a de história acontecida. Mas essa é só uma parte da questão. A outra parte é que essa narração apresenta com grande *verdade* Jesus como o verdadeiro Messias

salvador esperado pelos judeus e agora não reconhecido por eles; apresenta-o como aquele que vinha para dar sentido à vida não só dos judeus mas de todos os povos, que o acolheram com imensa alegria. Essa verdade só podia exprimir-se encoberta, oculta, escondida debaixo da linguagem simbólica, porque é invisível.

Devemos dizer que, em definitivo, a narrativa figurada, porque se apresenta declaradamente com esse estatuto, diz a verdade e não mente, até porque «história verdadeira» não se identifica com historiografia, nem a verdade e a realidade se restringem ao físico factual. A narrativa figurada só mente para os ingénuos que pensam que a narração deveria relatar objetivamente as coisas como sucederam. Querendo dar sentido aos factos, a narrativa bíblica é interpretativa e subjetiva, não neutral, procurando reviver os factos no presente, do ponto de vista do narrador; nem podia contar de outra maneira a verdade profunda que é a salvífica, porque a força simbólica da arte narrativa se inscrevia na paisagem religiosa do povo. Na literatura e também na Bíblia, a ficção narrativa quer dar aos leitores as vidas que eles não se resignam a não ter. E não se pode dizer que o contado com linguagem imagética seja sinónimo de irreal. Não. É super-real, transcendente. Só a linguagem simbólica evita um *olhar* superficial para o narrado no funeral do filho da viúva de Naim; só a simbólica pode sugerir o Mistério para o qual aponta o narrado. Se o narrado só fosse «real» no sentido de factual, então quase não se distinguiria da história enxuta e neutral, que não toca a interioridade da pessoa e não mexe com ela nem a comove: ficaria no *físico*, não apontaria para o *metafísico* (para além do físico), como fazem as narrativas bíblicas.

De forma geral, elas devem muito ao imaginário religioso dos seus autores. As parábolas devem-lhe quase tudo. Mas o imaginado nelas, à mistura com o acontecido, não é efabulação gratuita ou delírio fantástico. Afunda as suas raízes na experiência humana, da qual se alimenta, como acontece nas parábolas. O risco da narrativa figurativa bíblica é o de a catequese a entender ao pé da letra, pensando, por exemplo, que a concepção no seio de Maria e o nascimento virginal de Jesus sucederam tal e qual como Lucas e Mateus os descrevem. Que mente humana esteticamente sensível não fica suspensa e presa do fio narrativo da Anunciação do anjo a Maria? No entanto, o narrado lá não é factual em todos os pormenores, nem tem a ver com a biologia: é convite a aceder ao mistério invisível do acontecimento; é acontecimento histórico interpretado teologicamente. É meditação e catequese. É sublimação do nascimento de Jesus, envolvendo-o com o manto do prodigioso e com a roupagem imagética, afirmando que ele não é um homem

qualquer mas é o Filho de Deus: “o Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso aquele que há de nascer será santo e chamar-se-á Filho de Deus” (Lc 1,35).

2. Um exemplo abrangente: a narrativa do êxodo bíblico

Os factos e palavras da experiência global do êxodo, que foram sendo *recarregados* por sucessivas releituras até à sua fixação atual nos livros do Êxodo, do Levítico, dos Números e do Deuterónimo, sofreram uma profunda modificação. Não emergem como factos nus, sucedidos nos princípios do séc. XII a.C. aos hebreus em saída da escravidão, como se tivessem sido gravados pela objetiva de uma câmara cinematográfica. Correspondem ao que a fé do narrador “viu” e intuiu, uns quatro ou cinco séculos mais tarde. Uma coisa é o acontecido, a história *antes do texto*, a história por trás do texto. Outra coisa é a história *no texto*, isto é, a configuração narrativa que usou notoriamente imagens, símbolos, metáforas, hipérbolos e alguma ficção para descrever esse acontecimento com o género literário de epopeia religiosa. Arranca de um núcleo fundamentalmente histórico; e o resto é embelezamento a conferir o sentido religioso, humano, invisível, que o êxodo tinha e que a historiografia não podia dar. O sucedido historicamente, cujos pormenores desconhecemos, podia ser narrado do ponto de vista historiográfico, sociológico, psicológico, político... O narrador bíblico contou-o do ponto de vista religioso, à luz da fé, pondo Deus em ação, sugerindo a verdade que não podia ser dita com outra linguagem senão a figurativa. Não estava interessado em fazer história factual mas em fazer catequese. Ao privilegiar a perspetiva da fé e ao descartar outras perspetivas, o narrador pinta os acontecimentos com cores que não só são tão legítimas como outras mas até são o mais importante, porque, ao ver o acontecimento à luz de Deus, lhe dá o mais elevado sentido: que Deus foi o verdadeiro libertador de um povo, fazendo-o existir com uma identidade que não tinha.

A narração é, portanto, a de um acontecimento captado, confessado, meditado, aprofundado e relido no presente pela fé. É profissão de fé mais do que relato fiel de factos sucedidos tal e qual. É *récit*, *recitação*, mensagem. E a sua profundidade está na sua significação, que só podia ser *dita* no ato ‘performativo’ de narrar (função da linguagem que realiza o que significa). O narrador bíblico introduziu na narração a compreensão da história passada do povo como era sentida no presente. Recordava narrando. E assim fazia história. A narrativa não só trazia recordações ao coração do leitor mas também o situava numa história que dava suporte e profundidade ao seu

presente, também ao mencionar «o Deus dos pais». Ora, isso não era um ato historiográfico. Fazia memória da ação de Deus libertador e atualizava-a: “Deus escudou os gemidos [dos israelitas] e *recordou-se* [*zakkār*] da sua aliança com Abraão, Isaac e Jacob” (Ex 2,24; 6,5). “Moisés disse ao povo: *recorda-te* deste dia em que saíste do Egito, da casa da escravidão” (Ex 13,3)². O leitor percebia a mensagem: o imperativo «recorda!» reclamava a releitura e a vivência do acontecimento no presente, para que a existência do povo tivesse sentido, isto é, fosse vivida diante de Deus e fecundasse o quotidiano. A memória de Israel enquanto povo de Deus devia ser um movimento de *recepção*, de *transmissão/tradição* e de abertura para o futuro. A contrapartida do *recordar* seria esquecer. Mas, esquecer seria como morrer. A narrativa que interpretava os acontecimentos queria evitar que se perdesse a memória histórica, na certeza de que um povo que não conserva a sua identidade e não narra a memória do passado não é digno do seu presente e do seu futuro.

Como a recitação memorial das pragas do Egito nos Salmos, também a narração épica do êxodo servia aos israelitas para recordarem e assumirem a graça e o poder do amor de Deus. A narração perpetuava-o como *memorial*, em que o hebraico *zikkaron* é mais do que mera “recordação”; é atualização dinâmica e reconhecimento das maravilhas de Deus, vistas pela fé. Analogamente, a narrativa da Páscoa cristã continua a puxar para o presente catequético e litúrgico a eficácia do acontecimento salvífico do êxodo e da morte e ressurreição de Jesus, recordando ao catequizado que está sempre necessitado da histórica libertação.

Portanto, com liberdade na composição das narrativas, os autores bíblicos selecionaram, organizaram artisticamente, adornaram literariamente e modificaram pormenores dos factos, afastando-se das suas circunstâncias exatas. Se o que importa em história é a verdade global do conjunto em que se integram e adquirem sentido os factos, a Bíblia oferece precisamente isso. É uma longa narrativa que abarca o tempo inteiro, começando “no princípio” do mundo e da humanidade no Génesis e acabando a descrever o fim do mundo no Apocalipse. E no meio narra a história humana, despregando o desígnio da bondade de Deus para os humanos, unificado por um fio

² Deus recordará sobretudo a sua aliança: “Recordar-me-ei da aliança que medeia entre Mim e vós e todo o ser vivo” (Gn 9,14-17). “Ele recorda-se sempre da sua aliança” (Sl 105,8-10). “Por eles, recordou-se da sua aliança” (Sl 106,45). “Recorda-se para sempre da sua aliança” (Sl 111,4-5).

condutor e por um corpo de imagens que culminam no corpo do Messias, o Homem que dá sentido à vida de todos os homens³. Precisamente porque a Bíblia aparece como narrativa fundadora da fé cristã unida e reunida nesse desígnio salvador, a sua leitura dá coerência à história do mundo e finalidade à vida das pessoas. Não é crónica parcial, reconstrução de factos dignos de registo (como nas biografias) mas «história salvífica». Mais do que *fotografia* (um pedaço de vida apanhada num instante, vista por fora), é *radiografia* dos acontecimentos (que penetra no interior, à procura do seu sentido, também para o presente); mais do que geografia física, são pintura impressionista que sugere elevação do espírito. Assim como a arte sempre teve em mira, não a reprodução exata ou cópia fiel da natureza, mas a transfiguração plástica do real, assim aos narradores bíblicos não importava o sucedido tal e qual, mas a sua verdade invisível, que habitualmente precisa de tempo para sedimentar.

Por vezes, nos relatos bíblicos até se encontram contradições entre um e outro⁴. Mas nem por isso se pode acusar a Bíblia de falsificação dos factos, como não são falsificadores os ícones bizantinos que pintam a cara do menino Jesus com traços de adulto para sugerirem que a sabedoria de Deus estava já no menino. Se pelo sentido translato da linguagem usada percebemos que o livro de Jonas é um conto didático que até menciona a antiga cidade de Nínive, reconheceremos que não quis relatar as relações entre Israel e a Assíria nem a biografia dum profeta, mas comunicar a verdade do amor de Deus para com todas as nações e não só para com Israel.

A mesma resolução aplica-se aos evangelhos. Da análise literária resulta que não são biografias históricas de Jesus mas catequese da Igreja primitiva. A sua tapeçaria está entretecida com os fios da história e da fé da Igreja apostólica. À luz da historiografia, algumas narrações de dois evangelistas seriam inconciliáveis. Mas, tendo em conta a diferente mensagem que cada um queria comunicar, compreende-se que Mateus (5,1-12) conte que as bem-aventuranças foram proclamadas no monte, enquanto Lucas (6,17-23) diga que as declamou numa planície, também em função dos diferentes

³ Cf. N. FRYE, *The Great Code. The Bible and Literature* (A Harvest Book – Hartcourt, Inc.; San Diego – New York – London 1982) 224.

⁴ A descrição da ocupação da «terra prometida» em Jz 1 difere da apresentada em Js 1-12. Em Jz 1, 1-36 a conquista é o resultado de ações individuais e isoladas de tribos, realizadas em diferentes pontos, e continua incompleta; em Js a conquista deve ser obra de todo o povo e aparece como vitória arrasadora.

destinatários! Grande lição para a catequese de hoje: atender às características humanas, sociais e religiosas dos catequizados.

Estas potencialidades da narrativa bíblica percebem-se também no tecido das complexas relações do Novo Testamento (NT) com o Antigo e vice-versa, em que se joga muita substância ao interpretar a Bíblia.

3. A Sagrada Escritura, uma narrativa em dois tempos

Ao que dissemos acresce que, além de ser narrativa, a Sagrada Escritura se apresenta como uma grande narrativa em dois tempos: o Antigo e o Novo Testamento. Se é compreensível que os catequistas conheçam melhor os evangelhos e o Novo Testamento, não podem esquecer que a Bíblia cristã está constituída pelo Antigo Testamento (AT) e pelo Novo, o Antigo tão cristão como o Novo. A história da salvação não se compreende se o Novo Testamento não for lido em conjunção com a trama narrativa do Antigo. Isso é bem acentuado na *Verbum Domini*, 40-41. Já está claro na *Dei Verbum*, 14-20. A Comissão Bíblica Pontifícia dedica-lhe todo um documento: *O povo judeu e as suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã*⁵. Por causa dessa importância é que acima illustrei com um exemplo do AT a força da narrativa bíblica.

Ao ser assumido como livro da Igreja apostólica, o AT já não era um documento relativo a um passado acabado ou fechado. Para os cristãos, precisava do Novo para a sua significação e para estar completo. E o Novo inscreve-se como fruto maduro da história sagrada descrita no Antigo⁶.

Realmente, a história de Israel é parte integrante imprescindível da *mesma e única história salvífica* que está narrada no Antigo e no NT: alcançou o seu «cumprimento» em Jesus Cristo, que também deu cumprimento às Escrituras, como livro e como regime (Jo 19,28). No conjunto inseparável dos dois cumpre-se *um só e único desígnio* salvífico de Deus para a humanidade, manifesta-se a *mesma Gesta* de Deus, que anuncia a *mesma salvação*. E narra-se a história do *mesmo povo* de Deus: a história de Jesus e da Igreja tem o seu começo na história de Israel. O NT acaba o Antigo; mas o Antigo começava o Novo. Não só o Antigo ajuda a iluminar o Novo mas também o Novo reinterpreta o Antigo. Em ambos, uma só voz do *mesmo Deus*

⁵ Texto em H. ALVES, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia* (Dinamização bíblica 34; Difusora bíblica – Gráfica de Coimbra 2; Fátima – Assafarge 2011) 1447-1580.

⁶ Mt 5,17; Rm 16,25-26; 2Cor 3,14-16.

convida os humanos a viverem em comunhão com Ele, o mesmo Deus que se desvelou em várias etapas: “Muitas vezes e de muitos modos falou Deus no passado aos nossos pais por meio dos profetas; no fim destes dias, porém, falou-nos por meio do Filho” (Heb 1,1). Às variadas captações de Deus pelos “profetas” o *cristão* acrescenta a Palavra conclusiva de Deus pronunciada no Filho, ligada às vozes do AT e dando sentido mais inteligível às Escrituras. O exemplo da ceia eucarística, que foi inserida na celebração da Páscoa judaica, é ilustrativo: sendo um dos momentos do núcleo central da história da redenção humana, não se pode compreender sem referência ao êxodo libertador no AT. A estreita interligação do Novo com o Antigo dá suporte ao Novo, que aparece como uma realidade com história. A simbiose que une as duas partes da Bíblia cristã e a força das conexões espirituais entre elas é impressionante. Para a fé *cristã*, Deus demonstrou a fidelidade a si próprio cumprindo definitivamente em Jesus *Cristo* a sua vontade de salvar toda a humanidade.



Realmente, sem o AT, não haveria Novo, nem se poderia falar de plenitude de revelação. Nem se poderia falar de Jesus como “filho de David, filho de Abraão” (Mt 1,1), de Messias prometido a Israel (Jo 1,41.45), que veio “salvar o seu povo dos seus pecados” (Mt 1,21). E se Jesus é o cumprimento do AT, também não se poderia falar de “cumprimento” sem ser por referência ao Antigo.

A melodia do evangelho só ganha toda a ressonância na sinfonia e no amplificador da Palavra de Deus que está na Bíblia cristã inteira. Se, sob certo aspeto, o AT pode ser visto como a *penúltima* Palavra de Deus aos homens,

é forçoso compreendê-la para entender a *última*, que o cristianismo vê no NT. Sempre que se subtrai ao AT o devido *valor*, faz-se sentir imediatamente o efeito negativo na compreensão do Novo⁷. “O NT só pode ser compreendido à luz do Antigo”⁸. A raiz do cristianismo encontra-se no AT; e sempre se nutre dessa raiz⁹.

E a designação *Antigo Testamento*, longe de insinuar que se pode prescindir dele, sugere o oposto. De facto, “quando, no início do séc. II, [o herético gnóstico] Marcião queria rejeitar o Antigo Testamento, defrontou-se com a total oposição da Igreja pós-apostólica”¹⁰. Dizendo adeus ao AT, o que então restaria, o nosso NT, não faria sentido em si¹¹. Sem o AT, o NT seria um livro indecifrável, uma planta privada das suas raízes e destinada a secar¹². João Paulo II acrescenta:

O que se verifica com maior frequência é a ignorância das profundas relações que vinculam o Novo Testamento ao Antigo Testamento... Não se pode exprimir de maneira plena o mistério de Cristo sem recorrer ao Antigo Testamento... Privar Cristo da relação com o Antigo Testamento é separá-lo das suas raízes e desvirtuar o seu mistério de todo o sentido. Com efeito, a fim de ser significativa, a Encarnação teve necessidade de se arraigar em séculos de preparação. De outra forma, Cristo teria sido um meteoro caído acidentalmente sobre a terra, isento de conexões com a história dos homens. A Igreja compreendeu bem, desde as origens, o enraizamento da Encarnação na história e, por conseguinte, acolheu plenamente a inserção de Cristo na história do povo de Israel. Considerou as Escrituras hebraicas como palavra de Deus perenemente válida, dirigida a si mesma e também aos filhos de Israel¹³.

⁷ É ideia de R. GUARDINI, citado por H. de LUBAC, *Exégèse médiévale*, I/1. Les quatre sens de l'Écriture, 2 partes com 2 volumes cada (Théologie 41 e 42; Aubier – Montaigne; Paris 1959-1964) 361.

⁸ COMISSÃO BÍBLICA PONTIFÍCIA, *O povo judeu e as suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã*, n.º 21.

⁹ Cf. BENTO XVI, *Verbum Domini*, 40.

¹⁰ COMISSÃO BÍBLICA PONTIFÍCIA, *O povo judeu e as suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã*, n.º 19.

¹¹ J. RATZINGER, Prefácio ao documento da COMISSÃO BÍBLICA PONTIFÍCIA, *O povo judeu e as suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã*.

¹² COMISSÃO BÍBLICA PONTIFÍCIA, *O povo judeu e as suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã*, n.º 84. Ver n.º 22.

¹³ Discurso de JOÃO PAULO II aos membros da Comissão Bíblica Pontifícia, a 11.4.1997: texto em H. ALVES, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia*, pp. 1378-1381.

Assim como para compreender um grande homem é preciso estudar a sua juventude, os seus antecedentes históricos e os do seu meio ambiente cultural, social e religioso, também para alargar a nossa visão sobre Jesus é preciso ter em conta o AT. Ajuda a descobrir que Jesus está no centro e no cume do plano de Deus, de salvar os humanos (ver gráfico); que Jesus chega no fim dum longo caminho de procura de Deus por parte do ser humano. Vezes sem conta, transborda da sua boca a importância da *Tôrá* (atribuída a Moisés) para compreensão do *novo*: “Investigai as Escrituras, já que pensais obter com elas a vida definitiva: elas dão testemunho de mim... Se acreditásseis em Moisés, acreditaríeis em mim, porque ele escreveu sobre mim [verdade e mentira: ver acima]; se, porém, não acreditais nos seus escritos, como acreditareis nas minhas palavras?” (Jo 5,39.46-47).

Compreender um para compreender o outro! Se cada parte exprime em si a sua mensagem específica, muitos factos, realidades, ideias, expressões e narrações inteiras do NT apresentam-se em forma de releitura do AT. Para ilustrar episódios da vida de Jesus ou para ilustrar aspetos da sua mensagem e do mistério da sua obra salvadora, tantos relatos do NT recorreram a imagens, personagens, frases, expressões do Antigo, compondo com as pedrinhas de lá puxadas um novo mosaico. Deram assim origem ao famoso *midráš* judaico narrativo, uma meditação espiritual, uma *busca* de sentido humano e espiritual para situações da vida concreta, sentido que se procurava nas santas Escrituras canónicas, misturando e iluminando os factos objetivos da vida presente com os temas delas: misturava o histórico com o figurativo. Era tarefa dos rabinos. Ora, os autores do NT, judeus que conheciam bem as técnicas dessa leitura da Bíblia hebraica, aplicaram-na na iluminação da vida de Jesus. O NT está cheio de narrações em forma de *midráš*: os relatos do nascimento e da infância de Jesus, do batismo, das tentações no deserto, da transfiguração, de milagres... Os catequistas poderão não usar a palavra hebraica *midráš*. Mas deverão saber que tipo de linguagem está em questão quando se confrontam com a narração da anunciação do anjo a José (em Mt 1) ou a Maria (em Lc 1), que na realidade é *midráš*. Sem isso, correm o risco de adular o significado de muitas narrações do NT, fazendo-lhes perguntas erradas ou derivando para a controvérsia, pela tendência para querer saber exatamente o *que* e *como* sucedeu, por exemplo, a virgindade de Maria na concepção de Jesus¹⁴. Saber que se trata de *midráš* é importante para a compreensão espiritual do relato.

¹⁴ Por não se ter tido em conta o género literário dos textos que a narram (que são *midráš* narrativo), é que se deu a controvérsia sobre ela, no jornal *Observador*, 23.12.2018.

Por isso, há que ler o NT à luz do Antigo, sem esquecer as diferenças de um sobre o outro. O binómio «Antigo – Novo» não implica oposição, mas correlação. Jesus não aboliu o AT; trouxe-o à plenitude do seu dinamismo de crescimento (Mt 5,17). Jesus operou a unidade das Escrituras, porque era o seu ponto final e a sua plenitude. A relação da fé do NT com a meditação do seu fundo que é o Antigo dá-lhe profundidade: o seu longo passado sobrevive como estrato profundo na sua maturidade, tal como o menino sobrevive no homem. Fazer ou não fazer “a interpretação cristã do AT iniciada pelo próprio NT... não é uma questão histórica particular: estão aqui em questão os próprios fundamentos do cristianismo”¹⁵.

Porque Jesus leu as Escrituras do povo judeu dando-lhes importância, também pertencem aos cristãos. A nova visão do mistério que Jesus constituía é oferecida a partir duma releitura do AT, não puxando como argumento alguns textos isolados, mas apontando o conjunto dos acontecimentos da história de Israel, que então convirá conhecer, pelo menos genericamente, para, na interpretação, ligar apropriadamente Jesus às Escrituras judaicas. Foi isso o que Jesus fez, claramente aos dois discípulos de Emaús: “começando por Moisés e seguindo por todos os profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras tudo o que lhe dizia respeito” (Lc 24,27).

4. Jesus, centro da narrativa fundadora da fé cristã

Como estamos a ver, a divisão das Escrituras cristãs em duas partes deve-se ao «acontecimento Jesus»: antes dele e depois dele. O absolutamente *novo*, o princípio interpretativo, o modificador de sentido e a chave da releitura do Antigo Testamento pelo Novo e da continuidade narrativa do Antigo no Novo era Jesus Cristo (DV 4.15.17). O próprio Jesus afirmou a continuidade do AT no Novo, ao relacioná-lo consigo¹⁶. Como na revelação de uma película fotográfica, o revelador Jesus fez aparecer nas narrativas do Antigo Testamento uma plenitude de significado que antes não podia ser percebida, por falta dos acontecimentos e das palavras do próprio Jesus que davam suporte à nova revelação e que a constituíam. O «acontecimento Jesus Cristo» (a sua pessoa, vida, palavra) tornou dialéticas as mútuas relações dos dois Testamentos. Opô-los até parecer que se anulam e reuniu-os até ao ponto de quase os fundir.

¹⁵ J. RATZINGER, Prefácio ao documento da COMISSÃO BÍBLICA PONTIFÍCIA, *O povo judeu...*

¹⁶ Cf. Lc 24,25-27.44-47; Jo 5,39.

Os escritores do NT não queriam comentar o AT¹⁷. Apresentavam Jesus como plenitude de revelação e centro de articulação dos textos do AT com os do Novo. Por um lado, procuraram nas Escrituras o sentido para a pessoa e a vida de Jesus (Lc 24,44-46). Por outro, leram as Escrituras à luz de Jesus Cristo. Embora reconhecendo uma certa circularidade, a sensação de que Jesus Cristo era a chave nova para entender o AT sobrepôs-se à outra de que o AT ajudava a entender Jesus.

A reinterpretção da narrativa do AT como orientada para o *Cristo* não é comparável a um bordado aplicado num vestido já existente. É comparável à trama de um *tecido* que é levado até ao fim e aperfeiçoado. Dito por outras palavras, a releitura que o NT faz do Antigo não é uma veste colocada a um corpo mas a parte mais nobre desse corpo, cuja alma unificadora é a pessoa de Jesus, última e total Palavra de Deus. Entre Antigo e NT há incessantemente tensão, rutura, superação. Mas predomina entre eles a conexão, interação, consonância, congruência, convergência, harmonia, concerto, cujo fundamento, artífice e traço de união é o próprio *Cristo*.

Realmente, “tendo o sentido de Cristo”, como Paulo (1 Cor 2,16), a Igreja apostólica viu tudo a partir de Jesus e a convergir para ele. Na partitura narrativa do AT ressoam notas apropriadas para anunciar Jesus; mas só formaram a sinfonia sobre Ele ao serem retomadas e ligadas no NT por compositores novos, com tonalidade nova, aprofundamento novo, com um olhar retrospectivo.

Por conseguinte – à consideração dos catequistas –, uma séria e robusta formação cristã passa necessariamente pela catequese sobre o AT, para aprender como se chegou ao cume da revelação de Deus e da difícil arte de orar¹⁸.

A catequese ideal realiza o cruzamento ou o encontro do catequizado com a narrativa da fé cristã no Antigo e no Novo Testamento, de modo que ele possa ver a própria vida como integrante da história de salvação. Consegue que o catequizado, fazendo memória da história da salvação narrada na

¹⁷ Os primeiros comentários cristãos ao AT são do fim do séc. II: de Hipólito a Ct e Dn...

¹⁸ Seria aconselhável – sério e responsável – que o catequista tivesse à mão uma Introdução Geral à Bíblia, facilitadora de estudo pausado e de consulta imediata, pelos temas do índice. Veja a de A. dos S. VAZ, *Palavra viva, Escritura poderosa: A Bíblia e as suas linguagens* (Estudos teológicos 12; Universidade Católica Editora; Lisboa 2013), na qual estão tratados muitos temas desta comunicação.

Sagrada Escritura, a sinta presente e atual e se sinta envolvido nela, vendo-se a si próprio no presente como ator vivo e real e como um dos últimos elos da cadeia dos amados de Deus dentro dessa narrativa sagrada, cujo salvador é Jesus Cristo (ver **gráfico**). A sua salvação realiza-se num ato de fé, isto é, na sua livre adesão à pessoa e ao projeto de Jesus e no acolhimento do seu amor¹⁹. Esta interpenetração da vida atual pela história sagrada não se reduz a uma mera *aplicação* de lições da história bíblica à vida do catequizado. Idealmente, seria uma *exposição* do catequizado à força e à luz da narrativa bíblica, para que se dê a *iluminação* da sua vida. Pela catequese, a Palavra de Deus transfere-se para a vida, projetando nela a luz que lhe é própria. A catequese contribui assim para que se dê, em plena liberdade, a entrada lenta do catequizado na lógica da fé bíblica, uma espécie de conversão diária ao estilo de vida de Jesus. Faz a mediação entre a narrativa bíblica e a narrativa do catequizado, tornando possível um encontro entre ele e Jesus Cristo. Torna possível que a Sagrada Escritura seja inscrita, “não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo” nas “tábuas que são os corações de carne” dos catequizados (2 Cor 3,3). A eficácia da catequese situa-se entre a comunicação da narrativa bíblica e o grau de exposição do catequizado a ela. Entre uma e outra acontece a graça do Espírito de Jesus ressuscitado.

5. A narrativa bíblica rezada: O *récit* recitado na catequese



¹⁹ Cf. André Fossion, “O relato em catequese. A catequese como relato. O relato da catequese” (texto cedido em suporte digital).

A narrativa bíblica é a grande caldeira dourada onde os grandes pensamentos são fervidos em vida quotidiana e transformados em material narrativo para elevar os leitores para o divino. Nela fervem os grandes sentimentos, à medida que entram em contacto com o fogo da leitura e da releitura. Só alcançará o objetivo para o qual foi tecida quando for entretecida com a vida de hoje e a transfigurar com o Espírito que a inspirou. A sua vocação é incendiar a vida, aquecê-la, fazer pensar e contemplar, desafiar. A narrativa bíblica sentir-se-á realizada na medida em que for meditada, rezada, vivida. Foi assim que ela nasceu, conservando a memória contemplativa do acontecimento fundador: assim quer terminar, provocando a oração e a ação.

É isso o que faz a *lectio divina* ou leitura orante da Palavra, a arte suprema de ler a Bíblia, herdada dos monges da Idade Média, tão recomendada pelos três últimos papas²⁰: faz que o acontecimento que se tornou narrativa por meio do narrador se transforme em novo acontecimento na vida do leitor. Com o coração recolhido e com a consciência de ser amado, o leitor orante põe-se à escuta da mensagem de Deus, retomando a atitude meditativa de Maria de Nazaré (que “conservava todas estas palavras ponderando-as no seu coração”: Lc 2,19.51) e de Maria de Betânia, sentada aos pés de Jesus qual discípula (Lc 10,38-42). A *lectio divina* traça um percurso paralelo ao da liturgia, levando igualmente ao encontro com Jesus ressuscitado na Palavra feita narrativa. Realiza uma peregrinação da palavra da Escritura para a palavra da oração e da vida, guiada pelo Espírito divino. Peregrinação fascinante sempre que o catequista e o catequizado se quiserem encontrar consigo próprios pela mediação da *página sagrada*. Percorrendo uma narrativa sagrada em forma de *leitura, meditação, oração, contemplação* e em vista da *ação*, a *lectio divina* faz com que o texto sagrado leia o catequista, o construa, o trabalhe interiormente, como nenhum outro livro é capaz de fazer²¹.

Eu atrever-me-ia a propor que a sessão de catequese se transformasse numa sessão de *lectio divina*. Bastaria que, para cada tema do manual de catequese, se procurasse um texto bíblico apropriado, indicado na sessão

²⁰ Veja BENTO XVI, *Verbum Domini*, 86-87.

²¹ O catequista que não esteja familiarizado com o método da *lectio divina* pode familiarizar-se, estudando-o rapidamente, por exemplo, com A. dos S. VAZ, *A arte de ler a Bíblia: Em louvor da «lectio divina»* (Fundação 'Ajuda à Igreja que sofre' e Edições Carmelo; Lisboa – Marco de Canaveses 2008: 2ª edição, revista e aumentada) com um exercício prático ao fim do livro.

anterior. Na própria sessão, depois de trabalhado o tema seria **lido** o texto bíblico previamente anunciado.

- No **primeiro** degrau de abordagem ao texto, a *lectio/leitura que compreende* faria interpretação: com a ajuda do catequista, procuraria compreender o que ele *queria dizer* no contexto histórico, cultural e religioso em que foi escrito. Sem isso, a catequese poderia perder-se numa leitura literalista ou historicista, fantasiosa, arbitrária, moralizante, adolescente, fazendo o catequizado só dizer coisas ao texto, sem deixar que o texto lhe diga coisas a ele (a leitura fundamentalista torna-se uma arma perigosa). A interpretação da narrativa sagrada é, antes de mais, escuta do sentido da Palavra, fidelidade ao Espírito que a inspirou. É um ato responsável, que empenha o catequista e o catequizado, não só o coração mas também a inteligência.
- **Depois** de o grupo perceber a significação original do texto, procuraria o que este tem para lhe dizer, **meditando-o**, pondo-o a iluminar a vida de cada um hoje: fazendo a atualização humana e espiritual, prolongando o sentido original descoberto no estudo, fazendo descer o seu sentido da inteligência ao coração. Meditar a narrativa bíblica é fazer falar os seus silêncios. É estabelecer relações entre ela e a vida/**ação** dos catequizados. Compreendê-la para se compreender a si próprio e compreender-se a si próprio para a compreender a ela..., são os dois braços do círculo completo da leitura da Sagrada Escritura.
- Brevemente, o grupo pode **contemplar** o mistério de Deus revelado no texto.

Ao fim do itinerário da *lectio divina*, que coincidiria com o fim da sessão da catequese, poderiam **rezar** com o texto (três ou quatro catequizados e, finalmente, o catequista), respondendo à palavra de Deus com a palavra orante. Responder-lhe é assumir responsabilidade na vida, comprometendo-se a ser testemunha de Jesus, não só por saber falar dele mas por ter falado com ele. A *lectio divina* faz com que o orante vá descobrindo e aceitando o ponto de vista de Deus. Da conversação com Deus passa a saber que está na sua presença; do olhar para Deus passa à consciência de ser olhado por Ele com amor. A *lectio divina* que termina em oração é busca de Deus e simultaneamente revelação de Deus, no encontro com Ele pela mediação da sua palavra.

A *lectio divina* é a realidade eclesial que mais pode contribuir para a renovação da Igreja. Mais: ela é já em si renovação da Igreja em ato. Os catequistas não se podem alhear dela, sob pena de se privarem de um bem insubstituível e de se demitirem do melhor na ingente e importantíssima tarefa da transmissão da fé cristã. A decisão é de cada um.

Conclusão

A Bíblia configurou a vida de milhões de pessoas durante mais de dois milénios. Que ela continue a iluminar a vida de hoje, depende também dos catequistas. A catequese é tanto uma *necessidade* como uma *responsabilidade*. E nem quero pensar que possa haver uma sessão de catequese sem usar a Bíblia. Os primeiros seguidores de Jesus dão-nos bom exemplo. Paulo, vindo da Ásia Menor pelo norte da Grécia fundando comunidades cristãs, “chegou a Tessalónica, onde os judeus tinham uma sinagoga. Segundo o seu costume, dirigiu-se a eles e durante três sábados discutiu com eles *baseando-se nas Escrituras*, explicando e provando que o Messias tinha de padecer e ressuscitar de entre os mortos” (At 17,1-3).

O dinamismo do sentido mais profundo das Escrituras realiza-se na unidade da história da salvação, narrada no Antigo e no Novo Testamento. Essa unidade é sublinhada na celebração litúrgica da eucaristia, onde os domingos do tempo comum (também as solenidades) estabelecem uma estreita relação de tema entre a leitura do evangelho e a primeira leitura, que é do Antigo Testamento. Esta pedagogia da Igreja pode estar presente na catequese, desafiada a ensinar a relacionar o Novo Testamento com o Antigo e vice-versa. Hoje essa importância é evidente. E a catequese está chamada a trazê-la para a primeira linha de leitura da Bíblia.

O catequista que ama a Igreja e a palavra de Deus coloca a Bíblia no centro da catequese, fazendo dela o livro mais lido, meditado e rezado da sua vida. Terá de a saborear para mais eficazmente a fazer saborear aos catequizados. Terá de tomar consciência de que se catequiza com a Palavra de Deus e não sem ela.

Formação de Catequistas

MARIA LUÍSA TRINCÃO DE PAIVA BOLÉO (*)

FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS

A formação de catequistas no nosso país começou por ser dirigida ao clero, procurando conduzir à descoberta do que deve ser a catequese e de como preparar catequistas para esta missão. Quando a formação deixou de ser só para membros do clero, alargou-se a **leigas**, porque ser catequista era praticamente exclusivo do sexo feminino.

Em 1905 realizou-se um Congresso de Catequese na Guarda, só para clero, convocado pelo bispo dessa diocese, D. Manuel Vieira de Matos. Em 1925, teve lugar outro, em Vila Real, já com intervenção de leigas. No entanto, foi continuando a haver em diversos locais “Dias Catequísticos” exclusivamente para o clero.

Em 1932 houve uma Semana da Catequese em Lisboa, influenciada pelo Movimento de Munique e pelos trabalhos em França do cónego Quinet, assim como de Boyer, Françoise Derkenne e outros, conhecidos em Portugal sobretudo através das noelistas¹. Contou também com a presença e intervenção de leigas.

(*) Catequista formadora desde 1962. Membro da Equipa do Sector da Catequese do Patriarcado de Lisboa. Mestrado em Ciências da Educação (Variante de Formação Pessoal e Social) – Universidade Católica Portuguesa.

¹ O Noelismo é um movimento de espiritualidade, nascido em França, em 1896, e com representação em Portugal desde 1925. A sua ligação com o nascimento de Jesus (o nome deriva de Noël, Natal em francês) e com o Mistério da Encarnação leva a viver este Mistério, unificando na vida a presença de Deus aos homens e ao mundo e dando disso testemunho.

Nesse mesmo ano, realizou-se o **1º Congresso Nacional de Catequese** em Braga, com o Cardeal Cerejeira como legado papal, e contando com a participação de leigas. Posteriormente, houve outros congressos: em Bragança, em 1948, também com a presença de leigas; e em Aveiro, em 1949, com intervenções de leigas, um leigo e uma religiosa (missionária reparadora do Sagrado Coração de Jesus).

No verão de 1950 teve lugar em Coimbra **um encontro a nível nacional** com representação de quase todas as dioceses do país. Surgiu então a proposta de criação de um Secretariado Nacional da Catequese², proposta que foi ponderada pela Conferência Episcopal (mas só veio a ser concretizada em abril de 1952).

Ao longo da década de 1950 diversas dioceses implementaram formações para catequistas.

Em fevereiro de 1955, numa conferência proferida no salão paroquial da Basílica da Estrela, em Lisboa, Maria Teresa Navarro (noelista e uma das primeiras formadoras de catequistas) já proclamava a necessidade de se “dar uma catequese em função da vida e não para enriquecer apenas a inteligência com mais algumas teorias”, afirmando que “hoje como ontem, se queremos fazer catequese eficaz, temos de voltar às grandes fontes que são a Bíblia e a Liturgia”.

Desde o início dos cursos houve sempre uma preocupação com a dimensão espiritual dos catequistas, integrando nos cursos recolções e organizando também um dia ou dias de retiro.

Os primeiros cursos organizados abordavam sobretudo “Pedagogia Catequística”, mas nas dioceses maiores rapidamente se criaram cursos com conteúdos bíblicos, doutrinários, catequéticos, assim como de Psicologia e de Pedagogia, incluindo também estágios práticos.

Além dos cursos, foi-se investindo muito em dias de formação, jornadas por regiões, continuando a ser organizadas sessões de “atualização catequística para o clero”.

Na década de 1960, o Secretariado Nacional da Catequese, trouxe a Portugal diversos catequistas de renome para orientarem cursos: o P. François

² Este serviço viria depois a chamar-se Secretariado Nacional da Educação Cristã.

Coudreau, fundador e durante diversos anos diretor do ISPC (Institut Supérieur de Pastorale Catéchétique) de Paris; assim como outras colaboradoras do mesmo Instituto: Anne-Marie Agnard, Soeur Jeanne d'Arc (Monique Lucet), esta última para a formação de orientadoras de estágio.

Os cursos de formação de catequistas foram-se desenvolvendo nas diferentes dioceses, muitas vezes partilhados entre elas num verdadeiro espírito de entreatajuda.

O Secretariado Nacional da Educação Cristã publicou o Catecismo Nacional em 4 volumes (o 1º volume em 1953) elaborando logo Guias para os catequistas a acompanhar cada volume, assim como para todos os catecismos posteriormente publicados. O mesmo Secretariado editou também textos para cursos de educadores da fé, de acordo com o **Plano de Ação** para a formação de catequistas, elaborado pela Comissão Episcopal da Educação Cristã em 1997.

Em março de 2018, a Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé apresentou à Conferência Episcopal um novo **Plano de Formação de Catequistas**, que foi aprovado. Este plano (como já constava do Plano de 1997) prevê quatro etapas:

- 1ª Etapa – Formação inicial do catequista
- 2ª Etapa – Formação fundamental do catequista
- 3ª Etapa – O catequista coordenador
- 4ª Etapa – O catequista formador

Contempla ainda a necessidade de formação permanente.

A formação proposta por este Plano **tem como base o encontro com Jesus Cristo** que dá à vida do catequista «um novo horizonte e, desta forma, um rumo decisivo» (DCE 1).

O catequista, «que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio do compromisso missionário» (EG 266).

Opções Formativas:

A formação tem, sempre, uma abordagem:

- **Querigmática** – Tendo em conta a importância do primeiro anúncio: «É o anúncio *principal*, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou de outra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos» (EG 163).
- **Mistagógica** – A opção mistagógica refere-se à progressividade da experiência formativa vivida e potenciada pelo catequista. Enquanto pedagogo da fé, o catequista é convidado a conduzir outros à experiência da fé e a valorizar, de forma particular, os sinais litúrgicos.
- **Fundamentada na palavra de Deus** – A catequese «está fundada sobre esta Palavra escutada, meditada, vivida, celebrada e testemunhada. A Sagrada Escritura é fonte da evangelização. Por isso, é preciso formar-se, continuamente, na escuta da Palavra» (EG 174).
- **Promotora de um acompanhamento pessoal** – Se, no atual contexto cultural, a Igreja é chamada a iniciar os seus membros na arte do acompanhamento, de um modo particular, a formação de catequistas deve possibilitar a vivência de um acompanhamento personalizado (cf. EG 172).
- **Baseada num processo sistemático, orgânico e integral** – Um itinerário que apresenta as seguintes características: permanente e global; sistemático e orgânico; gradual e alargado; realista e situado; essencial e vital.

Para a 1ª Etapa, o Plano de Formação prevê:

- Sensibilização: Deus chama-me a ser catequista – 6 horas – para aqueles que começam a ser catequistas.
- Formação inicial: Ser catequista – 20 horas

O texto para este curso de formação inicial tem vindo já a ser elaborado e está praticamente pronto. Os seus conteúdos são os seguintes:

Tema 1 – Primeiro anúncio e discipulado

Tema 2 – O Deus de Jesus Cristo

- 2.1. – Jesus fala-nos do Pai
- 2.2. – Mistério pascal e encontro com o Ressuscitado
- 2.3. – O Espírito Santo, Senhor que dá a vida
- 2.4. – A Igreja, comunidade dos discípulos de Jesus

Tema 3 – A Pedagogia da fé

Tema 4 – A catequese contemporânea / a catequese na missão evangelizadora da Igreja

Tema 5 – Os destinatários e o seu contexto antropológico / sociocultural

Tema 6 – Metodologias essenciais do encontro de catequese

Metodologia do Curso:

Os temas são redigidos e apresentados como **verdadeira catequese de adultos**:

- Seguem o mesmo itinerário dos Guias de catequese da infância;
- Procuram levar os formandos a refletir sobre a sua vida e a confrontarem-se com a Palavra de Deus, interiorizando-a e vivendo-a;
- Terminam com propostas de atitudes de vida que concretizem essa interiorização e vivência.

O Tema 1 foi apresentado nas Jornadas Nacionais de Catequese de outubro de 2018 e tem os seguintes objetivos:

- Identificar a presença de Deus na nossa história de vida.
- Sentir que ser catequista é responder ao chamamento de Deus a uma missão específica.
- Descobrir os elementos essenciais do primeiro anúncio.
- Tomar consciência de que ser catequista é viver num processo de conversão permanente.

Desenvolvimento do Tema

A minha história de fé

– Tomo consciência da minha história crente e identifico os momentos fulcrais do meu próprio processo de conversão

1. EXPERIÊNCIA DE VIDA

1.1. Identifico as motivações iniciais para ser catequista.

Porque aceitei ser catequista?

Porque:

- Gosto de crianças...
- Faltam catequistas...
- Me convidaram para ajudar...
- Gosto de colaborar na paróquia...
- É preciso fazer alguma coisa pelos outros...
- Fui convidada(o) pelo pároco...
- Fui convidada(o) por outro catequista...
- Me ofereci para fazer catequese...
- Gostava de aprofundar a minha formação...
- Me senti chamada(o) por Deus...
- Porque...

O que é para mim ser discípula(o) de Jesus Cristo?

.....

1.2. A minha história de fé

- Recordo alguns momentos significativos da minha história de fé...

.....

2. ENCONTRO COM A PALAVRA

2.1. A vocação – Jr 1, 4-9

A palavra do Senhor foi-me dirigida nestes termos: “Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia; antes que saíesses do seio de tua mãe, Eu te consagrei e te constituí profeta das nações.”

E eu respondi: “Ah! Senhor Deus, eu não sei falar, pois ainda sou um jovem.”

Mas o Senhor replicou-me: “Não digas: ‘Sou um jovem’. Pois irás aonde Eu te enviar e dirás tudo o que Eu te mandar. Não terás medo diante deles pois Eu estou contigo para te livrar” – oráculo do Senhor.

Em seguida, o Senhor estendeu a sua mão, tocou-me nos lábios e disse-me: “Eis que ponho as minhas palavras na tua boca.” (Jr 1, 4-9)

Meditação

- A Palavra de Deus é sempre alimento para o meu espírito. Lê-la é uma forma de entrar em diálogo com o Senhor. Ele fala comigo e eu posso responder-lhe.
- Como neste texto do profeta Jeremias, é sempre Deus que toma a iniciativa. É Ele quem me conhece desde sempre “ainda antes de me ter formado no ventre materno”.
- Ele confia uma missão a cada ser humano. Tem uma para mim. **Qual é a minha neste momento?**
- Como Jeremias, não me sinto capaz, não sei se consigo corresponder àquilo que o Senhor me pede. Mas Ele consagrou-me pelo meu Batismo para o seu serviço. É Ele que me “constitui” na missão de catequista. **Confio que Ele está comigo?**
- Tenho comigo a força de Deus, por isso não preciso de ter medo de nada. Ele “põe as suas palavras na minha boca” e com Ele avançarei para onde me levar.

ORAÇÃO:

Anunciei a tua justiça na grande assembleia;

Tu bem sabes, Senhor, que não fechei os meus lábios.

Não escondi a tua justiça no fundo do coração;

proclamei a tua fidelidade e a tua salvação.

Não ocultei à grande assembleia a tua bondade e a tua verdade.

Alegrem-se e exultem em ti todos os que te procuram.

Digam sem cessar os que desejam a tua salvação: «O Senhor é grande!»

Tu és o meu auxílio e o meu libertador: ó meu Deus, não tardes!
(Salmo 40, 10-11.17.18b)

Contemplação

- Contemplo em silêncio o mistério do amor de Deus. Com a sua Palavra, viva através dos séculos, o Senhor torna-se próximo de cada um de nós!

Ação

- A Palavra que me alimentou tem de dar o seu fruto. Como vou passá-la verdadeiramente para a minha vida?
- O que é necessário que eu faça? Que posso fazer da minha parte para que sejam de facto as palavras de Deus a estarem na minha boca?

2.2. Ser discípulo – Mc 1, 16-20

Passando ao longo do mar da Galileia, viu Simão e André, seu irmão, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. E disse-lhes Jesus:

«Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens.» Deixando logo as redes, seguiram-no. Um pouco adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco a consertar as redes, e logo os chamou. E eles deixaram no barco seu pai Zebedeu com os assalariados e partiram com Ele.

Chamados a seguir Jesus e a anunciá-lo como os discípulos, podemos responder...

.....
Que temos nós a dizer às pessoas do nosso tempo? Que tenho eu a dizer-lhes como cristã(o), como catequista?

2.3. O querigma – 1 Cor 15, 3-7

Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi:

Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras;

foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras;

apareceu a Cefas e depois aos Doze. Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos,

de uma só vez, a maior parte dos quais ainda vive, enquanto alguns já morreram.

Depois apareceu a Tiago e, a seguir, a todos os Apóstolos.

Cântico: Jesus Cristo crucificado ressuscitou dos mortos, ressuscitou dos mortos e salvou-nos. Aleluia. Aleluia. (P. Manuel Luís)

3. EXPRESSÃO E VIVÊNCIA DA FÉ

- Lembrando a forma como Jesus chama para uma missão e como faz discípulos, procuro descobrir o caminho que Jesus tem feito comigo.
- Em oração, confronto as minhas motivações iniciais com os elementos descobertos nos textos bíblicos.

- O meu compromisso de vida cristã e de catequista:

-
- Um discípulo missionário vive num processo de conversão permanente, disponibilizando-se para crescer sempre mais, aprofundando a fé e vivendo na comunhão da Igreja.
 - «Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar» (EG 164).

Oração do catequista:

Senhor, tu me chamaste. Conheces o íntimo do meu ser.

Estás atento a todos os meus passos. A tua mão me guia e me sustenta.

Dou-te graças, Senhor, por tantas maravilhas!

Fixaste os meus olhos e convidaste-me a seguir-te.

Como discípulo, aprendo constantemente contigo.

Confiaste-me a missão de catequista para que eu anuncie a tua Palavra.

Abre o meu coração ao desejo de te conhecer profundamente.

Poderei assim anunciar a força salvadora da tua morte e ressurreição.

Dá-me, Senhor, o gosto de te encontrar no silêncio, na escuta, na oração...

Que a minha inteligência seja iluminada pela Verdade que encontro em ti.

Dá-me a humildade, a ternura e a força de Tua Mãe, Maria Santíssima, para que eu seja capaz de avançar sempre, guardando tudo no coração. Ámen.

Se a formação em catequese começou por ser dirigida apenas ao clero, mais de um século depois caiu-se na situação oposta: atualmente toda a formação que se faz nesta área é quase exclusivamente dirigida a leigos. Talvez valha a pena recuperar o empenhamento inicial e proporcionar aos sacerdotes uma boa formação catequética, logo durante os anos de seminário e com sucessivas atualizações ao longo da sua vida como pastores.

O Catequista Discípulo Acompanhante

PAULO JOSÉ RIBEIRO CAMPINO, DIÁC. (*)

Caros irmãos catequistas.¹

No número 160 da Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho* o Papa Francisco afirma: “O mandato missionário do Senhor inclui o apelo ao crescimento da fé, (...) daqui se vê claramente que o primeiro anúncio deve desencadear também um caminho de formação e de amadurecimento. A evangelização procura também o crescimento, o que implica tomar muito a sério em cada pessoa o projeto que Deus tem para ela.”

O horizonte de um cristianismo da graça², uma catequese de proposta e de crescimento na fé, as atitudes de liberdade e de gratuidade consideradas como dimensões essenciais da fé, tudo isso exige a definição da fisionomia do catequista evangelizador diferente daquela a que estamos habituados.

Todos concordamos que o atual modelo catequético, muito escolarizado, muitas vezes centrado mais em conteúdos e doutrina do que em vivências, não tem dado as respostas esperadas e não tem proporcionado um verdadeiro encontro com Cristo, daí o apelo dos nossos bispos quando, na recente nota pastoral sobre a catequese, afirmam: “Ao catequista e a toda a comunidade é pedido para passar do modelo escolar ao catecumenal: não

(*) Licenciado em Engenharia e em Ciências Religiosas. Docente e Responsável pedagógico no Ensino Secundário. Diácono na Diocese de Santarém.

¹ Esta apresentação, que resulta de uma comunicação nas Jornadas Nacionais de Catequistas, não pretende ser um artigo científico de profunda investigação. É apenas um testemunho simples de um apaixonado (peço perdão pelo exagero e falta de humildade) que tem dedicado grande parte da sua vida a trabalhar com adolescentes e a ajudar na formação de catequistas.

² Cf ENZO BIEMMI, «A catequese, os catequistas e os desafios da secularização», *Pastoral Catequética* 20, Ano VII, janeiro-agosto 2011, 21-32.

*apenas conhecimentos cerebrais, mas encontro pessoal com Jesus Cristo, vivido em dinâmica vocacional segundo a qual Deus chama e o ser humano responde”.*³

Hoje, como em todos os tempos, milhares de catequistas, de forma honesta e empenhada, têm desenvolvido a sua missão. É sempre motivo de gratidão e de reconhecimento este trabalho dedicado e preocupado. Todavia, temos também de afirmar que, muitas vezes, somos como que professores da fé, esquecendo a importância de, em cada momento, sentir e descobrir a alegria de se tornar um acompanhante / acompanhado.

Em muitas situações, temos feito uma catequese em que somos nós o centro e acreditamos mais nas nossas capacidades, no nosso entusiasmo, na nossa simpatia, na nossa fé, do que na graça de Deus e na força do Espírito Santo, verdadeiro protagonista da evangelização. Somos levados a ser “um catequista professor”: mas essa não é a missão a que somos chamados.

Continua atual a afirmação: *“nenhuma metodologia pode dispensar a pessoa do catequista”*,⁴ pelo que são necessários catequistas verdadeiramente apaixonados por Cristo, dispostos a colaborar com Deus na transformação do Mundo, disponíveis para colaborar na evangelização do mundo. Daí que, *“não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor se não se está convencido, por experiência própria, de que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não o ter conhecido, caminhar com Ele ou caminhar tateando, escutá-lo ou ignorar a sua Palavra. (...) O verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio do compromisso missionário.”*⁵

A mudança necessária na fisionomia do catequista não dispensa o saber, o saber fazer e todos os outros saberes que ainda tão recentemente os nossos bispos nos apresentaram, mas requer um novo paradigma que nos leve a catequizar numa lógica de acompanhamento.

³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral *Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo*, 2.

⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral da Catequese*, 156.

⁵ PAPA FRANCISCO, *A alegria do evangelho*, 266.

Todos os nossos encontros, os nossos saberes, as nossas habilidades pedagógicas, deverão ser mais uma oportunidade para crescer na fé e não apenas de endoutrinamento. *“Não basta transmitir conteúdos, explicar a fé e falar de Cristo. É indispensável que a catequese faça ver Jesus.”*⁶

O Papa Francisco insiste na importância do crescimento na fé e na adesão a Cristo. No entanto, *“não seria correto que este apelo ao crescimento fosse interpretado, exclusiva ou prioritariamente, como formação doutrinal.”*⁷ [porque] *“este caminho de resposta e crescimento aparece sempre precedido pelo dom (...) A adoção como filhos, que o Pai oferece gratuitamente, e a iniciativa do dom da sua graça são a condição que torna possível esta santificação constante, que agrada a Deus e Lhe dá glória. É deixar-se transformar em Cristo, vivendo progressivamente «de acordo com o Espírito.»*⁸

O modelo de catequese que os tempos modernos necessitam é o de uma catequese querigmática. Trata-se do primeiro anúncio, e este requer catequistas verdadeiramente cheios de Deus, em profunda intimidade com Cristo, verdadeiros discípulos do Mestre. Como nos tem dito tanta vez o Papa Francisco: *“Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: «Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar.»*⁹ Temos dito isto àqueles a quem anunciamos? Esforçamo-nos para que os outros vejam e sintam como somos felizes porque amados infinitamente por Deus? Ou estamos mais empenhados em dar a nossa “aula” de catequese?

A renovação necessária não se pode reduzir a mudança de recursos pedagógicos, a uma questão de método. Considero-a antes de tudo, e sobretudo, como uma questão de estilo e espiritualidade: marca, na verdade, um estilo de relação consigo mesmo, com os outros e com Deus. Um estilo de relação que contribui também, como se pode imaginar, para criar uma face da Igreja e uma figura adulta na fé cristã. Simplesmente irmão, simplesmente companheiro de estrada, simplesmente peregrino.

⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Para que acreditem e tenham vida*, 4.

⁷ PAPA FRANCISCO, *A alegria do evangelho*, 161.

⁸ PAPA FRANCISCO, *A alegria do evangelho*, 162.

⁹ PAPA FRANCISCO, *A alegria do evangelho*, 164.

E aqui é fundamental ter presente que *“o acompanhamento espiritual deve conduzir cada vez mais para Deus, em quem podemos alcançar a verdadeira liberdade. Alguns creem-se livres quando caminham à margem de Deus. (...) deixam de ser peregrinos para se transformarem em errantes.”*¹⁰

Mais do que uma forma de fazer é uma forma de **ser, caminhar e testemunhar**. Somos convidados a ser discípulos do Mestre, não a pedir os melhores lugares, mas a beber do cálice e entrar na dinâmica do serviço. Mais do que dizer coisas e dar regras e normas, é fundamental **caminhar com**, caso contrário não estaremos a ajudar os catequizandos a ser peregrinos para a casa do Pai. É fundamental introduzir nos nossos esquemas catequéticos o modelo de acompanhamento, mas atenção, como nos diz o Papa Francisco, *“o acompanhamento seria contraproducente, caso se tornasse uma espécie de terapia que incentivasse a reclusão das pessoas na sua imanência e deixasse de ser uma peregrinação com Cristo para o Pai.”*¹¹

Nos tempos de hoje, *“a catequese não se pode reduzir à transmissão de conteúdos doutrinários, como no modelo escolar. A transmissão tem de fazer-se de modo vivenciado, inserida no encontro com Jesus Cristo. De resto, todo o encontro de catequese tem de ser encontro com Ele. Porque é Ele quem, vindo ao nosso encontro, nos pode despertar para a fé, uma fé que atinja todo o nosso ser: a cabeça, o coração e as mãos, que, segundo o Papa Francisco, necessariamente se correlacionam: a cabeça para «pensar o que se sente e o que se faz»; o coração para «sentir o que se pensa e o que se faz»; e as mãos para «fazer o que se sente e se pensa».*¹²

Como em todos os tempos, os catequistas são fundamentais neste processo. Eles assumem, como afirmam os nossos bispos, um papel fundamental, não centrado no que sabem, mas essencialmente centrado no que são. Estamos sempre na mesma tónica: a questão é sempre a do ser, e o que ele deve ser é *“um mediador que facilita a comunicação entre as pessoas e o mistério de Deus, dos sujeitos entre si e com a comunidade. (...) o seu perfil: mais do que um mestre que transmite saberes, deve*

¹⁰ PAPA FRANCISCO, *A alegria do evangelho*, 170.

¹¹ PAPA FRANCISCO, *A alegria do evangelho*, 170.

¹² CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo*, 12.

*considerar-se um guia espiritual que acompanha no caminho do Senhor. O que só é possível se ele próprio tiver experiência pessoal do encontro com Ele e conhecer o caminho a percorrer – o encontro do qual nasce também a sua vocação: é do “conhecimento amoroso de Cristo que brota o desejo de O anunciar, de «evangelizar» e levar os outros ao «sim» da fé em Jesus Cristo”.*¹³

Na sua missão, o catequista estreita a sua ação como pessoa responsável com a ação misteriosa da graça de Deus. A transmissão do Evangelho através da Igreja é, em primeiro lugar, o trabalho do Espírito Santo, mas o Espírito usa pessoas que recebem a missão de proclamar o Evangelho e cujas habilidades e experiências humanas se tornam parte da pedagogia da fé.

É bom ver como Jesus forma os seus discípulos e pensar que Ele também faz isso connosco:

- cuida deles e acompanha-os como um amigo paciente e fiel;
- ensina-os com a sua vida;
- pede-lhes para explicarem os seus ensinamentos em profundidade;
- enviou dois de cada vez para se prepararem para a missão;
- promete e envia o Espírito do Pai para os guiar;
- aparece antes deles como o Mestre que salva, santifica e guia;
- caminha diariamente com os homens na história.

Esta é a tarefa que hoje a Igreja nos pede: que sejamos anunciadores, que levemos aos outros a boa nova do reino, que ajudemos a entrar em intimidade com Cristo¹⁴. Todavia, não podemos esquecer que o nosso trabalho é, muitas vezes, essencialmente, com quem ainda não aderiu à fé, “não podemos à partida pressupor a fé”¹⁵, pelo que é necessário passar da enunciação dos objetos da fé recitados no Credo à experiência da fé levada por um corpo que a faz ver, ouvir e tocar. Pela nossa vida, somos convidados a manifestar aos outros o projeto de felicidade que Deus tem para cada um de nós.

¹³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo*, 31.

¹⁴ Cf PAPA JOÃO PAULO II, *Catechesi Tradendae*, 5.

¹⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Para que acreditem e tenham vida*, 3.

Neste processo, para ajudar a que cada pessoa possa fazer a experiência concreta do encontro significativo com Cristo, o nosso modo de agir tem de dar atenção à vida real da pessoa, ao caminho já percorrido ou não, ao seu ponto de partida. Nesta caminhada, a meta que pretendemos é a mesma – Cristo –, mas o ponto de partida, não. Talvez seja um dos problemas da nossa catequese atual. A nossa missão de catequistas que seguem o Mestre e procuram viver com Ele e como Ele deve levar-nos a respeitar o andamento de cada um e a desenvolver o seu desejo de fazer caminho e de sermos, nesta viagem, companheiros, mas fazendo com os outros o que gostamos que Deus faça connosco, ou seja, respeitando o seu ritmo, a sua vontade e a sua liberdade.

Somos convidados a ser discípulos do Mestre, mas pelo testemunho de vida, porque nunca foi tão verdade, como hoje, que *“O homem contemporâneo acredita mais nas testemunhas do que nos mestres, mais na experiência do que na doutrina, mais na vida e nos factos do que nas teorias. O testemunho da vida cristã é a primeira e insubstituível forma de missão (...) O mundo exige e espera de nós simplicidade de vida, espírito de oração, caridade para com todos, especialmente para com os pequenos e pobres, obediência e humildade, desprendimento de si mesmo e renúncia. Sem esta marca de santidade, a nossa palavra dificilmente atingirá o coração dos homens do nosso tempo”*¹⁶.

Somos convidados a ser discípulos e o discípulo quer imitar o Mestre, entra em intimidade com Ele, quer que o seu coração seja por Ele absorvido. Como nos dizia o Papa Francisco: “Quem se deixa atrair por este vínculo de amor e de vida com o Senhor Jesus torna-se um representante seu, um «embaixador» seu, sobretudo com o modo de ser, de viver. A tal ponto, que Jesus mesmo, enviando os discípulos em missão, lhes diz: «Quem vos recebe, a mim recebe. E quem me recebe, recebe Aquele que me enviou»¹⁷.

Nos nossos relacionamentos, no nosso modo de estar em Igreja e de catequizar, o outro é sempre um irmão que me ajuda a aproximar de Deus, e, ajudando-o, sou ajudado na minha caminhada de fé.

¹⁶ PAPA PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, 76.

¹⁷ PAPA FRANCISCO, *Angelus*, 2 de julho 2017.

Necessitamos urgentemente de um novo paradigma catequético e, para isso, é fundamental que nos especializemos na arte de acompanhar. Não são necessários apenas catequistas com perfil de mestre, de professores, o convite é agora bem mais exigente: temos de passar a uma catequese de acompanhamento. Como afirma o Papa Francisco, *“a igreja deverá iniciar os seus membros na arte do acompanhamento, para que todos aprendam a descalçar as sandálias diante da terra sagrada do outro. Devemos dar ao nosso caminhar o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que, ao mesmo tempo, cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã.”*¹⁸

Meus amigos, ou avançamos ou somos ultrapassados, ou procuramos respostas e promovemos soluções, ou então continuaremos, com saudades de Sião, mas sentados e a chorar. Por outras palavras, à ribatejano, ou temos coragem de romper com este modelo que não tem resultado ou perdemos outra oportunidade. Mas ainda assim não perderemos a esperança, porque Deus nos dará, mais uma, duas, todas as oportunidades necessárias. É a paciência de Deus.

Mas porque acredito que Deus vai despertando em muitos de nós o desejo de mudança, apresento algumas características para uma catequese de acompanhamento.

Irei considerar quatro dimensões essenciais para esta catequese:¹⁹

1. Acolher e deixar-se acolher;
2. Evangelizar a partir de si, deixar-se evangelizar a partir do outro;
3. *Criar e ser criado;*
4. Deixar partir e desaparecer.

Vai ser nosso companheiro o texto de *Atos dos Apóstolos* 8, 26-40²⁰: Filipe e o eunuco etíope.

¹⁸ PAPA FRANCISCO, *A alegria do evangelho*, 169.

¹⁹ Seguirei muito de perto (e, numa parte, quase na íntegra) o texto – que convido todos a visitar – de Enzo Biemmi, «Desafios e oportunidades da formação de catequistas», *Pastoral Catequética* 20, Ano VII, maio-agosto, 2011, 33-42.

²⁰ Dispensamo-nos, aqui, de transcrever o texto, todavia a sua leitura é indispensável.

a) Acolher e deixar-se acolher

A primeira parte da narrativa fala-nos do encontro entre Filipe (o evangelizador) e o eunuco (o adulto à procura). Encontramos uma série de verbos reveladores atribuídos a Filipe: partir sem demora, correr, ouvir, subir para o carro, sentar-se a seu lado. Indica-nos uma progressão delicada e profunda de entrar em relação com o outro. Nesta primeira parte (que é já um anúncio), Filipe é passivo: não fala. Limita-se a aproximar-se e a escutar, ou seja, a entrar numa relação verdadeira, autêntica. A sua única intervenção é uma pergunta que ajuda a pessoa a tomar consciência da sua busca e a formular a questão: “Compreendes verdadeiramente o que lês?”. Filipe coloca questões ao seu interlocutor para que a sua necessidade de vida se aprofunde. Por seu lado, aceita as perguntas do eunuco e faz-lhe as suas.

“Hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito, (...) Precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. (...)”

(...) Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. Escutar ajuda-nos a individuar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cómoda condição de espectadores.”²¹

Esta primeira parte do texto sugere-nos uma primeira fase de um esforço de acompanhamento na fé e é importante que os anunciadores se sintam também destinatários. Tal só é possível se deixarmos a postura de mestres e nos colocarmos no lugar dos destinatários do evangelho. Tudo isto requer tempo, tempo para aqueles que acompanhamos, e tempo para nós. É o tempo de deixar que a semente germine e cresça. É o tempo da sementeira e não, como tanto gostamos, o tempo para a ceifa.

Acolher e deixar-se acolher pressupõe estar atento à voz de Cristo, que nos convida a sair de nós e nos precede. *“Esta precedência de Cristo exige uma*

²¹ PAPA FRANCISCO, *A alegria do evangelho*, 171.

revisão dos critérios pastorais tradicionais, pois o anúncio do evangelho não é um objeto que se possui para ser dado a outros nem depende dos objetivos que alcançamos.²²

O caminho da fé exige um tempo de encontro recíproco, de hospitalidade mútua. É o tempo de Deus, como de forma tão sublime está presente no texto dos discípulos de Emaús, que apresentamos como modelo de pedagogia.

Jesus entra na conversa dos outros, deixa-se acolher na necessidade de vida dos dois discípulos: “Que palavras são essas que trocaís, enquanto caminhais? De que falais?” (Lc 24,17).

Jesus está disponível para caminhar com eles, não está preocupado se a caminhada vai ser longa, se tem muito ou pouco tempo (45 minutos...). Também não caminha com vinte ao mesmo tempo. Sim, o número também é fundamental neste modelo. Não se pode acompanhar um grupo de catequese com 20 catequizandos.

Jesus caminha, não está a pensar se vai recolher dividendos do trabalho realizado, do investimento feito com aqueles dois homens. Acompanha, caminha, não se impõe, questiona. Jesus está mesmo convicto de que daquele caminho conjunto, de que da escuta das suas reais questões e não daquelas que Ele lhes quer impor, surgirá vida nova, mas dá-lhes espaço, deixa que falem, porque há uma dimensão deste modelo que o acompanhante nunca poderá fazer – as perguntas que me inquietam só eu as poderei fazer.

No caminho de Emaús, Jesus, como mestre sábio na arte da conversão, parte da situação existencial em que os dois discípulos se encontravam naquele momento: provoca-os para que falem à vontade das causas da sua tristeza. No fundo do coração dos discípulos há um grande vazio que, inconscientemente, querem preencher “conversando e discutindo entre si”.

Esta arte de acolher requer que deixemos cair as nossas certezas quanto ao método, as nossas estratégias rotinadas e pré-programadas, o nosso

²² TIAGO NETO, *Hora de mudança na transmissão da fé, A urgência da pastoral de gestação*, Lisboa: Paulinas Editora, 2016.

controlo sobre os outros, e deixemos que o outro diga de si, se expresse – também nele o espírito age e atua.

A pergunta de Jesus sobre o problema que lhes causava tamanho sofrimento foi o ponto de partida para encontrar a resposta que, no fim do itinerário, iria esclarecê-los, iluminá-los e devolver-lhes a alegria e a esperança perdidas.

“Quem acompanha sabe reconhecer que a situação de cada pessoa diante de Deus e a sua vida em graça são um mistério que ninguém pode conhecer plenamente a partir do exterior.

A experiência pessoal de nos deixarmos acompanhar e curar, conseguindo exprimir com plena sinceridade a nossa vida a quem nos acompanha, ensina-nos a ser pacientes e compreensivos com os outros e habilita-nos a encontrar as formas para despertar neles a confiança, a abertura e a vontade de crescer.”²³

A pedagogia amorosa de Jesus deu certo: eles abrem o coração e contam; mas exigiu paciência, escuta, tempo para a resposta, que Ele caminhasse com eles. Depois de um longo diálogo com o peregrino, os discípulos não discutem mais entre si, mas, unânimes, insistem para que ele permaneça com eles naquela noite. O pedido “permanece connosco” e, em Lucas, expressa o desejo de ser discípulo de Jesus. Depois que Jesus aceitou o convite, a casa de Emaús, em vez de se tornar um lugar de fuga e fechamento, como os discípulos pretendiam, tornou-se um lugar de acolhimento e de partilha, de iluminação e ponto de partida para voltar à comunhão com a comunidade dos restantes companheiros.

Num outro episódio, quando atravessa Jericó, Jesus diz a Zaqueu: “Zaqueu, desce depressa; hoje preciso ficar em tua casa” (Lc 19,5). O que transforma o coração de Zaqueu não é ser convidado por Jesus, mas descobrir que Jesus lhe pede para ser convidado, que gosta da sua companhia, que confia na sua capacidade de acolhimento. E é a primeira vez que isto lhe acontece.

Estamos sempre em dinamismos de acolhimento e de acompanhamento que não catalogam, não impõem, respeitam o que são e o seu passado,

²³ PAPA FRANCISCO, *A alegria do evangelho*, 172.

mesmo se não o consideram correto. O concreto da sua vida nunca é impedimento para Jesus, antes é o motor de que se serve para gerar crescimento, mudança, vida nova.

Estamos a referir a importância de acolher e de acompanhar, mas como acolhemos e acompanhamos? Como peregrinos na mesma viagem ou como comandantes de navios que tudo sabem? Tudo é certo, tudo já foi planificado...

Como diz André Fossion, na sua pequena gramática espiritual para uma pastoral de criatividade: *“A tarefa de evangelização é muitas vezes enunciada em termos de exigência de acolhimento. Diz-se que as nossas comunidades cristãs devem ser acolhedoras. Claro que sim. Mas não há neste convite a ser acolhedor para com os outros uma posição de superioridade em relação a eles? Ao multiplicarmos os sinais de acolhimento não estaremos a dizer-lhes implicitamente: «Vinde encontrar em nós o que não encontrais em vós?». Assim, no jogo da comunicação, o que acolhe coloca-se sub-repticiamente numa posição alta enquanto o acolhido é remetido para uma posição baixa. Daí a dificuldade em conduzir um diálogo evangélico autêntico quando se fica preso na armadilha de uma relação dominante / dominado. Para sair dela não teríamos, conforme o Evangelho, de inverter a lógica: nunca procurar acolher o outro, mas arriscar-se a ser acolhido por ele, confiando nas suas capacidades de acolhimento?”²⁴.*

O esforço da fé implica que o evangelizador se deixe acolher na vida, nas perguntas, nas dúvidas, na necessidade de vida do outro. E não se trata de uma estratégia didática, mas de uma profunda atitude humana. O outro não é alguém a quem eu faço crescer na fé, mas sim um irmão que eu acompanho, oriento, ajudo e me ajuda na relação com Deus. O crescimento da fé nunca pode ser um monólogo. Muitas vezes levamos demasiadamente à letra, mas, para os outros, a afirmação “fala, Senhor, que o teu servo escuta”. Este não pode ser o dinamismo de quem quer acompanhar outro.

O acolher e querer acompanhar tem presente que: *“Acompanhar é demitir-se de controlar, é colocar-se ao serviço do outro, numa disponibilidade*

²⁴ ANDRÉ FOSSION, «Evangelizar de forma evangélica. Breve gramática espiritual para uma pastoral de renascimento», *Pastoral Catequética* 16, Ano VI, janeiro-abril 2010, 127-145.

*aberta e hospitaleira, escutando as suas interrogações, atendendo à sua história e respeitando as suas decisões.*²⁵

Entremos agora no segundo aspeto desta catequese.

b) Evangelizar a partir de si, deixar-se evangelizar a partir do outro

Voltemos ao nosso texto de *Atos*. A segunda parte conta-nos a etapa do anúncio do Evangelho. A narrativa de Lucas limita-se a dizer-nos, num versículo muito concentrado, que Filipe “lhe anunciou a Boa Nova de Jesus” (v. 35). Literalmente: “evangelizou-lhe Jesus”. Não sabemos o que Filipe disse ao eunuco. Mas o texto de Isaías sobre o Servo sofredor faz-nos compreender que foi direito ao coração da mensagem cristã, o mistério da morte e ressurreição do Senhor. Há ali um detalhe importante: a referência à vida cortada, sem descendência, faz-nos perceber que o que Filipe lhe disse alcançou diretamente a sua necessidade de vida. Também ele era um homem marginalizado, excluído do meio social e religioso por causa da sua mutilação física, da sua impossibilidade de ter descendência. Nesta situação de pobreza radical, Filipe faz soar os sinos de Páscoa sobre aquela situação em concreto.

Não é possível evangelizar sem humanizar, sem fazer com que o ser humano manifeste o melhor de si mesmo.

Notemos que, para que a mensagem do evangelizador seja vista como significativa por quem o escuta, torna-se necessário que essa mensagem seja uma boa nova para a vida do evangelizador. Falar da fé é falar de Jesus, é falar do Evangelho a quem o escuta, é falar de si mesmo. Sem a implicação destes três elementos, o anúncio não é uma boa nova.

O acompanhante é, sobretudo nesta segunda fase, uma testemunha da graça de Deus. Proclama o Evangelho dizendo o que o Evangelho operou nele. Podemos dizer, estritamente falando, que ele não testemunha o Evangelho (como se o Evangelho fosse declaradamente uma coisa definida), mas aquilo em que o Evangelho o tornou, e o que o Evangelho pode tornar-se para o destinatário, para aquele que se deixa acompanhar. Neste jogo de

²⁵ TIAGO NETO, «O catequista, discípulo que acompanha», *Pastoral Catequética* 37-38, Ano XIII, janeiro-agosto 2017, 201-233.

transmissão, a situação do destinatário modifica a percepção e a experiência do evangelizador. O movimento não é unidirecional. A situação do eunuco abre a Filipe uma nova percepção da fecundidade do Evangelho na sua própria vida. Nesta tarefa nobre, o acompanhante sugere, insinua, apoia, estimula, orienta, mas reconhece reciprocidade, o seu acompanhante torna-o necessariamente acompanhado.

Só pode acompanhar quem sente em si esta vida nova da graça e como o encontro com Cristo nele gerou vida. O catequista acompanhante, intermediário entre a graça divina e o catequizando, sabe, saboreia na vida o que é ser acompanhado, também faz a experiência de se sentir acompanhado por Deus por intermédio de outros. Acompanhar é sempre centrar-se no essencial.

c) Criar e ser criado

A terceira passagem da narrativa caracteriza-se, segundo os exegetas, por uma dupla ênfase, uma dupla acentuação: “Mandou parar o carro, os dois desceram à água, Filipe e o eunuco, e Filipe batizou-o” (At 8,38).

“Os dois”, “Filipe e o eunuco”. Teria sido suficiente escrever: “e eles desceram à água”. Esta dupla insistência não deixa dúvidas: o gesto batismal, a imersão na Páscoa do Senhor, é vivido pelos dois protagonistas. Trata-se de um nascimento (para o eunuco) e de um renascimento (para Filipe). Não podemos ser espectadores numa ação de acompanhamento na fé. “*Acompanhar é sair da situação de mero espectador e desenvolver a arte de escutar como capacidade de coração*”²⁶.

Não ficamos intactos. O acompanhamento torna-se um novo ato de criação na fé e “o acompanhante deve estar ao serviço daquele que está para nascer, mas, neste renascimento, não somos donos.”²⁷ Acompanhar é passar de novo pela experiência do nascimento.

²⁶ TIAGO NETO, «O catequista, discípulo que acompanha», *Pastoral Catequética*, 37-38, Ano XIII, janeiro-agosto 2017, 201-233.

²⁷ ANDRÉ FOSSION, «Evangelizar de forma breve, breve gramática espiritual», *Pastoral Catequética* 16, Ano VI, janeiro-abril 2010, 127-145.

No entanto, há uma diferença bem marcada: “E Filipe batizou-o”. Lucas sublinha, deste modo, a prioridade da comunidade cristã: é a Igreja que batiza, é no seu seio maternal que nascem os novos crentes. É, pois, uma experiência partilhada, que salvaguarda a diferença: a Igreja é, ao mesmo tempo, mãe e de novo filha, é criada de novo, ao mesmo tempo que cria novos filhos de Deus.

O catequista que acompanha está ao serviço do nascimento do outro, cria condições para um encontro com Cristo, que é gerador de ressurreição, ajuda o outro a sair de si mesmo, apresenta uma atitude materna e paterna de quem está atento ao outro, aos seus avanços e recuos, ao seu processo transformador.²⁸

O catequista que acompanha é um mandatado da comunidade, não age em nome próprio, mas em nome da comunidade, pelo que compreendemos a importância de ter comunidades vivas, evangelizadoras e evangelizadas, com dinâmicas de crescimento da fé e não apenas para cumprir serviços mínimos e uma pastoral de subsistência. Como nos indica o Papa Francisco, *“com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta distâncias (...) assume a vida humana (...), a comunidade evangelizadora dispõe-se a acompanhar. Acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece as longas esperas e a fadiga apostólica. (...) Cuida do trigo e não perde a paz por causa do joio.”*²⁹ Necessitamos de comunidades que favoreçam cada um dos seus membros na maturidade da fé, desenvolvendo uma inteligência prática da fé, que se concretize num saber fazer, num agir coerente e significativo, numa maneira de ser. É urgente que as nossas comunidades criem laços de pertença, independentemente das virtudes e defeitos que sempre encontraremos.

Estamos ainda longe do que afirma o DGC nº 158: *“a comunidade deve tornar-se o lugar visível de testemunho de fé, deve cuidar da formação dos seus membros, deve acolhê-los como família de Deus, apresentando-se como o ambiente vital e permanente para o crescimento da fé.”*

²⁸ TIAGO NETO, «O catequista, discípulo que acompanha», *Pastoral Catequética* 37-38, Ano XIII, janeiro-agosto 2017, 201-233.

²⁹ PAPA FRANCISCO, *A alegria do evangelho*, 24.

Este criar, e ser criado, sofre hoje grandes resistências. O mundo apresenta novas formas de criação, mas, mais do que chorar pelo que não conseguimos, é fundamental lançarmo-nos no que ainda temos para fazer, e isso só é possível se formos capazes de ultrapassar o horizonte da reprodução da fé. O catequista acompanhante não leva o outro a crer como ele, mas antes a crer com ele.

*“Um dos grandes desafios à igreja, hoje, é a abertura ao novo e ao diferente, dando espaço à emergência de uma biodiversidade eclesial que abra caminho às aspirações e à singularidade das pessoas, e facilite também a graça do tornar-se cristão.”*³⁰ Acompanhar não é da ordem do clonar. É necessário acompanhar o novo e o diferente, articular a diversidade com a unidade e procurar que cada um se aproprie da fé, e aconteça nela a personalização da fé.³¹

d) Deixar partir e desaparecer

A última passagem informa-nos que o “Espírito do Senhor arrebatou Filipe e o eunuco já não o viu; mas seguiu o seu caminho cheio de alegria” (At 8, 39). Esta última etapa é fundamental. Marca o caráter de mediação de todo o acompanhante e a necessidade de libertar a ação do Espírito e a autonomia dos indivíduos. O acompanhamento completa a sua tarefa logo que o acompanhante desaparece; o desaparecimento do catequista é a condição da interiorização da sua ação catequética. Acompanhar é reconhecer o caráter transitório da nossa missão.³² O evangelizador é sempre o Espírito Santo. Estamos só ao serviço, daí que acompanhar é também saber retirar-se. O único exegeta competente é o Espírito Santo. É preciso, portanto, que cada um seja autorizado a (é este o sentido profundo de “autoridade”) escrever na sua vida o seu próprio Evangelho, o quinto Evangelho, o Evangelho que se escreve pela palavra e pela vida de todos os crentes.

³⁰ ANDRÉ FOSSION, «Evangelizar de forma evangélica. Breve gramática espiritual para uma pastoral de renascimento». *Pastoral Catequética* 16, Ano VI, janeiro-abril 2010, 127-145.

³¹ ANDRÉ FOSSION, «Evangelizar de forma evangélica. Breve gramática espiritual para uma pastoral de renascimento», 127-145.

³² TIAGO NETO, «O catequista, discípulo que acompanha», *Pastoral Catequética* 37-38, Ano XIII, janeiro-agosto 2017, 201-233.

Nesse momento, a diferença entre evangelizador e destinatário desaparece. Já não se sabe quem evangeliza quem. É uma evangelização recíproca.

Citando Fossion, o padre Tiago Neto afirma que *“a evangelização está ao serviço da apropriação pessoal da fé, e a autoridade do evangelizador manifesta-se quando este se retira e favorece que cada um se torne autor e ator da sua própria existência crente.”*³³

O acompanhante deve levar os acompanhados a dizer: “já não acredito porque tu o dizes, mas porque eu mesmo faço a experiência.”

Concluindo:

Esta releitura da narrativa de Lucas, permite-nos compreender que todo o ato de educação se joga num registo de reciprocidade, ainda que assimétrica. Chamamos a esta forma de relação “acompanhamento” e podemos, por conseguinte, definir um catequista como um companheiro de estrada.

Vemos bem que a reciprocidade é transversal às quatro passagens: no acolhimento (acolher e arriscar-se a ser acolhido); no anúncio: pôr em contacto com o Evangelho através da sua própria experiência, mas anunciar a partir da experiência do outro; na experiência sacramental: ser pai / mãe na fé e reviver com o outro a experiência genética da fé; na reapropriação da fé: reescrever em conjunto um novo evangelho na docilidade diante do Espírito. Como todo o ato educativo, o acompanhamento na fé assemelha-se à experiência de paternidade e de maternidade. Trata-se verdadeiramente de um caminhar junto.

Claro que este caminhar é também um movimento da vontade e das faculdades, de quem não se deixa ficar instalado pelo que já alcançou, acomodado, dominado pelo conforto e pela rotina. Um catequista acompanhante não se limita a conhecer o caminho, mas a amar esse caminho. E quer fazê-lo.

Será sempre uma caminhada, com avanços e recuos, progresso e retrocesso; uma tarefa diária e permanente. É uma questão de perseverança,

³³ TIAGO NETO, *Hora de mudança na transmissão da fé: A urgência da pastoral de gestação*. Lisboa: Paulinas Editora, 2016.

mas é uma caminhada de fundo, não de velocidade. Temos que ajudar e deixar que nos ajudem, no sentido de vencer a tentação de caminhar pouco tempo e muito depressa. Quando assim é, consumimos toda a energia... mas, logo ficamos cansados.

Neste acompanhamento, a dimensão da esperança tem de marcar a sua presença. Quem caminha e persevera tem uma esperança clara e fundada, porque sabe em quem confiar, e, como nos diz S. Paulo, nós sabemos em quem colocamos a nossa esperança (2Tm 1,12).

Acompanhar não significa substituir ou supor. Ninguém pode acreditar por ele, rezar por ele, seguir Jesus para ele. Acompanhar não significa ensinar uma lição religiosa, um tópico, um conteúdo. Acompanhar significa estar ao lado de outro como uma presença de suporte pessoal, ajuda, orientação. Falamos de “acompanhamento” porque o caminho da fé, o processo de fé, implica, compromete toda a pessoa: conhecimento, vontade, comportamentos; relacionamento com ele, com os outros e com Deus.

Estou quase a terminar e, hoje, perante tantos catequistas, ao falar de acompanhamento e da importância de aquele que acompanha se deixar acompanhar, é fundamental lembrar que deixar-se acompanhar por um bom acompanhante é indispensável para ser bom catequista, mas também pode ser acompanhante um bom livro ou artigo, e eu senti esse acompanhamento muito presente para preparar esta pobre comunicação. Em primeiro lugar, através do livro e do artigo da autoria do Pe. Tiago Neto, amigo, a quem agradeço o trabalho conjunto e as partilhas que a missão nos tem proporcionado³⁴; e nos livros e artigos que li de André Fossion, Enzo Biemmi e de Oscar Alonso³⁵. Queria mesmo servir-me deste último para vos apresentar as bem-aventuranças do acompanhamento:

1. Bem-aventurado o que acompanha respeitando a liberdade do outro (jovem rico – samaritana);
2. Bem-aventurado o que acompanha em dupla fidelidade: a Deus (amarás o teu Deus) e aos outros (amarás o teu próximo);

³⁴ Este agradecimento é extensivo a todas as equipas dos secretariados diocesanos da zona centro.

³⁵ OSCAR ALONSO, «A pastoral na vida do centro escolar. A vida do centro escolar em pastoral», *Pastoral Catequética* 16, Ano VI, janeiro-abril 2010, 37-84.

3. Bem-aventurado o que acompanha respeitando a pedagogia de Deus (saiu o semeador a semear);
4. Bem-aventurado o que acompanha sabendo respeitar o ritmo e a complexidade da vida do outro (há que nascer do alto);
5. Bem-aventurado o que acompanha e faz igreja e gera comunidade (se permanecerdes em mim);
6. Bem-aventurado o que acompanha na vida, no seu quotidiano, nas suas vivências (desce depressa...);
7. Bem-aventurado o que acompanha porque se sente acompanhado pelo mestre (orai assim);
8. Bem-aventurado o que acompanha a descobri-Lo na fração do pão e na Sua palavra (os seus olhos abriram-se...);
9. Bem-aventurado o que acompanha a descobrir a misericórdia infinita de Deus (correu ao seu encontro);
10. Bem-aventurado o que acompanha e leva cada um a percorrer o seu caminho (ditosos os que seguem...)
11. Bem-aventurado o que acompanha na descoberta do Deus de amor (Deus é amor).

Eu sinto o murmúrio dos mais rigorosos a dizer, “mas são tantas as bem-aventuranças?”

Sim, são infinitas as bem-aventuranças de Deus e infinitos os bem-aventurados pois esse é o desígnio de Deus a nosso respeito.

Tudo isto requer dedicação, tempo, como se diz no príncipezinho, é o tempo que passaste com a tua rosa que a tornou importante.

Eu-Tu: o que é o encontro?

D. NUNO BRÁS (*)

A recente Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa *Catequese: a alegria do encontro com Jesus Cristo* está toda ela estruturada a partir da noção de “encontro”, seguindo a célebre afirmação do Papa Bento XVI, citada logo nas primeiras linhas: “No início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, um rumo decisivo” (*Deus caritas est* 1).

À partida, parece claro o que é o encontro: é daquelas realidades que nos surgem instintivas porque são centrais para a nossa existência. Mas, se pararmos um pouco, percebemos que não é bem assim. Todos nos damos logo conta de que existem muitos tipos de “encontros”, completa e radicalmente diferentes uns dos outros: podemos encontrar uma coisa e podemos encontrar uma pessoa; podemos encontrar alguém que não nos diz nada e podemos encontrar alguém que muda para sempre o rumo da nossa vida, o nosso modo de pensar e de existir.

Afinal, o que é “encontrar Jesus”? No início do século XX vários filósofos e teólogos preocuparam-se em pensar a realidade humana (e teológica) do “encontro”. Uns quantos destes pensadores eram de origem judaica – refiram-se, como exemplo, os nomes de Martin Buber (1878-1965), de F. Rosenzweig (1886-1929) e, mais perto de nós, E. Lévinas (1906-1995) – e outros de matriz cristã e católica – como é o caso de F. Ebner (1882-1931), R. Guardini (1885-1968), G. Marcel (1889-1973) e H. U. Von Balthasar (1905-1988). Para além destes, muitos outros pensadores se referiram à

(*) Bispo Auxiliar de Lisboa. Vogal da Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé.

realidade humana e teológica do encontro: foi um filão do pensamento ocidental infelizmente abandonado nos finais do séc. XX em favor da “filosofia da linguagem” ou do “pensamento frágil”.

Todos aqueles pensadores elaboraram as suas reflexões a partir da filosofia do cristão dinamarquês S. Kierkegaard (1813-1855). Não podemos aqui estudar a todos (nem sequer à totalidade dos nomes atrás referidos), mas vamos, através do pensamento de dois deles (M. Buber e F. Ebner – um representando o pensamento judaico e outro o pensamento cristão), procurar esclarecer em que consiste a realidade do “encontro”.

Afirma Anita Bertoldi, sintetizando o conceito: “Se num primeiro nível o termo *Begegnung* faz referência a um empírico encontrar-se junto, a um acontecimento para o qual dois se movem um para o outro e entram em contacto um com o outro, no terreno de uma mais aprofundada análise antropológico-interpessoal ele faz referência a um horizonte de significação bem mais complexo, que vai para além do mero acontecimento contingente de estar junto, e investe a identidade mais íntima dos sujeitos que entram em relação recíproca”¹. Encontro é, assim, bem mais que o choque de duas bolas de bilhar ou a aproximação recíproca de dois animais. O encontro exige liberdade de relação, e apenas tem lugar “onde se determina uma viva reciprocidade de relação que empenha as pessoas, e apenas onde existe disponibilidade para se colocar a caminho e aderir a uma dinâmica de saída de si para chegar ao outro”².

A dimensão exodal (da saída) é, deste modo, algo que caracteriza essencialmente qualquer encontro: trata-se do abandono da autoreferencialidade em favor da “referência ao Tu”, “única a conferir espessura ontológica ao existir humano”³. Assim, uma vez que o encontro assume a prioridade do Tu em relação ao Eu, dele está excluída qualquer abordagem e relação de domínio. Ao contrário, do encontro faz parte a mútua pertença: o encontro é um momento de graça e liberdade, experiência de comunhão e de diferença.

¹ A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola. Ferdinand Ebner filosofo dell'incontro*, Roma, Città Nuova, 2003, 15.

² A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 16.

³ A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 16.

A *palavra* está, portanto, intimamente relacionada com o encontro: “O *dialogos* é, com efeito, o lugar privilegiado da relação Eu-Tu, a realidade comunal capaz de gerar a proximidade inter-humana”⁴.

1. Martin Buber: Eu e Tu

Martin Buber (Viena, 1878 – Jerusalém, 1965)⁵ coloca como ponto de partida de todo o seu pensamento dois conjuntos de “palavras-princípios”: eu-tu e eu-aquilo, tendo por base a relação. “Não existe um Eu em si”, diz Buber. E acrescenta: “existe o Eu da palavra-princípio Eu-Tu e o Eu da palavra-princípio Eu-Aquilo”⁶. O mesmo é dizer: o Eu está sempre em relação e apenas tem consciência de si mesmo na relação com um Tu ou com Algo (Aquilo). O Eu será sempre o Eu de uma destas duas palavras-princípio: “Eu-Tu” ou “Eu-Aquilo”. Melhor: a única verdadeira relação é aquela da palavra-princípio Eu-Tu. O Eu-Aquilo é o domínio da coisa: algo que eu percebo, que eu experimento, represento, quero, sinto, penso: coisas entre coisas que posso conhecer empiricamente, mundo que se deixa experimentar⁷.

A relação apenas é possível na palavra-princípio Eu-Tu. De acordo com Buber, experimentamo-la em três esferas: com a natureza, com os outros homens e com as essências espirituais. Na primeira, a relação é “obscuramente recíproca e não explícita”⁸; na segunda a relação é “manifesta e explícita. Aí podemos dar e receber o Tu”⁹. Por fim, na comunhão com as essências espirituais, a relação “é envolvida por nuvens, mas revela-se a pouco e pouco; é muda mas suscita uma voz. Não distinguimos nenhum Tu mas sentimo-nos chamados e respondemos, criamos formas, pensamos e agimos. Então, todo o nosso ser diz a palavra fundamental, sem que os nossos lábios a possam pronunciar”¹⁰.

A grande questão é, portanto, a da relação: “quando, colocado em face de um homem que é o meu Tu, e lhe digo a palavra fundamental Eu-Tu, ele

⁴ A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 18.

⁵ Tomamos aqui a obra *Ich und Du* (1923) na sua tradução francesa (*Je et Tu*, Paris, Aubier, 1969). Existe uma versão portuguesa: *Eu e Tu*, Prior Velho, Paulinas, 2014.

⁶ M. BUBER, *Je et Tu*, 20.

⁷ Cf. M. BUBER, *Je et Tu*, 22-23.

⁸ M. BUBER, *Je et Tu*, 23.

⁹ M. BUBER, *Je et Tu*, 23.

¹⁰ M. BUBER, *Je et Tu*, 23.

deixa de ser uma coisa entre as coisas, deixa de ser composto por coisas. Não é Ele ou Ela, limitado por outros Eles ou Elas; não é um ponto destacado do espaço e do tempo e fixado na rede do universo. [...] É o Tu, e preenche todo o horizonte. Não porque nada mais exista fora dele mas porque todas as coisas vivem na sua luz¹¹. Do Tu não podemos ter nenhuma experiência. Dele tudo o que sabemos é graça¹². Não existem conceitos, mediações: tudo é presença, ação recíproca, amor.

E Buber sublinha a diferença entre sentimento e amor: um sentimento temo-lo; o amor “é um facto que se produz. Os sentimentos habitam no homem, mas o homem habita no seu amor. [...] O amor não é um sentimento apenso ao Eu e de que o Tu seria o conteúdo ou objeto; existe entre o Eu e o Tu¹³. Por isso acrescenta: “No amor, um Eu toma a responsabilidade de um Tu; nisto consiste a igualdade entre aqueles que amam; igualdade que não poderia residir num qualquer sentimento; igualdade que vai [...] até aquele que está toda a sua vida crucificado sobre a cruz deste mundo, por ter ousado esta coisa inaudita: amar os homens¹⁴. Assim, a relação é também reciprocidade. “No princípio era a relação¹⁵ – afirma Buber, numa clara interpretação de Jo 1,1.

Quando as realidades se isolam da relação, então tornam-se num Aquilo: o Eu isola-se e tudo fica centrado nele¹⁶ – em vez de relação, encontramos separação, distinção. Por isso, diz Buber, “claro que no mundo em que vivemos o Tu se torna invariavelmente num Aquilo¹⁷, quando pessoas e coisas se desligaram das relações. Ao contrário, “Eu torno-me Eu ao dizer Tu¹⁸ – ou seja: a palavra-princípio Eu-Tu é anterior ao Eu (só nela o Eu se descobre como tal), enquanto que a palavra-princípio “Eu-Aquilo” é posterior ao Eu¹⁹ que, deste modo, se torna o centro de tudo.

¹¹ M. BUBER, *Je et Tu*, 26.

¹² Cf. M. BUBER, *Je et Tu*, 29.

¹³ M. BUBER, *Je et Tu*, 34.

¹⁴ M. BUBER, *Je et Tu*, 35.

¹⁵ M. BUBER, *Je et Tu*, 50.

¹⁶ M. BUBER, *Je et Tu*, 44.

¹⁷ M. BUBER, *Je et Tu*, 37.

¹⁸ M. BUBER, *Je et Tu*, 30.

¹⁹ Cf. M. BUBER, *Je et Tu*, 44.

Quando o homem diz “Eu-Tu”, tudo é relação e o Eu toma consciência de quem é. Quando essa relação se desfaz, encontramos no “Eu-Aquilo”: o Eu transforma-se num observador que tudo ordena a partir de si mesmo. No domínio do *Aquilo* encontramos o conhecimento conceptual, a experimentação e a utilização, as instituições, bem como os sentimentos, mas não a verdadeira comunidade, que nasce apenas de duas coisas: “do facto de que [as pessoas] se encontram todas em relação viva e recíproca com um centro vivo, e de que se encontram ligadas umas às outras por laços de uma viva reciprocidade”²⁰.

No domínio do *Aquilo* encontramos “o reino absoluto da causalidade” (ao contrário da reciprocidade de ação na relação *Eu-Tu*); encontramos o reino da fatalidade (não da liberdade), da apropriação egoísta (não da participação), do indivíduo que se ocupa daquilo que é seu (não da pessoa que contempla em si).

Devemos, no entanto, reconhecer, afirma Buber, que é esta realidade do *Aquilo* que marca o crescimento da história (do indivíduo ou da humanidade)²¹. Com ela crescem o conhecimento e a técnica. Não podemos, portanto, passar sem o *Aquilo*²². “Mas nas épocas moles – afirma Buber – acontece que o mundo do *Aquilo* deixando de ser atravessado pelos eflúvios vivificantes vindos do mundo do *Tu*, é apenas uma massa isolada e imóvel, um fantasma surgido do nevoeiro do pântano que esmaga o homem”²³.

Na relação com o *Tu*, ao contrário, surge o espírito: é “a resposta do homem ao *Tu* que surge do fundo do mistério”²⁴: “O espírito não está no *Eu*, mas na relação do *Eu* ao *Tu*. Não é comparável ao sangue que circula em ti, mas ao ar que respiras. O homem vive no espírito quando sabe responder ao seu *Tu*”²⁵. E esta resposta é o silêncio da presença, a espera silenciosa que deixa ao *Tu* a sua liberdade.

²⁰ M. BUBER, *Je et Tu*, 74.

²¹ Cf. M. BUBER, *Je et Tu*, 63.

²² Cf. M. BUBER, *Je et Tu*, 78.

²³ M. BUBER, *Je et Tu*, 85.

²⁴ M. BUBER, *Je et Tu*, 66.

²⁵ M. BUBER, *Je et Tu*, 66.

Eu-Tu: o que é o encontro?

“Se quisermos antecipadamente usar uma imagem retirada da relação absoluta, que potência avassaladora é o *Eu* pronunciado por Jesus, e que legitimidade que toca a evidência! Porque é o *Eu* da relação absoluta, na qual o homem dá ao *Tu* o nome de Pai, a tal ponto que ele próprio já não é senão Filho e nada mais que Filho. Se ainda diz *Eu*, não pode querer dizer senão o *Eu* da palavra fundamental sagrada, elevada por ele até ao absoluto”²⁶.

Mas que acontece quando, na relação *Eu-Tu*, o *Eu* é um ser humano e o *Tu* é Deus? Buber começa por afirmar que “cada *Tu* individual abre uma perspectiva sobre o *Tu* eterno”²⁷. Ou seja, em cada *Tu* humano ressoa um eco do *Tu* eterno, um eco (símbolo) de Deus. E isto de tal modo que “mesmo aquele que tem horror deste nome e que se crê sem Deus, no dia em que, com o dinamismo de todo o seu ser, se dirige ao *Tu* da sua vida, a este *Tu* que não é limitado por nenhum outro, esse mesmo invoca Deus”²⁸.

Contudo, do mesmo modo que o *Tu* humano se pode transformar num Aquilo, também ao *Tu* eterno foram dados muitos nomes que “entraram na linguagem do Aquilo”²⁹: é a “experiência de Deus” (por mais espiritual que seja)³⁰. Ao contrário, o encontro com Deus é aceitação de uma presença como evidência: “Deus é aquele cuja existência nos é mais imediata, mais próxima e mais duradouramente presente, aquele que podemos legitimamente invocar mas sem que o possamos exprimir”³¹. É a relação absoluta que nos faz perceber como plenamente dependentes e, ao mesmo tempo, livres como nunca³².

Sem nunca ter deixado o judaísmo, Martin Buber não hesita, no entanto, em referir-se ao Evangelho de S. João como “o evangelho da relação pura”: “O Pai e o Filho consubstanciais – podemos dizer Deus e o homem consubstanciais – são o par indestrutivelmente real, os dois portadores da relação original que, indo de Deus ao homem, se chama missão e

²⁶ M. BUBER, *Je et Tu*, 102.

²⁷ M. BUBER, *Je et Tu*, 113.

²⁸ M. BUBER, *Je et Tu*, 114.

²⁹ M. BUBER, *Je et Tu*, 113.

³⁰ Cf. M. BUBER, *Je et Tu*, 116.

³¹ M. BUBER, *Je et Tu*, 121.

³² Cf. M. BUBER, *Je et Tu*, 122.

mandamento, e indo do homem a Deus se chama conhecimento e amor, contemplação e percepção”³³.

É a relação verdadeira, sem fusão nem identidade, do divino com o humano³⁴. Por isso é algo de bem diferente do dobrar-se sobre si mesmo – ou seja, diferente desta “ilusão gigantesca do espírito humano que, dobrado sobre si, se imagina a agir no interior do homem”³⁵, renunciando à relação e ao amor. Deus é a “Presença eterna”. Não é um Ele ou um Aquilo; é antes um Tu, que nunca podemos possuir³⁶. É esta Presença que nos permite igualmente ser presentes ao mundo na luz da eternidade³⁷.

Mas em que consiste esta Presença no tempo e no espaço (ou seja, em que consiste a Revelação)? Em primeiro lugar, Buber sublinha que não se trata de uma “experiência interior”, de um mecanismo psíquico ou ação do subconsciente, mas de um facto, uma ação que se dirige ao homem, “um sopro que o aflora” ou “uma luta em que se encontra empenhado”: “ao sair do ato da relação pura, o homem tem na sua alma um *mais*, um acrescento até ali ignorado e de que não é capaz de designar corretamente a origem”³⁸. E acrescenta Buber: “O homem recebeu algo, e aquilo que foi recebido não é um ‘conteúdo’ mas uma presença que é uma força”³⁹.

Para o nosso autor, esta Presença implica três realidades inseparáveis: a) “uma plena e real e inteira reciprocidade”⁴⁰ que preenche a vida de sentido; b) “a indizível confirmação que nos é dada do sentido de todas as coisas”⁴¹: esta Presença oferece-nos o sentido pleno da vida e do mundo como certeza maior que a oferecida pelos sentidos, e para além de qualquer definição, fórmula, imagem – sentido que apenas podemos manifestar por meio da qualidade única do ser e da vida; c) esta Presença aparece-nos como mistério

³³ M. BUBER, *Je et Tu*, 127.

³⁴ Cf. M. BUBER, *Je et Tu*, 125.

³⁵ M. BUBER, *Je et Tu*, 137.

³⁶ Cf. M. BUBER, *Je et Tu*, 152. 155.

³⁷ Cf. M. BUBER, *Je et Tu*, 157.

³⁸ M. BUBER, *Je et Tu*, 159.

³⁹ M. BUBER, *Je et Tu*, 159.

⁴⁰ M. BUBER, *Je et Tu*, 159.

⁴¹ M. BUBER, *Je et Tu*, 160.

Eu-Tu: o que é o encontro?

e salvação: não temos dele qualquer conhecimento que o torne menos misterioso – Deus permanecerá sempre “Eu sou aquele que Eu sou”⁴².

Deus é, portanto, sempre um Tu e nunca um Aquilo, irredutível a qualquer medida ou limite: “pecamos contra Ele, que é o Ser, quando dizemos: ‘Creio que Ele existe’; ‘ele’ é já uma metáfora, ‘tu’ não é uma metáfora”⁴³. É o homem, que tem necessidade da extensão, da duração que, segundo Buber, torna Deus um objeto de fé e de culto. Contudo, Buber acrescenta também: “mas a relação pura não pode verdadeiramente chegar à estabilidade no tempo e no espaço a não ser que encarne na matéria inteira da vida. Não pode ser conservada, mas pode ser praticada; pode apenas ser realizada e introduzida como facto na vida”⁴⁴. Ou seja: da relação com o Tu divino nascem uma relação temporal numa vida santa (o mesmo é dizer: em conformidade com a relação) e a ligação espacial na comunidade unida ao seu centro. E acrescenta: “O encontro do homem com Deus não acontece para que o homem se ocupe de Deus, mas para que ponha em prática o sentido divino do mundo”⁴⁵.

2. Ferdinand Ebner: a filosofia do encontro

O filósofo austríaco Ferdinand Ebner (Wiener Neustadt, 1882 – Gablitz, 1931) esteve, também ele, na origem do chamado “pensamento dialógico” ou “pensamento da palavra”⁴⁶. Para se qualificar, o próprio Ebner usava com frequência a expressão “*pensador da Palavra*” (*Bedenker des Wortes*). O encontro com o Deus-amor⁴⁷ está no centro do seu pensamento e da sua existência, como demonstra o epitáfio que ele próprio escreveu para si: “Existem dois factos, não mais, na vida espiritual; dois factos que têm lugar entre o Eu e o Tu: a palavra e o amor. Neles se enraízam a salvação do homem e a libertação do Eu da auto-reclusão em si mesmo”⁴⁸.

⁴² M. BUBER, *Je et Tu*, 162.

⁴³ M. BUBER, *Je et Tu*, 162.

⁴⁴ M. BUBER, *Je et Tu*, 165.

⁴⁵ M. BUBER, *Je et Tu*, 166-167.

⁴⁶ Cf. G. MURA, *Pensare la parola. Per una filosofia dell'incontro*, Roma, Urbaniana, 2001, 28.

⁴⁷ A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 9.

⁴⁸ A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 9.

a) A Palavra criadora

A criação do homem por parte de Deus significa que este o pronuncia como outro, o que impede também a confusão entre os dois: ao criar, Deus coloca e reconhece o homem como um Tu livre e com capacidade de decidir, permitindo o encontro entre ambos. Podemos pois afirmar com A. Bertoldi que, para Ebner, é porque Deus falou que cada ser humano existe como tal: “Deus, que é Palavra, criou o homem chamando-o, dizendo-lhe: ‘Eu sou e, por meio de mim, tu és’. Por isso, o Eu aparece como ser relativo e como ‘pessoa segunda’, chamada a partir de Deus”⁴⁹.

Ou, dito com palavras do próprio Ebner: “O pensamento e a expressão ‘Eu sou’ não seriam sequer possíveis sem o pensamento do ‘Tu és’ – ou seja, sem a consciência da existência de Deus, que a ‘palavra’ coloca no homem”⁵⁰. Com efeito, a palavra “é sempre palavra de alguém dirigida a alguém. É sempre, portanto, relação de pessoa a pessoa”⁵¹. Assim, a estrutura do homem, a sua constituição ontológica, é definida pela Palavra. Como afirma G. Mura: “A palavra diz, com efeito, a relação constitutiva que o homem tem ontologicamente com a Palavra criadora de Deus e a nítida distinção que o separa de todos os demais seres criados. É na palavra que o homem recebe originariamente o dom da própria humanidade e é na palavra que ele cultiva a própria humanidade”⁵².

Mas Ebner é cristão: para ele a Palavra criadora (o *Logos*) tem uma concretização histórica que é Jesus de Nazaré. Assim, é em Jesus que encontramos a chave para a compreensão do humano: “No Verbo feito carne, a alteridade de Deus, já não passível de ser colhida como mera realidade transcendente, faz-se encontrável”⁵³. É a Palavra feita carne, Jesus de Nazaré, que funda o encontro, a relação humana: nele a Palavra encontra o homem; Deus vem ao encontro do homem e permite a existência do diálogo do homem com Deus e entre os seres humanos⁵⁴.

⁴⁹ A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 26.

⁵⁰ F. EBNER, *La parola e le realtà spirituali. Frammenti pneumatologici*, Cinisello Balsamo, San Paolo, 1998, 167.

⁵¹ G. MURA, *Pensare la parola*, 31.

⁵² G. MURA, *Pensare la parola*, 35-36.

⁵³ A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 12.

⁵⁴ Cf. G. MURA, *Pensare la parola*, 34.

Não nos pode pois espantar que a procura do sentido da criação seja realizada por Ebner no Prólogo do evangelho de S. João, e só secundariamente nas narrações do Génesis⁵⁵. Com efeito, para o nosso autor, em qualquer palavra humana ecoa o Verbo divino. A palavra é como que o “umbigo ontológico” do homem, testemunha do seu ser criatura e, ao mesmo tempo, da sua essencial relacionalidade: “Deus criou o homem; o mesmo é dizer: falou-lhe. O homem não era homem até ao momento em que Deus lhe dirigiu a palavra. Tornou-se homem mediante a palavra. Antes não existia qualquer linguagem. Neste sentido, Deus não cessa de criar o homem”⁵⁶. Assim, a palavra “constitui a verdadeira chave de acesso ao mundo do espírito”⁵⁷. O homem mostra-se, desde o princípio, como “Ouvinte da Palavra” (*Hörer des Wortes*)⁵⁸, criado para participar no diálogo com o Deus que primeiramente lhe dirigiu a Palavra.

O mesmo é dizer: o homem só se mostra como “fazedor da palavra” porque anteriormente ele foi “ouvinte da Palavra” por meio daquele “ouvido espiritual”, daquele sentido interior que acolhe e percebe a Palavra – aquela Palavra que, por meio dos sentidos corporais, lhe chega do exterior.

Deste modo, o céu aparece-nos como o verdadeiro horizonte da vida humana: “Tornado um refugiado neste mundo depois do seu afastamento de Deus, o homem iniciou o seu longo caminho através da história: conquistou a terra e aí estabeleceu a sua morada, não sem procurar secretamente a sua pátria verdadeira ao erguer o olhar para o céu. Na vinculação à terra, olhar para o céu: esta é a verdadeira situação da vida humana no mundo”⁵⁹. Com efeito, o pensamento que se torna palavra aspira sempre a ultrapassar-se e a eternizar-se – “a palavra é, precisamente, no homem, o sinal desta aspiração de eternidade do seu espírito e do seu pensamento”⁶⁰.

O homem é, portanto, criado por Deus como “um sujeito vocacionado para o encontro com Ele”⁶¹. E esse encontro constitui a realidade espiritual

⁵⁵ Cf. A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 29.

⁵⁶ F. EBNER, *Scriften I*, Kösel, München, 1963, 767.

⁵⁷ F. EBNER, *Scriften I*, 581.

⁵⁸ A expressão foi depois retomada em 1941 por Karl Rahner, mesmo que com substanciais diferenças em relação ao pensamento de Ebner. Cf. G. MURA, *Pensare la parola*, 35.

⁵⁹ F. EBNER, *Scriften I*, 252. Cf. G. MURA, *Pensare la parola*, 31.

⁶⁰ G. MURA, *Pensare la parola*, 31.

⁶¹ A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 59.

do homem – realidade originária que anula radicalmente a solidão⁶², *potentia oboedentialis*, “possibilidade passiva de escutar a Palavra, entendendo-a; de compreender e acolher; possibilidade dada pelo ter-a-palavra, pelo ser pessoa interpelada, pelo ser Tu”⁶³. É tudo isso que se encontra como expressão dum vínculo esponsal no traço que une “Eu-Tu”.

b) A Palavra conduz-nos ao outro

Desta relação primordial e basilar com a Palavra de Deus brota a relação do Eu com os outros. Como afirma J. Puente López: “Ebner entende poder afirmar que a relação do homem com os outros homens radica na sua relação com Deus, e que o homem que encontra o seu Tu em Deus encontra ao mesmo tempo o seu Tu em todo o ser humano que lhe vem ao encontro; assim, especularmente, aquele que não foi capaz de encontrar o seu Tu no homem, tanto menos o pode encontrar em Deus”⁶⁴.

A este propósito, G. Mura recorda o comentário de E. Lévinas: “o encontro com o outro não é nunca apenas um encontro eu-tu, mas um encontro eu-Ele-tu, no qual a presença do Ele transcendente garante a verdade da palavra e a autenticidade do encontro. Estas devem poder passar por aquelas exigências absolutas de verdade e de justiça (as únicas a permitir superar a dimensão romântica e transcendental do encontro) que salvaguardam a dignidade da relação com o rosto do outro homem”⁶⁵.

O ser humano é, pois, radicalmente pobre em relação ao Outro. Ou seja: é sempre um radicalmente necessitado do Outro. Isso mesmo percebemos ao considerar a liberdade criada do homem: a absoluta independência e a autonomia individualista são, para Ebner, uma “ilusão biológica”⁶⁶. Isto significa que a liberdade humana é caracterizada desde sempre por uma “indigência”, ou seja, por um apelo a ser mais, por um apelo a que o homem se constitua “como resposta a um chamamento”⁶⁷, como fidelidade à sua vocação originária: “o encontro entre o Eu e o Tu pode abrir-se em toda a

⁶² Cf. A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 61.

⁶³ A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 65.

⁶⁴ Cit. in A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 83.

⁶⁵ G. MURA, *Pensare la parola*, 29.

⁶⁶ F. EBNER, *Scritten I*, 43.

⁶⁷ A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 38.

sua autenticidade apenas a partir da liberdade que, na palavra, é dada ao homem, e que lhe permite aderir com decisão pessoal à própria inclinação espiritual que o conduz a ir para além daquilo que é⁶⁸. A liberdade humana afirma-se, assim, verticalmente, numa essencial dependência em relação a Deus. Mas a relação homem-Deus expressa-se também numa dimensão verbal horizontal em relação aos demais seres humanos. Ou, como afirma A. Bertoldi, interpretando o pensamento ebneriano: “a partir do modelo do Adão originário que, saindo do sono e encontrando um Tu humano diferente e, no entanto, semelhante, acorda para a consciência da reciprocidade no encontro, o homem é chamado a corresponder ao apelo que lhe é dirigido pela pessoa do outro⁶⁹”.

O encontro que assim tem lugar traz consigo admiração e gratidão. Diz Ebner: “Há qualquer coisa de maravilhoso no encontro dos homens na vida. O encontro em que os homens não passam simplesmente ao lado uns dos outros ou fazem apenas em conjunto um breve troço de estrada não é nunca um puro acaso. Podem vir à mente bons pensamentos nos quais nunca se tinha pensado; podem realizar-se ações, e não as más, que nunca se realizariam se não se tivesse encontrado uma determinada pessoa, experimentando a sua amizade e o seu amor⁷⁰”. O encontro é pois um acontecimento criativo, que recusa a posse utilitarista do outro, a lógica do cálculo, em favor do crescimento mútuo.

O encontro implica portanto, antes de mais, um êxodo do Eu fechado em si mesmo em direção à “relação certa” com o Tu⁷¹, passando a existir nesta, assumindo a condição de ser espiritual. Dito de outro modo: trata-se da “conversão do desprezo do homem (*Menschenverachtung*) em direção à atenção respeitosa para com o homem (*Menschenachtung*), a cujo olhar o outro aparece como irredutível, alteridade reconhecida, mistério a encontrar⁷²”.

Este encontro é, em particular, encontro do rosto do Outro – melhor: é encontro de dois rostos⁷³. Com efeito, o rosto é, para Ebner, o lugar dialógico

⁶⁸ A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 39.

⁶⁹ A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 85.

⁷⁰ F. EBNER, *Scriften I*, 1013.

⁷¹ Cf. G. MURA, *Pensare la parola*, 29.

⁷² A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 98.

⁷³ Cf. G. MURA, *Pensare la parola*, 34.

por excelência. O rosto garante o Outro como Outro, e impede que ele seja reduzido a uma “extensão volitiva da subjetividade amante”⁷⁴. No rosto se resume o todo do homem – o seu ser, o seu expôr-se, o seu estar diante de, a sua resposta, a sua grandeza e infinitude, que se diz e interpela, ouvinte e fazedor da palavra, onde é possível contemplar a “imagem e semelhança” divinas, garantia simultânea de individualidade e de comunhão, que impede a indiferença e convida à “relação justa”⁷⁵ (a relação instaurada e permitida pelo *Logos*)⁷⁶, à maravilha e gratidão, ao encontro. O encontro mostra-se como um “existir entre”, um “estar perante”, um “viver com”, “em que a existência atua plenamente a própria estrutura ontológica”⁷⁷.

O encontro é, portanto, um evento criador⁷⁸, contrariando uma lógica de posse que reduz o outro a um objeto de prazer. Ou, como afirma A. Bertoldi: “o rosto do Tu – e, mais especificamente, do Tu divino – torna-se espelho ontológico do Eu no qual este recupera os próprios traços fisionómicos e contempla aquele seu último fundo real que faz dele um ser à imagem e semelhança do Criador”⁷⁹.

Este apelo do Outro constitui também um convite a passar da “lógica do vizinho” (*Nebenmensch*) para a “lógica de ser com-o-outro” (*Mitmensch*). O mesmo é dizer: a passagem do estar-ao-lado num coletivo anónimo, massificado e homologante, para o ser-com, que implica viver reciprocamente com o outro que se torna companheiro de caminho, ser único, que nos ajuda a ser-homens. Recusando tomar o outro numa perspetiva impessoal, encontramos-lo plasmado, também ele, pela Palavra de Deus, e por isso único.

Contudo, todas estas reflexões apenas podem ser verdadeiras se existir um vínculo entre palavra e amor. E assim é, como sublinha Ebner: “O motivo pelo qual a palavra deve ser pronunciada pelo amor e servir ao amor reside no facto de que foi o amor a pronunciar a primeira palavra”⁸⁰. E noutra lugar:

⁷⁴ G. MURA, *Pensare la parola*, 30.

⁷⁵ F. EBNER, *Scriften I*, 21.

⁷⁶ Cf. G. MURA, *Pensare la parola*, 31.

⁷⁷ G. MURA, *Pensare la parola*, 31.

⁷⁸ A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 98.

⁷⁹ A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 74.

⁸⁰ Cit. In A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 65-66.

Eu-Tu: o que é o encontro?

“apenas no amor, no qual o Eu sai do seu fechamento interior e se abre ao Tu, a palavra pode ser fecunda e gerar vida espiritual no homem a que é dirigida”⁸¹. A Palavra que diz amor constitui o único *habitat* capaz de albergar o encontro com o Outro⁸².

Ebner sublinha que o amor humano não deve ser colocado como alternativa ao amor de Deus. Ele é antes um caminho para Deus, e o seu significado deve ser encontrado na Palavra. Esta, com efeito, impede que o amor seja tomado como “auto-filia”, avidez, amor próprio. Como afirma Ebner: o amor “é – tal como a palavra – a realização da relação com o Tu, da relação com o homem e com Deus”⁸³.

Claro que, diante da possibilidade do encontro, o homem pode fechar-se em si mesmo. Mas essa não é uma realidade primeira: “O ser-para-si do Eu na sua solidão não é um facto originário na vida espiritual do homem – admitindo que o Eu existisse fora da sua relação com o Tu e independentemente desta [...] – mas antes o resultado de um fechamento frente ao Tu. Este fechamento mais não é senão um ‘afastamento de Deus’. A tentativa do homem de existir numa interioridade sem Deus – que raça de *contradictio in adiecto!* – é o primeiro abuso e uso contraditório da liberdade, do carácter pessoal do existir que Deus colocou no homem”⁸⁴. É um isolamento auto-referencial de uma ilha que recusa mergulhar no mar da palavra que une o arquipélago⁸⁵. Este isolamento acaba por ser uma doença espiritual: “Na realidade existe apenas *um* pecado – o pecado – mas muitas transgressões; existe apenas o único pecado do fechamento interior diante de Deus”⁸⁶.

O encontro de Deus com Adão narrado em Gn 3,9 é, assim, o primeiro encontro falhado da história: Adão esconde-se, furta-se ao encontro, à presença de Deus, e daqui surge igualmente a falta de diálogo com Eva. “O pecado de Adão e Eva coloca-se pois precisamente na escolha deliberada de se confinarem ao âmbito da própria vida, da vida privada, despida de

⁸¹ Cit. In A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 66.

⁸² Cf. G. MURA, *Pensare la parola*, 28.

⁸³ F. EBNER, *La parola e le realtà spirituali*, 187.

⁸⁴ F. EBNER, *La parola e le realtà spirituali*, 151.

⁸⁵ Cf. A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 120.

⁸⁶ F. EBNER, *Scritten I*, 997.

qualquer relacionalidade”, afirma a este propósito A. Bertoldi⁸⁷. Ou, como diz o próprio Ebner, trata-se de uma “decisão pessoal do homem, pró ou contra a espiritualidade da própria existência, o mesmo é dizer, pró ou contra Deus”⁸⁸. É o triunfo do *Icheinsamkeit*, o auto-isolamento do Eu, barricado em si mesmo. É o Eu que se auto-exila, afastando a “dualidade originária”, esquecendo a sua “pátria ontológica”.

Tal auto-solipsismo encontra a sua representação bíblica e arquitetónica na Torre de Babel. Aqui, a palavra é substituída pelo objeto surdo e mudo que é o tijolo⁸⁹; os homens procuram construir para si um nome que dure para sempre (Gn 11,4) e criar para si mesmos uma linguagem, esquecendo que apenas existe “uma palavra que está destinada a unificar espiritualmente os homens: a Palavra de Deus”⁹⁰. E encontra também uma representação na figura de Narciso que se procura a si no espelho de água⁹¹: é o pecado do espírito, a procura de si próprio numa efígie privada de palavra própria. “Narciso contempla-se sem nunca se conseguir encontrar”⁹².

Por isso, para Ebner, “a palavra dita sem amor é já um abuso humano do dom divino da palavra. Nesse abuso, a palavra contradiz o seu sentido autêntico e extingue-se espiritualmente”⁹³. Só como amor a palavra humana pode ser eco do *Logos*, eco da Palavra de Deus.

c) Cristo salvador

Certamente, o ser humano pode tomar consciência da contradição espiritual (ou, melhor dizendo, da não-espiritualidade) que o auto-isolamento comporta⁹⁴. Deste auto-solipsismo o homem não é capaz de sair por si mesmo. Contudo, Deus vem sempre de novo ao encontro do homem. E o encontro salvador entre Deus e o Homem tem lugar de uma forma única em Jesus de Nazaré. Cristo é o “*medium* de relacionalidade através do qual

⁸⁷ A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 124.

⁸⁸ F. EBNER, *Scriften I*, 227.

⁸⁹ A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 131.

⁹⁰ F. EBNER, *Scriften I*, 159.

⁹¹ Cf. A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 72.

⁹² A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 73.

⁹³ F. EBNER, *Scriften I*, 197.

⁹⁴ Cf. A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 145.

Eu-Tu: o que é o encontro?

Deus realiza a sua escolha de ‘acampar’, de colocar a própria habitação entre nós”, afirma A. Bertoldi comentando a cristologia de Ebner⁹⁵.

De novo nos sai ao caminho o Prólogo joânico, agora como expressão da oferta de salvação, de reapropriação da dignidade dialógico-relacional. Em Cristo, Deus aproxima-se do Homem de um modo único, re-sanando a existência humana precisamente a partir da dimensão dialógica com Deus. Longe da atitude de Narciso, em Cristo Deus oferece-se a si mesmo como o espelho do Homem. Assim, em Cristo o ser humano pode encontrar o Tu inicial e, simultaneamente, definitivo – e, deste modo, pode encontrar o próprio Eu na sua autenticidade, na semelhança que o pecado fizera perder. “Ir ao encontro da realidade de Cristo” – afirma Ebner – é o único caminho para deixarmos “de ser homens desumanos”⁹⁶.

Este agir divino encontra a sua expressão clara na cura que Jesus faz do surdo-mudo (Mc 7,31-37), ao retirá-lo do isolamento em que vivia e ao dar-lhe a abertura à palavra que lhe permite a relacionalidade com os outros e, ao mesmo tempo, o colmatar da distância do homem com Deus. “No *Logos* feito carne, o homem é reinterpelado, recriado e reinserido – com um movimento de inclusão pago no patíbulo da cruz – na dinâmica do amor trinitário e interpessoal”⁹⁷.

Por um lado, o encontro com Cristo acorda-nos para a saudade da experiência originária do Tu, realidade primeira da nossa existência; mas, depois, permite-nos também passar do desejo à realidade, à possibilidade efetiva de reencontro com Deus e com os outros: “Deus criou o homem mediante a palavra e a verdadeira humanidade do homem continua a ser criada pela palavra de Deus até ao fim do mundo. Deus que é amor fez-se homem em Jesus (que no evangelho de João é chamado ‘o Verbo’) para erradicar o homem do perigo da sua ‘des-realização’ espiritual e lhe revelar o sentido da sua existência, uma vez que nada mais interroga o espírito do homem na sua indigência a não ser o conhecimento do ‘sentido da vida’. Jesus redimiu o Eu do seu auto-solipsismo, da maldição do pecado [...]. Ele, que é o caminho, a verdade e a vida, mediante a palavra conduziu o Eu

⁹⁵ A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 146-147.

⁹⁶ F. EBNER, *Scriften I*, 1003.

⁹⁷ A. BERTOLDI, *Il pensatore della parola*, 148.

em direção ao Tu, despertou-nos da morte espiritual para a vida, e indicou-nos o caminho para Deus⁹⁸.

A cura espiritual do isolamento do Eu é pois um caminho, um percurso com o *Logos*, a partir dele e para ele: Deus vem até ao ser humano, e este, como peregrino, aproxima-se de Deus. Em Cristo dá-se o encontro entre Deus e o Homem, e entre o Homem e Deus. Em Cristo, Deus vem em busca da sua criatura, toma a iniciativa de procurar o Homem, num percurso que não pode ser reduzido a uma causalidade natural. Ao encontrar o Homem, Cristo acorda nele o ser com o outro, com Deus: “Aos perdidos Deus faz um grande prodígio. Para eles enviou Jesus a este mundo [...]. Por meio da Palavra de Deus em sentido transcendente, tudo fora criado; mediante a Palavra de Deus em sentido humano – ou seja, mediante a palavra de Jesus – a relação originária do homem com Deus, que tinha sido perdida, foi restabelecida. Esta saiu daquela que era no princípio, e regressa à sua fonte. A Palavra, no entanto – seja entendida em sentido transcendente ou humano – é a relação do Eu com o Tu⁹⁹.”

Trata-se, de facto, de acordar o ser humano do “sonho do espírito”: “aquela Palavra, mediante a qual os homens deveriam ser acordados do seu sonho do espírito; aquela Palavra mediante a qual a própria palavra, uma vez que pertence à realidade da vida espiritual, chegou ao seu sentido próprio e mediante a qual, na divindade da sua origem, o homem a acolhe em si e a faz frutificar, é recriado e regenerado para a verdadeira vida no espírito, aquela Palavra foi uma palavra falada. E a força divina de Jesus deu de novo aos mudos a língua, e abriu os ouvidos aos surdos da palavra¹⁰⁰.”

Cristo, ao viver e falar como homem, volta a envolver a existência humana na sua realidade mais íntima. Vindo ao encontro do ser humano, dá-lhe a possibilidade de se confrontar com “a questão” por excelência, como afirma Ebner: “de há dois mil anos a esta parte existe apenas um problema na vida espiritual: o confronto com a vida e o ensino de Jesus. Aqui reside a decisão¹⁰¹ acerca do acreditar e acerca da vida que é vida eterna.

⁹⁸ F. EBNER, *Scriften I*, 267-268.

⁹⁹ F. EBNER, *Scriften I*, 995.

¹⁰⁰ F. EBNER, *Scriften I*, 151.

¹⁰¹ F. EBNER, *Scriften I*, 66.

Conclusão

Nesta brevíssima exposição do pensamento de Martin Buber e Ferdinand Ebner acerca do que seja o “encontro” percebemos logo desde o início a complexidade do tema. Ao mesmo tempo, demo-nos certamente conta de que estávamos a lidar com algo decisivo para a nossa existência de seres humanos – com algo que tem a ver com o modo como nos colocamos diante de Deus e dos outros.

O encontro, a relação Eu-Tu, mostrou-se, aliás, como o ponto de partida de uma existência verdadeiramente humana, em que o Eu, longe de determinar tudo e todos os que estão à sua volta numa pretensão mentirosa de domínio (Torre de Babel ou Narciso), encontra antes a verdade na relação e no acolhimento do Tu.

Este Tu é, em primeiro lugar, o Deus que, do silêncio, pronuncia a Palavra, o Verbo. Ao fazê-lo, cria o homem como ser livre e vocacionado ao diálogo. Mas o Verbo fez-se carne, como nos recordam as primeiras frases do evangelho de S. João. E isso significa que o Verbo, essa Palavra primeira de todo o criado, passou a ter um rosto, e um rosto humano. É Alguém que vem ao nosso encontro como acontecimento de graça e nos dirige a Palavra salvadora que Ele é. É o Homem Jesus de Nazaré.

Encontrar Jesus – melhor, deixar que Ele nos encontre – aceitar que Ele nos mostre o Seu rosto e nos ilumine e salve é um acontecimento da nossa história. É “o” acontecimento da nossa história, aquele acontecimento que pode dar verdadeiro sentido a tudo o mais. É, por isso mesmo, o acontecimento que perdura para o resto da nossa vida como “memorial”.

O encontro com Jesus é outro modo de dizer “salvação”. O encontro com Jesus sara as feridas dos encontros falhados e recusados e reconduz-nos à nossa vocação primeira: viver com Deus no diálogo Eu-Tu que, antes, é primeiro um diálogo Tu-Eu, em que o Tu é o próprio Deus.

Deixar que Jesus nos salve, é deixarmo-nos encontrar por Ele e receber dele a Palavra que nos determina e que nos dá vida. O contrário é o auto-isolamento, mesmo daquele que se encontra no meio da massa anónima.

A construção da identidade na adolescência

CRISTINA SÁ CARVALHO (*)

«Todos nós nos preocupamos com o bem das pessoas que amamos, sobretudo das nossas filhos, adolescentes e jovens. Com efeito, sabemos que o futuro do nosso mundo depende deles. Portanto, não podemos deixar de nos interessar pela formação das novas gerações, pela sua capacidade de orientar-se na vida e discernir o bem do mal e pela sua saúde, não só física, mas também moral. Contudo, educar nunca foi fácil, e hoje parece cada vez mais difícil. (...) É por isso que falamos de uma grande “emergência educativa”, confirmada pelos fracassos em que os nossos esforços para formar pessoas fortes, capazes de colaborar com os outros e dar sentido às suas vidas, muitas vezes acabam. (...) Além disso, fala-se de uma “rutura entre gerações”, que certamente existe e pesa, mas é, antes, o efeito e não a causa da falta de transmissão de certezas e valores.

(...) também uma atmosfera difundida, uma mentalidade e uma forma de cultura que fazem duvidar do valor da pessoa, do próprio significado da verdade e do bem, em síntese, da bondade da vida. Então, torna-se difícil transmitir de uma geração a outra algo de válido e de certo, regras de comportamento, objetivos credíveis com base nos quais construir a própria vida».

Bento XVI, Carta aos fiéis de Roma, 21 de janeiro de 2008

(*) Casada e mãe de família. Docente na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa. Diretora do Departamento de Catequese do Secretariado Nacional da Educação Cristã. Membro da Equipa Europeia de Catequese.

1. A educação para a fé: as possibilidades de uma perspectiva integral

«A educação é, afinal, um esforço para ajudar a moldar o crescimento. Ao conceber uma educação para os jovens, seria de uma enorme imprudência ignorar o que se sabe sobre o seu crescimento, das suas restrições e oportunidades. (...) É evidente que cada geração tem que definir de novo a natureza, a direção e os objetivos da educação para assegurar às gerações futuras toda a liberdade e racionalidade que se pode alcançar. (...) É neste sentido que a educação está num processo constante de invenção. (...) A particularidade mais característica dos seres humanos é aprender»¹.

A mudança das raízes tradicionais que nos definiram em relação ao Território em que vivemos, e que foram a nossa Família e a Comunidade a que pertencemos, está a produzir gerações que beneficiam com a mobilidade e troca proporcionada pela globalização, mas que estão a perder não apenas as referências “tradicionais”, mas também os valores sobre os quais a cultura ocidental foi construída e, com ela, uma grande parte do cristianismo como o conhecíamos. Por outro lado, a qualidade da oferta educativa presente nas comunidades paroquiais hoje questiona pais, professores, catequistas, catequetas e diversos níveis de líderes pastorais, talvez porque vamos apreciando que pode não estar adaptada às enormes exigências do mundo de hoje. Angustiante é, também, a crise mais genérica das instituições educativas – não é a família, a escola ou as Igrejas que educam, mas sim a Internet, as redes sociais e todas aquelas agências sociais que têm como única finalidade o comércio e a formação ideológica que está orientada com o crescimento indefinido do mercado – e o mais grave será a perda da capacidade educacional da família.

«A família atravessa uma crise cultural profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais. No caso da família, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata da célula básica da sociedade, o espaço onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros e onde os pais transmitem a fé aos seus filhos.»²

¹ J. S. Bruner, *Para uma Teoria da Educação*, Lisboa, Relógio de Água 1999, 18, 41, 42, 142. (Este excelente conjunto de artigos de um mestre de grande envergadura, originalmente publicados em 1966, merece uma leitura mais linear mas estes apontamentos são, em si mesmos, dignos de nota.)

² Papa Francisco, *Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual* (24 de novembro de 2013), 66.

Mas as alegrias do mercado são destinadas apenas a poucos, e muitos jovens estão preocupados porque acreditam que não têm futuro. É a seriedade do sentimento de exclusão, de ser humilhado ou de perder a imagem: o exílio de não participar das mudanças da globalização ou de corresponder ao modelo da propaganda dominante. P. Babin, entre outros, percebeu-o claramente: «Fomos unindo intimamente linguagem e religião com o surgimento do eu. (...) O despertar espiritual do indivíduo, o surgimento de um sentido pessoal de vocação e de um guia pessoal de interioridade pelo Espírito atingiram demasiado poucas pessoas»³. E embora permaneçam muitas manifestações de fé, fraternidade e solidariedade sábia e generosa, formas de amor muitas vezes modestas e silenciosas que florescem na cultura de hoje, sem enfrentá-la, mas sem ser contaminadas pelos seus mundanismos egoístas e princípios funcionais voláteis, a verdade é que muitos praticantes não são capazes de dar razões plausíveis para a sua fé e muitos cidadãos procuram orientar as suas vidas por uma moral que não tem qualquer ligação com a transcendência. Na Europa, a nova normalidade tem muito a ver com a não-religiosidade e a ausência de referências religiosas:

«Em muitos lugares, trata-se de uma generalizada indiferença relativista, relacionada com a desilusão e a crise das ideologias que se verificou como reação a tudo o que pareça totalitário. Isto não prejudica só a Igreja, mas a vida social em geral. Reconhecemos que, numa cultura onde cada um pretende ser portador duma verdade subjetiva própria, torna-se difícil que os cidadãos queiram inserir-se num projeto comum que vai além dos benefícios e desejos pessoais.»⁴

Meddi lembra, com as circunstâncias dramáticas que já se tornaram anedóticas, como a Confirmação foi gradualmente transformada no «sacramento do adeus»:

«a comunidade cristã teve a grande limitação de não perceber o quanto ainda estava para vir e vem. Continua-se a pensar que o seu produto está protegido por uma marca de fábrica, por uma garantia comercial, por um monopólio cultural, pelo que crê que pode continuar a propô-lo como se fosse somente ela a interessar-se pelas novas gerações. (...)

³ P. Babin; A. A. Zukowski, *El Evangelio en el ciberespacio*, Madrid, PPC Editorial, 2005, 48-49.

⁴ Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 61.

Vindo de uma situação de monopólio e permanecendo a ideia de que a Iniciação Cristã se faz só com o objetivo da salvação individual, os agentes pastorais não se dão conta de que o seu produto não pode sobreviver no mercado da infância se continuar separado de tudo o mais que compõe a vida pessoal, o desenvolvimento e a vida social das crianças».⁵

De facto, a tradição pastoral olha para a infância e, mais tarde, para a adolescência, como etapas de uma formação doutrinal, moralizadora e conclusiva, mas a vida continuará por muitas mais décadas, impelida por um grande número de crises de desenvolvimento pessoal, as mudanças, mais ou menos convencionais, mas sempre críticas, como experiências profundas de reestruturação da identidade e oportunidades de aprofundamento cognitivo, emocional, social, cultural e de conversão religiosa mais ou menos permanente. Da mesma forma, temos de olhar para os crentes adultos, que ainda vêm da tradição, mas que vivem uma identidade cristã frouxa e desestruturada, evidenciando uma separação clara entre a crença racionalmente assumida e, mais tarde, uma prática diária que não está ancorada, nem remete para os princípios evangélicos defendidos em abstrato.

A possibilidade de continuar a formar pessoas sem realmente as iniciar no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo é um risco de grande importância para a Igreja e uma enorme perda para as sociedades, que são privadas de uma influência reformadora das próximas gerações, que é, ao mesmo tempo, crítica e amorosa. Embora o Reino já esteja aqui, a possibilidade de ampliá-lo e aprofundá-lo de acordo com a intensidade dos dramas pós-modernistas é dolorosamente tensa, como podemos reconhecer nas ameaças à democracia, os populismos políticos manipuladores, as flagrantes desigualdades económicas, os fundamentalismos religiosos, a fragilidade do cuidado oferecido aos mais fracos, pela violência doméstica e social, a corrupção e um longo «etc» a que podemos assistir todos os dias nos telejornais... questionando-nos sobre durante quanto tempo mais teremos jornalistas para nos dizer a verdade.

Finalmente, não poderíamos continuar uma reflexão sincera sobre a evangelização dos jovens sem perceber que, como disse o Papa Paulo VI,

⁵ L. Meddi; A. M.D'Angelo, *I nostri ragazzi e la fede. L'iniziazione cristiana in prospettiva educativa*. Assisi: Cittadella Editrice, 2010, 13.

«a sociedade tecnológica quis multiplicar as ocasiões de prazer, mas verifica muitas dificuldades em encontrar a alegria»⁶. Paul Tillich também advertiu que, depois da queda do absolutismo, do desenvolvimento do liberalismo e da democracia e do surgimento de uma civilização tecnológica, que procurava vencer todos os inimigos, e da sua própria desintegração, construíram-se os princípios de um novo período histórico de grande ansiedade: «Neste, a ansiedade do vazio e da falta de sentido é dominante. Estamos perante a ameaça do não-ser espiritual».⁷

Hoje os jovens decidem-se numerosamente por esse grito de alerta que é o suicídio, a escolha pelas drogas, a violência e o sexo, como respostas aos seus anseios de felicidade, o que diz algo de muito grave aos adultos. Meddi descreve que o desconforto dos nossos jovens não é diferente do dos seus pais porque é um incómodo existencial, consequência de um vazio cultural que se produziu no seu interior: eles hospedam o niilismo que dá a volta à existência e anula o futuro; cresce a inquietude, a depressão e a pessoa vive apenas o presente porque não tem a perspectiva de um futuro. Privados de verdadeiros percursos de iniciação, tratam de procurar a lógica iniciática em experiências de tentação. A resposta da educação cristã não se adequa porque considera simplesmente que os jovens não têm um sentido para a vida. Oferecer uma evangelização como proposta de uma chave cultural diferente não é útil. Há que oferecer uma proposta que desperte os jovens para as suas capacidades e as suas virtudes, que os apaixone por si mesmos e os leve a desejar a arte de viver: voltar a torná-los apaixonados⁸.

⁶ Papa Paulo VI, Exhortación Apostólica *Gaudete in Domino* (9 de mayo de 1975), 8.

⁷ P. Tillich, *The courage to be*, New Haven, Yale University Press, 2000, 61-62. (Texto originalmente publicado en 1952).

⁸ L. Meddi & A. M. D'Angelo, 104-105.

2. O desenvolvimento religioso na adolescência: apaixonar os jovens

2.1. As mudanças culturais de uma geração

«A rutura entre o Evangelho e a cultura é, sem dúvida, o drama da nossa época.»

Papa Paulo VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*
(8 de dezembro de 1975), 20.

Os Millennials, ou Geração Mosaico,⁹ podemos defini-los como cidadãos com *estilos de vida ecléticos*: muito multifacetados e acumulando muitas atividades stressantes. Exibem *estilos de pensamento não lineares*, sem lógica ou racionalidade, e adotam contradições, processando a imensa informação disponível de forma flexível e adaptável. As suas relações fluem: as amizades dos adolescentes estão em constante movimento; os seus heróis e modelos mudam regularmente; a sua rede de amigos é extraordinariamente diversificada de forma étnica; e muitos experimentam uma vida familiar ascendente e descendente. A sua moral é pragmática (isto é, «onde está o mal?»), feita de um *corte e colagem de valores*: a maioria adota uma *espiritualidade personalizada*, baseada no hábito de usar muitas fontes para decidir dilemas éticos e determinar o significado espiritual das coisas e experiências.

As suas *atitudes pautam-se por uma mente aberta*: não são particularmente dogmáticas sobre os seus pontos de vista e dão aos outros espaços para traçar os seus próprios caminhos – o mesmo espaço que eles querem para si mesmos. Eles alimentam as suas *expectativas com a tecnologia* (Internet e dispositivos móveis, como telefones), dispositivos esses que usam as informações oferecidas pelos adolescentes para se modular e que são uma grande parte da sua conectividade¹⁰. A Internet, em particular, representa *uma*

⁹ «Geração mosaico» é um termo introduzido por George Barna, e define o perfil demográfico dos nascidos entre 1984 e 2002. Segundo Barna, esta geração é «muito mosaico em todos os aspetos da sua vida» e «não há nenhum atributo que realmente domine como poderíamos ter visto com as gerações anteriores». Barna é um expert em estudos de mercado que se dedicou à identificação dos perfis religiosos e culturais e à relação da cultura com a religião; nascido nos Estados Unidos da América foi educado no catolicismo mas hoje define-se como um evangélico, em cuja esfera é muito influente.

¹⁰ De facto, as empresas de hardware e de software usam os dados privados fornecidos graciosamente pelos seus clientes para fazer crescer o negócio antecipando/criando as suas «necessidades» e desejos.

colagem que recebe informação constante e mudanças amplas, que alimentam muitas das expectativas não lineares dos adolescentes e os fazem pensar, sentir e ser como um mosaico.

Conhecendo mais de perto os rapazes e as raparigas do nosso tempo, é compreensível, por muitas razões, que

«a preocupação subjacente dos bispos (europeus) é a perceção de uma secularização acelerada e sem precedentes: a família, a escola e a comunidade aparecem cada vez mais incapazes de fornecer um contexto no qual a fé possa ser aprendida e vivida; **a religião é privatizada e marginalizada da sociedade**; a religião já não é considerada um aspeto natural da vida humana, mas sim **uma opinião pessoal bastante excêntrica**. No fundo, tudo isso significa que quando as pessoas chegam a uma síntese pessoal de valores, em algum momento das suas vidas, é menos provável que tomem como referência central para os seus ideais a crença num Deus transcendente, Jesus Cristo e o Evangelho, ou outros símbolos tradicionais que motivam a comunidade cristã»¹¹.

O problema do abandono das Igrejas, dizem-nos os sociólogos, nunca foi tão dramático quanto o é hoje. Menos pessoas do que antes voltam à Igreja Católica e esses poucos que voltam fazem-no em idades mais avançadas. E, como explica David Kinnaman, do Barna Group¹², *a atividade religiosa dos mosaicos pode ser enganosa*: há um hiato entre o que é visível e o que realmente acontece. Eles são religiosamente ativos *porque amam estas novas experiências e prosperam nos relacionamentos*, dois subprodutos naturais dos esforços das Igrejas. Como resultado, muitos líderes interpretam mal os eventos da juventude com uma alta participação como sinónimos de um ministério com os jovens que lhes muda a vida¹³. Contudo, *o objetivo do ministério para os Mosaicos* – como com qualquer geração – deve ser o de transformar a vida através do desenvolvimento intencional de

¹¹ W. Bauch, *The Parish in the Next Millennium*, Twenty-Third Publications 1997.

¹² D. Kinnaman, *The Mosaic Generation. The Mystifying New World of Youth Culture*, enrichment journal.ag.org/200604/200604_028_mosaic gen.cfm, consulta de maio 2018.

¹³ Por exemplo, convinha retomar a lúcida análise de Werner Simon a propósito das Jornadas Mundiais da Juventude, sobretudo a partir do grande êxito de Colónia, e partilhado na Equipa Europeia de Catequese (Congresso de Graz, 2006): «Les journées mondiales de la jeunesse. Des lieux où est présente une religiosité de jeunes», *Revue Lumen Vitae*, Vol. LXII, nº 3 – 2007, 295-304.)

uma fé forte, duradoura e crescente. Mas se os líderes eclesiais querem admiti-lo ou não, o discipulado do adolescente não está a funcionar bem na maioria das Igrejas, apesar dos muitos adolescentes que participam.

No entanto, todas estas mudanças culturais, geracionais e religiosas, têm a vantagem de nos fazer questionar sobre os nossos planos pastorais a partir de novos pontos de vista. No sul da Europa ainda há muitas crianças e adolescentes cujas famílias procuram uma formação religiosa e uma iniciação cristã, ainda que apenas do ponto de vista tradicional, do «consumo» de um itinerário para receber os sacramentos.

Mas muitos dos que chegam às nossas comunidades querem crescer e ser felizes e, de alguma forma, realizar-se como pessoas. Uma grande percentagem, se confiarmos nas estatísticas, abandonará em breve a prática cristã regular, mas a sua vida será muito longa, repleta de oportunidades para se afastar e se aproximar da comunidade de fé. O que pretendemos oferecer-lhes enquanto estão connosco? De que traço diferente de personalidade os impregnará a convivência com o seu pároco, o seu catequista e com o seu grupo? Que transformação se operará no seu coração e na sua mente com a prática sacramental que lhes oferecemos? E se eles continuarem o seu caminho na Igreja, será esse um caminho de coerência, verdade e amor pelo seu amigo e seu inimigo, o conhecido e o desconhecido? «De acordo com Jesus, o pior mal para o ser humano é a perda do princípio interno que pertence ao seu próprio alento e, ao mesmo tempo, está ligado ao Pai. A perda do próprio eu é o maior perigo da nossa cultura. (...) Quando as pessoas são abandonadas pelos outros, sentem como se Deus as abandonasse também»¹⁴.

Nunca haverá uma única resposta para um problema tão complexo, mas talvez a nossa educação religiosa dos mais jovens possa evoluir no sentido de reforçar e providenciar a construção da sua identidade pessoal e, através dela, alcançar a saúde mental do indivíduo, o seu potencial para a liberdade, para a felicidade e a escolha da vida boa. E, embora, definitiva ou momentaneamente, muitos dos nossos jovens de hoje não desejam ou não sentem que podem continuar ligados à Igreja, isso significaria um aumento do potencial de coesão das sociedades e um aumento da capacidade de diálogo

¹⁴ P. Babin, A. A. Zukowski, *El Evangelio en el ciberespacio*, 51-55. Babin faz uma reflexão sobre a morte da alma que é uma exegese de Mt 10, 28.

e respeito pela diferença, pois só os indivíduos com uma identidade bem construída podem agir com liberdade, respeito e reflexão.

Mucchielli define *identidade* como o *conjunto de significados* que os atores sociais sobrepõem a uma realidade física e subjetiva, mais ou menos fluída, as suas vivências, construídos em conjunto com outros atores. É uma realidade psicológica plural, em permanente transformação e baseada em contextos de referência: biológico, temporal, material, económico, relacional, normativo, cultural, político,... Esses contextos formam significados na evolução e na interação. A identidade resulta de auto processos (genéticos, biológicos, afetivos, cognitivos,...) e de processos (relacionais, comunicacionais, históricos, culturais) formando um sistema de causalidades circulares bio/psico/comunicacional/ /cultural. *A identidade é, fundamentalmente, um fenómeno de significado*¹⁵. A sua construção é tarefa central da adolescência.

2.2. A psicologia da construção da identidade e do religioso

«Não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar tateando, não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra, não é a mesma coisa poder contemplá-Lo, adorá-Lo, descansar n'Ele ou não o poder fazer. Não é a mesma coisa procurar construir o mundo com o seu Evangelho em vez de o fazer unicamente com a própria razão. Sabemos bem que a vida com Jesus se torna muito mais plena e, com Ele, é mais fácil encontrar o sentido para cada coisa. É por isso que evangelizamos.»

Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 266.

Em primeiro lugar, a identidade cristã não é um conjunto de valores, ritos ou mesmo culturas, mas constitui o facto de a pessoa se tornar semelhante a Cristo, seguindo-o e imitando-o. Essa imitação é, assim, a força motriz da história, que deve sempre ser interpretada de acordo com os sinais dos tempos: «a habitual identidade cristã» não existe. A identidade está ancorada na história, é atualizada de um ponto de vista individual e coletivo.

Os desafios modernos para a formação da identidade no século XXI são, como vimos, a cultura global emergente e os inúmeros desafios aos

¹⁵ A. Mucchielli, *L'Identité*, Paris, PUF, 2016, 10-29.

padrões tradicionais de formação da identidade. O desafio de encontrar um «eu» é enorme, moroso e problemático porque os recursos da identidade são dominados pelos anúncios e pelas várias disfunções promovidas pelos *influencers* inventados pelo neoliberalismo. Ao mesmo tempo, os rápidos avanços da tecnologia tornaram mais pessoas conscientes de uma multiplicidade de valores culturais, crenças e estilos de vida. A globalização e a interação multicultural em escala planetária causam problemas de identidade, porque a mente humana em evolução e as suas necessidades psicossociais não fizeram uma transição tão rápida quanto a nossa grande cultura global impulsionada pela tecnologia.

A mente humana e as instituições religiosas das nossas sociedades lutam com a diversidade de crenças, valores e significados. Pela primeira vez, as principais classes conhecem e convivem com anúncios religiosos conflictivos, fontes claramente distintas de significado e pedidos amplamente variantes sobre normas éticas. Neste emergente mundo globalizado, a união de culturas abriu o caminho à tarefa cada vez mais enigmática de definir a própria identidade. O processo relativamente confortável de formação da identidade tornou-se um emaranhado de desafios e «Quem sou eu?» tornou-se uma pesquisa hercúlea perante um mar revolto de possibilidades: «No meio desta confusão está o recurso de identidade que é a religião. As pessoas reagem de várias maneiras criativas, adaptando-se, evitando atacar a sua própria identidade religiosa e/ou a identidade religiosa dos outros. A ênfase original de Erik Erikson na formação do ego da identidade destacou a importância que tem cada indivíduo poder dar significado ao seu próprio ser. Ele localizou esta tarefa na adolescência, como parte de um quadro psicossocial em que o ambiente sociocultural (ethos) é integrado com o desenvolvimento biológico do ser humano (soma) e os processos psicológicos da mente cognitiva (psique)»¹⁶.

No presente texto procuraremos apoio no trabalho de Erik Homburger Erickson (1902-1996, Dinamarca-Estados Unidos da América), para refletir sobre a importância de favorecer na catequese dos jovens a assunção de «uma» identidade religiosa, mesmo que não seja a sua escolha pessoal a adoção de

¹⁶ D. M. Bell *Religious Identity: Conceptualization and measurement of the religious self*, 2009, 2. A dissertation submitted to the Faculty of the Graduate School of Emory University in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in Religion.

um credo. De alguma forma teremos presente a observação sensível de Eugen Drewermann: «Gostaria de fazer exatamente... o que o próprio Jesus confiou aos seus discípulos para ser feito... Ele apenas lhes disse para colocassem as mãos sobre as pessoas, que curassem os doentes e que expulsassem os maus espíritos. Hoje diríamos que significa libertar as pessoas das suas neuroses e psicoses. Somente quando tudo isso tiver sido feito, os evangelizadores serão capazes de dizer às pessoas quão próximas estão de Deus. Sempre há quem nos procura porque se sente perdida e sobrecarregada de angústia. Se nós, como sacerdotes, ministros e teólogos, só lhes podemos dizer «Jesus ama-te» ou «Jesus era o Filho de Deus», estamos a enviá-los de volta ao lugar de onde Jesus os queria tirar»¹⁷.

O legado de Erickson a propósito da identidade na adolescência é sólido. Ele definia a *identidade* como o conjunto dos *sentimentos* subjetivos da unidade pessoal, de continuidade temporal, de desenvolvimento da participação afetiva, de diferenciação, de confiança ontológica, de autonomia, de autocontrolo do indivíduo, além dos processos de avaliação de si mesmo e dos processos de integração de valores e de identificação. A *identidade* resulta de uma interação entre os sentimentos e as impressões vividas com os processos subjetivos de avaliação social (desejabilidade social), acompanhada por um processo de *crise* da apropriação da continuidade temporal, da permanência de critérios e de um trabalho cognitivo e afetivo que ampliam e conduzem à perspetiva pessoal de valor, diferenciação e autonomia. Neste sentido, a *identidade* faculta ao indivíduo uma experiência de continuidade temporal através da permanência dos critérios de apropriação da realidade, essenciais para a definição de si mesmo. Também favorece o sentimento do valor pessoal, a sensação de ser uno e distinto dos demais e a autonomia psicológica¹⁸.

A *identidade* também está na raiz dos sentimentos de pertença, que influenciam poderosamente a filiação com um grupo e a assimilação de pensamentos, condutas e valores sociais. Além disso, uma identidade madura e saudável favorece o sentido de força ou potência pessoal (autocontrolo) na relação sistemática com os outros sentimentos: para estar e agir bem o indivíduo

¹⁷ E. Drewermann, *La Parole qui guerit*, Paris, Éditions Le Cerf, 1991, 16; cit. Babin, Zukowski, *El Evangelio en el ciberespacio*, 57-58.

¹⁸ E. Erikson, «Ego development and historical change», *Psychoanalytic Study of the Child*, 2, 1946, 359-396.

deve ter um objetivo definido, um futuro de esperança e uma temática de projeto, que lhe ofereçam a intencionalidade geral que suporta os esforços na vida. Esta intencionalidade – que Tillich formulou como as perguntas mais cruciais «O que fiz comigo mesmo? Terei cumprido o meu destino? Posso atualizar o meu potencial?»¹⁹– compreende os valores e as potencialidades da sua realização. Neste sentido, a identidade surge como uma ideologia – o conjunto dinâmico das representações comuns – que ilumina o caminho e constitui o contexto de realização da pessoa.

A formação da identidade baseia-se na modelagem, na impregnação e na formação das mentalidades e por processos de educação, socialização e inculturação que constroem o núcleo identitário dos indivíduos, a base do sistema afetivo, cognitivo e comportamental, sob o impacto da educação e das experiências de vida. Resulta fundamentalmente das experiências das primeiras etapas, influenciada pelo meio ambiente familiar e a sua personalidade cultural (as normas, os valores, as representações e os hábitos partilhados).

A identidade é, na realidade, uma *identidade situada* porque está inscrita na experiência de existir: o indivíduo atua tendo em conta o que se passou na sua vida anteriormente, numa perspetiva, mais ou menos alargada, da sua ação, em relação com outros atores sociais, presentes ou ausentes da situação, com os quais se estrutura uma relação pré-existente ou emergente. Mas o indivíduo também está em relação com os elementos pertinentes do seu contexto de ação, e são esses elementos os que facultam as possibilidades de ação, além de participar na inscrição do seu pensamento em ato, através de um sistema de índices físicos, culturais e outros, formando o pensamento e desenvolvendo uma estratégia de ação.

Se definirmos *religiosidade* como o termo abrangente usado para referir os numerosos aspetos da atividade religiosa, da devoção e da crença numa doutrina religiosa, poderíamos dizer que a *identidade religiosa* é o conjunto dos critérios de definição de um indivíduo e um sentimento interno, adicionado, de unidade, coerência, pertença, valor, autonomia e confiança organizados em torno da vontade de existir, e compreende o vivido, as representações e as condutas de raiz e natureza religiosa. Como construção psicológica, a *identidade religiosa* define-se como a forma que a pessoa

¹⁹ P. Tillich, *The courage to be*, New Haven, Yale University Press, 2000, 52.

tem de se relacionar com um ser transcendente ou força e/ou com um grupo que partilha uma experiência religiosa.

A *identidade religiosa* define-se também como *cultura ou conceção do mundo, cosmovisão,...* como conjunto de factos adquiridos comum a todos os membros de um mesmo grupo em torno de uma experiência/crença religiosa, e todas as expressões e realizações provenientes do seu sistema de adquiridos mentais: crenças, normas, valores, representações comuns/coletivas, modelos e códigos de referência, hábitos, conjunto dos objetos de uso quotidiano e expressões artísticas.

Não nos esqueçamos que a *identidade cristã* não é um conjunto de valores, ritos ou até culturas, mas sim o facto de nos tornarmos como Cristo, segui-lo e imitá-lo, uma imitação que temos de interpretar sempre segundo os sinais dos tempos, pois toda a identidade se vai ancorar na história, atualiza-se, a partir de um ponto de vista individual e coletivo. Mas a identidade cristã é vivida pelos indivíduos como uma *identidade religiosa* e, tal como outras formas de identidade complexas, favorece a construção de sistemas de percepção e interpretação do mundo porque dos ensinamentos e do exemplo de Cristo surge um quadro de normas, modelos e códigos culturais de avaliação, que funcionam como um sistema de ação e de adaptação ao meio ambiente e que é, por sua vez, um sistema de estruturação interna, e de segurança, que reduz a tensão que sempre resulta da relação entre o indivíduo e o meio ambiente: a pessoa é estimulada para olhar o mundo com os olhos de um seguidor de Cristo. O que adquirem em comum aos membros de um grupo – e de um grupo religioso – serve de referência permanente e inconsciente (automática) para a avaliação de realidade e objetos, intervindo na orientação das condutas. Os elementos centrais da visão partilhada do mundo são os referentes essenciais da identidade.

Erikson verificou que as experiências sócio-afetivas da existência marcam o indivíduo desde muito cedo, deixando rastros no psiquismo que influenciam a percepção do mundo e a própria conduta. Esses rastros ou traços formam as regras da vida e os postulados existenciais que orientarão a vida adulta. Tudo se inicia na infância, quando a criança recebe a definição de si pelo outro (o sistema familiar). Inicialmente a identidade da criança está prescrita, proposta pela família, que lhe concede um papel e um jogo de uma «personalidade» (quase sempre resultado de um misto de expectativas e de fantasias sobre a criança que vai nascer) para aceitá-lo no seu seio. A criança

não tem, verdadeiramente, um «voto», deve remeter-se para os preceitos e às percepções da família, de acordo com o que esta espera e os seus jogos relacionais. Assumir esse papel é a condição para poder conquistar o seu lugar no grupo.

A ênfase original de Erikson na formação do ego (e da identidade) acentuou a importância de que cada indivíduo possa dar sentido ao seu próprio ser. A contribuição original de Erikson destaca-se porque o autor considerou – como veremos – que *a religião e a experiência religiosa são cruciais para o desenvolvimento de uma identidade plena e madura.*

Erikson explicou o desenvolvimento psicossocial como o processo de resolução sequencial de um conjunto de «crises», tarefas evolutivas específicas de cada idade. Dessa resolução emerge uma nova possibilidade de crescimento e de integração, em caso contrário, surge uma possibilidade de patologia e de desintegração. A sua noção de crise aponta para uma polaridade básica, que se situa num pólo negativo (distónico) e um polo positivo (sintónico), tendências que se mantêm numa relação de complementaridade dinâmica. Da resolução com sucesso dos desafios de cada etapa, emerge uma *Virtude do Ego*. O desenvolvimento ocorre a partir da experiência psicossocial com um elemento básico da sociedade (uma pessoa ou pessoas).

2.2.1. Bebé: A mutualidade do reconhecimento – Confiança – Fé/Desconfiança, Esperança

Estimulado por uma ação cuidadora da **mãe** (fonte de providência), pelo repetido prazer dos cuidados diários e do ritual amoroso e sensitivo destes, a criança desenvolve um sentido de que o mundo que o rodeia é benigno, previsível e um lugar digno de confiança para habitar. Nesta experiência precoce de «regulação mútua» (mutualização)²⁰ e reconhecimento, a criança percebe e desenvolve também a confiança em si mesmo, um sentido rudimentar de identidade e de ser um indivíduo. «A *esperança* é uma crença duradoura na possibilidade de realizar desejos fervorosos, apesar dos impulsos mais obscuros e fúrias que marcam o início da existência»²¹. É proporcionada

²⁰ E. Erikson, *Childhood and Society*, London, Vintage, 1950, 60; 65-66.

²¹ E. Erikson, *Childhood and Society*, 1950, 70.

pela fé dos pais de que o que fazem – viver, criar, educar – tem sentido, o que que transmite um sentimento de esperança à criança, a confiança que será transformada numa fé madura, uma confiança que não exige nem evidência nem razão para acreditar que o universo é confiável. Esta confiança é uma condição necessária para o desenvolvimento da fé madura.

Uma experiência de mutualização bem conseguida com a mãe permite o desenvolvimento das bases do *compromisso*: se aprendemos que o ambiente é confiável e que podemos interagir com ele, valerá a pena envolvermo-nos, aspirar a deixar uma marca no mundo, e isso será gratificante mesmo que custe trabalho, frustrações e sacrifícios.

A religião, conectada com o lado existencial do desenvolvimento, tem lugar em todo o desenvolvimento da personalidade. A experiência do recém-nascido com a sua mãe é fundamental para a formação da confiança básica, necessária ao desenvolvimento saudável. E as instituições religiosas oferecem aos pais uma salvaguarda institucional, «elas desempenham um fator importante na roda dentada das gerações, na busca da fé que os adultos precisam para evocar e apoiar um forte senso de confiança nos seus filhos»²².

Erikson assinala que a religião universalizou a herança pessoal da confiança e da gestão da desconfiança, criando uma fé e percepções do mal comuns, fundamentalmente ligadas a esse primeiro estágio. Nas instituições religiosas, o homem encontrou essa «salvaguarda institucional» da humanidade, porque as religiões não apoiam apenas o bem-estar individual (felicidade), mas também a garantia de bem-estar comum (a Regra de Ouro). E a religião também desempenha um papel importante na continuidade das gerações porque, como se viu, ajuda os adultos a persistir nos seus esforços educativos (e transmissores de cultura)²³, mostrando que os seus esforços educacionais e os sacrifícios que vêm com a criação dos filhos serão recompensados e terão um significado mais profundo e mais completo (participar na criação, caminhar para a eternidade): todo o esforço merece «as dores»²⁴.

²² H. Zock, *A Psychology of Ultimate Concern. Erik H. Erikson's contribution to the psychology of religion*, Amsterdam-New York, Rodopi, 2004, 83.

²³ H. Zock, *A Psychology of Ultimate Concern*, 83.

²⁴ E. Erikson, *Childhood and Society*, 225.

Mas, não menos importante é entender que em tudo há uma iniciação evolutiva ineludível: Erikson foi muito cauteloso ao apontar que, embora a crise de identidade ocorra na adolescência, a formação da identidade é muito mais precoce e continuará a ocorrer para além das fronteiras da «idade do armário». O processo de construção da identidade começa a formar-se quando a criança troca os seus primeiros sorrisos conscientes com a mãe; é o primeiro passo para o pequeno ser perceber que é uma entidade separada dos outros mas que pode, pelos seus próprios esforços, voltar para junto deles. De facto: «*Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um evento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva.*»²⁵

2.2.2. Primeira Infância: O desejo de ser «eu mesmo» – Autonomia/ Culpa e Dúvida, Vontade (autocontrolo)

A educação da higiene desempenha um importante papel desenvolvimental na primeira infância. A regulação mútua entre o cuidador e a criança é severamente posta à prova. Nos esforços, muitas vezes violentamente contraditórios para obter autocontrolo, a criança – ainda altamente dependente – pode lutar pela autonomia, sem medo de comprometer a confiança básica adquirida nos primeiros meses de vida enquanto interage com a sua mãe. No entanto, se a criança não estiver protegida contra a perda repetida de autocontrolo (algumas regras benignas que o educam na rotina e no primeiro respeito em relação aos outros) ou se estiver sujeita a esforços excessivos dos pais para restringi-la, o resultado pode ser um sentimento duradouro de culpa («eu sou mau») e dúvida («eu não sei como fazer os meus pais felizes»)²⁶.

O pai agora desempenha um papel dominante ao estimular a criança a tornar-se autónoma e a tomar a iniciativa, mas também em oferecer diretrizes e regras para a vida. Com o pai, que é um modelo direto para o menino e uma fonte de ternura e intimidade mais segura para a menina, as crianças aprendem a vontade como uma determinação inabalável de exercer uma escolha livre e autorrestringir: ela fornece uma base para a aceitação, mesmo para a escolha, do inevitável (aprender a integrar a frustração).

²⁵ Papa Bento XVI Carta Encíclica *Deus caritas est* (25 de dezembro de 2005), 1.

²⁶ E. Erikson, *Childhood and Society*, 71-74.

A confiança da criança no valor duradouro da autonomia será sustentada pelo «sentimento de dignidade e independência legítimas» dos adultos educadores (nurturing) capazes de salvar a criança da compulsão escravizante e da impulsividade servil. O pai é fundamental porque não tem uma relação simbiótica com a criança e promove a independência com mais facilidade: «O homem contemporâneo ouve com melhor boa vontade as testemunhas do que os professores, ou se ouvem os professores, é porque eles são testemunhas (...). E se virmos bem as coisas, haveria uma maneira melhor de transmitir o Evangelho, além daquilo em que consiste em se comunicar com a própria experiência de fé do outro?»²⁷

A limitação mútua de «vontades» permite a troca da «boa vontade», na qual a Regra de Ouro está enraizada. A religião é uma força de ação e uma razão para existir e uma decisão independente que confronta o conflito entre a própria vontade e a dos outros (descentração). A sua experiência saudável está enraizada na consciência da culpa («Eu sei quando magoo alguém»). A partir da sua boa integração, emerge a capacidade de lidar com as dúvidas e de viver o mistério, e a disposição de se comprometer com um caminho difícil e exigente.

2.2.3. A idade do jogo: A antecipação dos papéis – Iniciativa/Culpa, Propósito.

As novas capacidades da criança – movimento, compreensão, linguagem – e as suas limitações, assim como as possibilidades de imaginação fértil e terrível, convertem-se em meios para uma atividade agressiva e uma descoberta exuberante da realidade: a iniciativa (dar sentido, fazer algo, sentir alegria na competição, insistir num objetivo, o prazer de conquistar algo)²⁸.

A culpa pelos desejos proibidos (a ambivalência de sentimentos em relação aos seus pais, a curiosidade exploratória) e a rivalidade invejosa entre irmãos podem ser expressas fora de controlo (as birras e os choros desconsolados), mas a culpa secreta também pode servir para redirecionar a curiosidade e a energia para longe da **família** e para o mundo dos factos, ideais

²⁷ Papa Paulo VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, 41,46.

²⁸ E. Erikson, *Childhood and Society*, 79.

e objetivos práticos. A família transmite, pelo exemplo, os limites da fantasia e do brincar, os desejos de uma realidade imutável, os ideais de uma ação com propósito.

O propósito surge no contexto da «realidade intermediária» do jogo²⁹. É a coragem de enfrentar e procurar objetivos valorizados, desinibido-se da derrota das fantasias da infância, da culpa e do medo frustrante da punição. A criança trabalha gradualmente através dos seus fracassos, apropria-se de um futuro de metas de realização (objetivos) e também de construção da consciência moral (regras). Tal leva, na vida adulta, a um verdadeiro senso de

²⁹ Para autores como Winnicott (D. W. Winnicott, *Playing and Reality*, London, Penguin, 1971), o **jogo** tem uma função de transicionalidade entre a realidade intra-psíquica e a realidade externa e socialmente partilhada. Trata-se do encontro entre o mundo psíquico e o mundo socialmente construído, e tem a ver com a crescente capacidade do bebé de perceber e aceitar a realidade socialmente construída. É uma transição que começa com a ilusão do bebé, que é percebida como poderosa e criadora da circunscrição do mundo, e vai avançar com a decepção para com a sua própria onipotência. Atinge uma certa aceitação da realidade construída de forma social. Na vida adulta, esta área intermédia é expressa nas artes, religião e cultura, em geral. O jogo ocupa o espaço que não está dentro nem fora da subjetividade, está na fronteira. Esse espaço lúdico, que Winnicott denominou espaço potencial, é um espaço psicológico que se forma entre a mãe e o bebé. Numa primeira vez, o bebé e o objeto-mãe estão fundidos. A visão do bebé sobre o objeto é subjetiva. *A mãe suficientemente boa* – e a mãe que possibilita ao bebé a ilusão de que o mundo é criado por ele, concedendo-lhe, assim, a experiência da onipotência primária, base da criatividade e núcleo singular de cada indivíduo – orienta-se para especificar o que o bebé está pronto para encontrar na realidade. Winnicott designa-o como criatividade primária, só possível por meio de uma ação apaixonada em direção ao seu bebé, uma ação que só gradualmente se vai desvanecendo. Num segundo tempo, o objeto é repudiado como não-eu, aceite novamente e objetivamente percebido. Neste tempo, a mãe devolve ao bebé o objeto que ele rejeitou. A mãe oscila entre ser o que o bebé tem a capacidade de encontrar e ser ela mesma, esperando ser encontrada. Se a mãe tem um sucesso razoável no exercício destas funções, então o bebé tem a experiência mágica de onipotência, que o prepara para a futura decepção, necessária ao seu pleno desenvolvimento como pessoa. Quando a mãe tem uma relação inicial de sintonia com o bebé, uma atmosfera de confiança é estabelecida e o bebé brinca com a realidade. Trata-se de um jogo muito agradável porque, neste jogo delicado de subjetividade emergente e objetos reais, cada um dos dois tem uma sensação de controlo. Uma etapa mais avançada será a experiência de estar / estar sozinho na presença de alguém. A criança brinca com a confiança de que a pessoa que ele ama está lá, disponível, suportando o jogo. Por vezes, a mãe esquece-se da criança, por si mesma, mas quando o bebé a recorda da sua presença, ela age como alguém que merece confiança e pode ser facilmente acessível: «estou aqui». Assim, a criança estará pronta para a experiência de desfrutar de uma área de sobreposição de duas áreas do jogo: não apenas o bebé que brinca e é observado; a mãe brinca com o bebé também. A princípio, a mãe age de modo a não quebrar o dinamismo do jogo da criança; mais tarde, a mãe pode introduzir plenamente «o jogo dela», ou seja, os seus desejos e necessidades, «vou até ali e volto já». A criança, por sua vez, pode experimentar relacionar-se com ideias que não são suas, mas são oferecidas pela sua mãe.

empreendimento. A imaginação apela ao desenvolvimento religioso (histórias, rituais, leis – a riqueza da personalidade) e à consciência moral.

O objetivo é uma determinação inabalável de **exercer uma escolha livre** e **autorrestringir-se**: proporciona uma base para a *aceitação*, mesmo para a escolha, *do inevitável* (aprender a integrar a frustração e a perda). A confiança da criança no valor duradouro da autonomia será sustentada pelo «sentimento de dignidade e independência legítimas» dos adultos educadores (nurturing) capazes de salvar a criança da compulsão escravizante e da impulsividade escrava. Essa nova capacidade de controlo produz uma nova confiança na criança: através do esforço constante, pode chegar às suas conquistas. A limitação mútua de vontades permite a «boa vontade», esse tipo de aceitação da negociação na qual a Regra de Ouro está enraizada.

A religião é uma força para a ação e uma razão para existir. A fé é uma decisão independente que confronta o conflito entre a própria vontade e a dos outros (descentralização). Esta aprendizagem inicial guia a criança, o adulto, a procurar na fé não um refúgio, mas um relacionamento de amor desafiador – sair de si mesmo – com o Outro – e descobrir: *«Daí que faça falta “uma pedagogia que leve as pessoas, passo a passo, à plena assimilação do mistério”. Para chegar a um ponto de maturidade, isto é, para que as pessoas possam tomar decisões verdadeiramente livres e responsáveis, é necessário dar tempo, com imensa paciência.»*³⁰

2.2.4. A Idade Escolar: A identificação com uma tarefa – Indústria/Inferioridade, Competência

Os **colegas e os vizinhos** são as grandes referências psicossociais. Uma criança em idade escolar descobre na família dos seus amigos que não somos todos iguais e que vivemos em ambientes culturalmente diferentes entre si, com regras e motivações éticas diferentes. A escola é, por sua vez, uma micro-sociedade e nem todas as classes fazem o mesmo trabalho ou desempenham o mesmo papel. Este é o momento para a educação sistemática, seja em sala de aula, em associações, em acampamentos ou outras atividades de aprendizagem em grupo, como a catequese, sob a orientação de adultos talentosos ou crianças mais velhas e conhecedoras: um tempo

³⁰ Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 171.

para ir além do círculo familiar e explorar alegremente as habilidades emergentes – aprender o uso do corpo, da mente e dos objetos materiais – as ferramentas práticas do mundo adulto, o desenvolvimento de um sentido da indústria, um *ethos* de produção: significa ser integrado numa cultura pelo domínio das suas ferramentas e da participação nos seus esforços³¹.

Erikson define «Indústria» como o resultado de uma competição emergente – a capacidade organizada de «fazer coisas» – que é recompensada e que se desenvolverá como uma fonte vital de autoverificação (senso de autogoverno) e força duradoura do ego, que estão enraizadas nas tradições e nas instituições do ecossistema da criança. A participação responsável produz o prazer de alcançar objetivos no uso de ferramentas, a manipulação de jogos significativos e o cuidado de crianças mais jovens (consciência moral)³².

Através da orientação e do exemplo de adultos e dos seus pares, a criança torna-se um participante competente no mundo e na cultura ao redor. Ser capaz de «fazer as coisas» é muito bom, mas ser capaz de fazê-las «em conjunto» é um prazer adicional que alimenta com confiança as nossas habilidades: da vida em grupo e do interesse social mais amplo, a criança abre-se para um sentido religioso que deriva do trabalho com outras pessoas, a comunidade e o grupo – um sentido primordial de salvação que favorece o desejo de fazer a vontade de Deus juntos.

Quando o êxito se perde e os objetivos são indistintos, um sentimento de inadequação ou inferioridade levará à inércia. Evitar a inferioridade favorece o compromisso religioso. A inferioridade marginaliza a criança da experiência social e da possibilidade de operar trocas emocionais e intelectuais num ambiente de igualdade³³. A expressão religiosa é geralmente uma expressão comum ou social, é a experiência rica de viver entre os outros, de participar numa cultura comum. Quando é recompensada, a competição emerge como

³¹ E. Erikson, *Childhood and Society*, London, Vintage, 1950, 84-85.

³² E. Erikson, *Childhood and Society*, 1950, 230-231.

³³ Ouvimos frequentemente o Papa Francisco referir-se aos enormes riscos que correm as pessoas enviadas para as periferias existenciais e materiais e a missão de Jesus compreende muitos encontros nas «periferias» e o resgate das pessoas assim marginalizadas, devolvendo-as ao seu lugar na sociedade e ao sentido de si mesmas como valiosas e dignas.

uma fonte vital de autoverificação (eu fiz isto muito bem!) e uma força duradoura do ego. A dimensão emocional e cognitiva do desafio transmite a convicção de que os desafios e obstáculos não são ameaçadores, não são perigosos, são ocasiões para aprender. Quando o sucesso escapa à criança, as metas educacionais ou os objetivos da tarefa não se distinguem, um sentimento de inadequação ou inferioridade levará à inércia ou à indiferença: não posso, não sou capaz, não sou passível de ser amada. Crer que não se pode ser amado, que não se tem as «qualidades» para tal, ou que a forma habitual de relação com os outros é o castigo, impede a criança de se abrir a Deus, visto como castigador, e favorece a indiferença religiosa precoce.

A continuidade alcançada nos anos anteriores é cognitivamente desafiada pelo crescimento corporal e pela maturação genital: como ligar as qualidades do ego e o know-how (know-how, expertise) aprendido anteriormente? Dá-se a transição para a adolescência.

2.2.5. Adolescência: A construção da Identidade/Confusão, Fidelidade

«Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma. Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, ela tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo que ela deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor. Povo de Deus imerso no mundo, e não raro tentado pelos ídolos, ela precisa de ouvir, incessantemente, proclamar as grandes obras de Deus, que a converteram para o Senhor; precisa sempre ser convocada e reunida de novo por ele. Numa palavra, é o mesmo que dizer que ela tem sempre necessidade de ser evangelizada, se quiser conservar frescor, alento e força para anunciar o Evangelho.»

Papa Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, 15.

a) A mente ideológica do adolescente

No âmbito da psicologia da religião, podemos definir religião e religiosidade como experiências que denotam relações com formas tradicionais de associação com uma força sobrenatural e/ou experiência transcendental e os grupos socioculturais caracterizados por esses fenómenos. A espiritualidade pode ser um tipo de identidade religiosa que caracteriza a maneira como um indivíduo se relaciona com a religião predominante ou tradicional

e o seu próprio senso de transcender o self. Como construção psicológica, a «identidade religiosa» é operacionalmente definida pela maneira como uma pessoa se relaciona com um ser ou força transcendente e/ou um grupo sociocultural caracterizado predominantemente pela sua adesão a um objeto transcendente.

A identidade é definida pelo modo como um indivíduo se entende de maneira única em relação aos outros/ao mundo externo. A identidade envolve a memória autobiográfica de longo prazo, em construção, os aspetos subconscientes do comportamento e do caráter modelados e os processos inconscientes de pensamento e conexões neurológicas modulares. No entanto, a identidade é construída conjuntamente com determinados contextos socioculturais e interpessoais. Nesses contextos comunitários, o domínio específico da identidade religiosa pode ser fundido psicossocialmente com outros domínios de identidade que incluem identidade étnica / cultural, identidade familiar e identidade política³⁴.

A adolescência é o momento crítico para a tarefa de formação da identidade: o consentimento consciente de ser um indivíduo separado e único; o sentimento de «continuidade interior»; a totalidade através das funções da síntese do ego: saber quem eu sou; o sentimento de profunda concordância («solidariedade interior») com a autodefinição e ideais de algum grupo que afirma a identidade da pessoa.

Os compromissos ideológicos da identidade são comuns durante o tempo de «adolescer». Para entrar na idade adulta, o indivíduo aprende a contar histórias de si mesmo – narrativas pessoais – confiáveis e consistentes, embora variem com os diferentes ambientes sociais e sejam orientadas para a obtenção de objetivos específicos de cada contexto. Para muitas pessoas, as histórias de si mesmo serão partilhadas com um parceiro íntimo ou para formar um relacionamento estável ou para educar futuros filhos.

À medida que as crianças crescem, os pais consolidam ainda mais as suas próprias identidades para proporcionar um lar estável para os seus filhos e

³⁴ Cf. D. M. Bell , *Religious Identity: Conceptualization and measurement of the religious self*, A dissertation submitted to the Faculty of the Graduate School of Emory University in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in Religion, 2009, 12.

satisfazer as suas necessidades de generatividade³⁵, compartilhando as suas próprias histórias e coconstruindo novas histórias para a sua prole. Durante esse tempo generativo, os sentimentos podem diminuir (ou nunca chegar a cumprir-se), o que poderia ser o ponto de partida para uma necessidade maior de criar sentido e propósito existencial na identidade da criança. Recordando que um jovem procura novos compromissos fora da família e que esta frequentemente se mostra com um intenso sentido ideológico de identidade, o módulo de seleção de parentesco é transferido do parente real para uma nova «família», que assume o novo grupo ideológico. Daí a importância do grupo de pares na adolescência e sua referência educacional crucial.

A formação de identidade como «configuração evolutiva» significa que o adolescente é impelido (interna e externamente) a adotar um conjunto coerente de papéis satisfatórios, reconhecidos pelos outros, com uma disposição constitucional e necessidades libidinais, defesas bem sucedidas, sublimações valorizados e identificações significativas. Assim, entende-se que a «renovação» da confiança (ser adequadamente assinalado pela Providência), fé básica na existência e problema central da primeira fase, está de volta. Na adolescência, uma ideologia assume esse papel atribuindo confiança³⁶. A confiança é necessária para o desenvolvimento das raízes da identidade, os valores universais de fé, esperança e caridade, que são as virtudes do Ego adulto.

Definimos *a mente do adolescente como ideológica*, porque os princípios e ideias universais podem agora ser interiorizados, e desenvolve-se a perspectiva de uma visão ideal (embora esta só na idade adulta evolua de racionalizações extravagantes para um verdadeiro sentido ético), porque «um sentido de valores universais defendidos com algum *insight* e alguma previsão responsável» se estrutura³⁷.

Erikson esclarece que não se trata de uma **definição de ideologia** como a conotação política dos sistemas de pensamento totalitários que distorcem

³⁵ Generatividade: Erikson descreve a idade adulta como generativa, como tendo a preocupação/ocupação central de estabelecer e guiar a geração dos seus filhos, embora alguns adultos não cheguem a tê-los. Trata-se de gerá-los desde o ponto de vista biológico (gravidez, parto e criança) ao psicológico (educar, orientar).

³⁶ E. Erikson, *Childhood and Society*, 225-226.

³⁷ E. Erikson, *Young Man Luther*, New York, Norton, 1958, 207.

a realidade histórica com falsificações e propaganda³⁸. Parte da definição de K. Mannheim³⁹, para quem ideologia significa uma tendência inconsciente que está subjacente ao pensamento religioso e científico, e (consequentemente) político, e que consiste no mecanismo de, num dado momento, organizar eventos em ideias, e as ideias em factos, a fim de criar uma imagem do mundo suficientemente convincente para apoiar o sentido individual e coletivo de identidade. Longe de ser arbitrariamente ou conscientemente administrado, o *insight* total criado pela simplificação ideológica revela a sua força pela dominação de extratos que possuem a mesma lógica dos eventos históricos e pela sua influência na formação da identidade de indivíduos e das virtudes do Ego.

«É na adolescência que a estruturação ideológica do meio se torna essencial para o ego, porque sem uma simplificação ideológica do universo o ego do adolescente não consegue organizar a experiência de acordo com as suas capacidades específicas e o seu envolvimento em expansão»⁴⁰. A estrutura ideológica de entendimento/relação com a realidade é uma visão de antecipação do futuro, um presente com um futuro antecipado, no qual o adolescente se projeta com alguma segurança emocional. A sociedade, por sua vez, orienta e enquadra as escolhas individuais com o sentido espiritual de confirmar o plano de vida adequado⁴¹, para o qual as funções de sanção e crítica dos adultos são muito importantes⁴².

O não-conformismo dos adolescentes é uma negociação da confirmação fraternal e adquire até mesmo um novo carácter ritualizado, que faz parte do paradoxo de toda formação rebelde de identidade⁴³. A tentação dos jovens é acabar identificando-se com um herói ou com um *gang*. Com o pânico de se definir a si mesmo, o adolescente pode apressar-se no sentido de oferecer uma lealdade ideológica que parece abranger tudo, resolver tudo. Isso é satisfatório a curto prazo, mas eventualmente os jovens sentem uma perda completa de identidade nessas identidades ideológicas parciais e limitadas. Erikson ressalta que isso faz parte do zelo romântico que transforma os adolescentes

³⁸ E. Erikson, *Young Man Luther*, 1958, 121.

³⁹ K. Mannheim, *Utopia and Ideology*, Nueva York, Harcourt Brace, 1946.

⁴⁰ E. Erikson, *Identity, Youth and Crisis*, New York, Norton, 1968, 236.

⁴¹ E. Erikson, *Identity, Youth and Crisis*, 1968, 87-89.

⁴² E. Erikson *Identity, Youth and Crisis*, 1968, 33.

⁴³ E. Erikson, *Identity, Youth and Crisis*, 1968, 22.

quando eles acabam por se identificar com outra pessoa antes de alcançar algum senso de integração da identidade do ego⁴⁴. Mas o orgulho de ganhar uma identidade forte pode significar uma emancipação interna contra uma identidade de grupo mais dominante, tal como uma «maioria compacta».

Embora Erikson nos dê a pista para a compreensão da função e funcionamento da mente ideológica do adolescente, a adolescência e os processos não são claros, sem a contribuição essencial de Piaget.

De facto, Piaget escreveu: «Consideramos como o caráter fundamental da adolescência a inserção do indivíduo na sociedade dos adultos. A puberdade não poderia, portanto, ser o critério para distinguir a adolescência. (...) essa transição social fundamental constitui o fenómeno essencial. Não se trata, portanto, de relacionar o *pensamento formal* com a puberdade, o que não significa que não haja muitos vínculos entre o advento das estruturas formais e as transformações da afetividade; (...) No entanto, a fabricação de um romance ou o uso de vários modelos coletivos não são os produtos diretos das alterações neurofisiológicas da puberdade, nem sequer produtos exclusivos da afetividade: correspondem também a reflexos indiretos e individuais desta *tendência geral dos adolescentes para construir teorias e empregar ideologias ambientais*. Esta tendência geral só pode ser explicada se tivermos em conta dois fatores associados que iremos encontrar constantemente: as transformações do pensamento e a *integração na sociedade adulta*, inserção que supõe uma reorganização total da personalidade, constituindo as transformações intelectuais o aspeto paralelo ou complementar ao seu aspeto afetivo. (...) *o adolescente é o indivíduo que começa por considerar-se igual aos adultos e julgá-los neste plano de igualdade e reciprocidade total* (...) é o indivíduo que ainda está num período de formação, mas começa a pensar no futuro na sua posição atual ou futuro dentro da sociedade, e acompanha as suas atividades atuais com um programa de vida para as suas atividades ulteriores ou «adultas» (...) é o indivíduo que, quando procura introduzir-se e introduzir o seu trabalho atual ou futuro na sociedade dos adultos propõe-se também (e, segundo ele, na prática) à reforma dessa sociedade em qualquer dos seus domínios restritos ou na sua totalidade: na verdade, a inclusão de um

⁴⁴ D. M. Bell, *Religious Identity: Conceptualization and measurement of the religious self*, 44.

indivíduo na sociedade adulta não poderia ocorrer sem conflitos e enquanto a criança procura a solução para esses conflitos nas compensações atuais (lúdicas ou reais), o adolescente acrescenta a essas compensações limitadas mais gerais: *uma vontade ou até um plano de reformas*»⁴⁵.

O autor suíço continua: «O adolescente pode distinguir-se sobretudo da criança pela presença de uma reflexão que vai além do presente (...) está comprometida na direção das considerações inatuais. Por outras palavras, e dando às palavras «teorias» e «sistemas» o significado mais amplo, o adolescente, ao contrário da criança, é o indivíduo que começa a construir sistemas ou teorias. (...) *o adolescente reflete sobre o seu próprio pensamento e constrói teorias*. O facto dessas teorias serem pouco profundas, inábeis e, acima de tudo, geralmente pouco originais, não é importante: do ponto de vista funcional, esses *sistemas* apresentam o significado essencial de *permitir aos adolescentes a sua inserção moral e intelectual na sociedade dos adultos*, sem ainda sequer falar sobre seu programa de vida e seus projetos de reforma. Em particular, são-lhe indispensáveis para *assimilar as ideologias que caracterizam a sociedade ou as classes sociais como corpos organizados em oposição a simples relações interindividuais*. (...) o adolescente constrói os seus ideais para se adaptar ao corpo social (...) constrói as suas teorias, ou adapta-as, reconstruindo-as: mas, junto com a necessidade de participar de ideologias adultas é-lhe indispensável desenvolver uma conceção das coisas que lhe ofereça a possibilidade de afirmar e criar (daí o estreito vínculo entre o sistema edificado e o programa de vida) e que se constitua numa garantia de que triunfará até melhor do que os seus predecessores (daí as reformas necessárias, em que se misturam do modo mais íntimo as preocupações desinteressadas e as ambições características da juventude).»⁴⁶

Na sua análise muito pertinente, Piaget ainda nos lembra que «**a adolescência é a idade metafísica por excelência**», orientando os jovens para teorias políticas ou sociais, tentando explicar mecanismos ou distúrbios sociais, mas também incluindo crises religiosas e reflexões sobre a fé ou contra a fé, tomando o caminho de um postulado geral e universal.

⁴⁵ B. Inhelder, J. Piaget, *De la lógica del niño a la lógica del adolescente*, Barcelona, Paidós, 1985, 282-285. Sublinhado nosso.

⁴⁶ B. Inhelder, J. Piaget, *De la lógica del niño a la lógica del adolescente*, 286, ss.

Ou melhor, os adolescentes são atraídos por teorias científicas ou pseudo-científicas, teorias literárias ou estéticas, colocando as suas experiências intelectuais em valores projetados numa escala. Mas «cada um tem suas próprias ideias (e, em geral, acredita que são suas), ideias que o libertam da infância e permitem que ele se mantenha em pé de igualdade com os adultos»⁴⁷.

b) A identidade e a contribuição do religioso

Jean Piaget concluiu a sua análise do pensamento formal acrescentando que explicar que a adolescência é **a idade de inserção no corpo social adulto** equivale a afirmar que é **a idade da formação da personalidade**: a construção da identidade é o processo de construção da personalidade. E um plano de vida – «quem serei eu amanhã» – é sobretudo uma escala de valores «que colocará certos ideais acima dos outros e subordinará os valores-meios aos fins considerados permanentes», «uma afirmação de autonomia e de autonomia moral»⁴⁸.

Ao longo desse processo de construção da identidade, a religião ocupa um lugar privilegiado. **Porque a mente do adolescente é ideológica**, essa é também a natureza **de sua incipiente síntese sobre a religião**. Como vimos, o primeiro estágio desse processo de apropriação ocorreu durante o primeiro estágio do desenvolvimento sócio-psicológico, porque a confiança básica emerge da mutualização com a mãe, assim como a consciência individual, ou seja, um primeiro sentido rudimentar de identidade, o sentimento de um indivíduo, uma condição para a confiança básica⁴⁹. Mas outras necessidades precisam ser preenchidas pela ideologia, uma vez que o sujeito tem o desejo ou o impulso de guiar sua própria existência. Nessa fase, o pai tem um papel dominante para estimular a criança a ser autónoma e ter iniciativa, oferecer orientação e regras. No entanto, o homem só se torna autónomo às custas da vergonha (por mostrar algo de si que não controla, as «costas») e só ganha independência à custa da culpa (porque os laços afetivos originais não serão mais os mesmos e afastar-se para se emancipar tem um preço). Depois da «paz primária», será necessário ao longo da vida **uma segunda**

⁴⁷ B. Inhelder, J. Piaget, *De la lógica del niño a la lógica del adolescente*, 286.

⁴⁸ B. Inhelder, J. Piaget, *De la lógica del niño a la lógica del adolescente*, 293.

⁴⁹ E. Erikson, *Young Man Luther*, 121.

pacificação, uma grande fonte de afeto e imaginário religioso que tem a sua origem na infância. A ideologia também assume esse segundo papel, de uma nostalgia do pai como guia para uma existência autónoma⁵⁰. No centro da segunda nostalgia está a voz paterna que guia a consciência... para assegurar a salvação: ainda não é um desejo de salvação eterna, mas o desejo de se ser salvo, mais uma vez, dos seus impulsos mais sombrios, agressivo e sexual, além disso. Mas, agora, para se ser salvo da eventual impossibilidade de ser ou não ser o que se quer ser, um ser que ame e seja amado, que sonhe e especifique seus projetos, que goze de um lugar social. Esse primeiro compromisso com um papel é visto por Erikson como um meio de servir o comportamento do adolescente e a manutenção e perpetuação da sociedade, mudando-a com a nova contribuição de uma geração emergente.

Diante **da pequenez do ser e da limitação da vida**, o adolescente, percebendo a finitude da existência, precisa de uma orientação (religiosa) para lidar com o problema central desse estágio: **unificação interior**, desejo e capacidade de confiar em si mesmo e no futuro. Quando os jovens se identificam com **ideologias e histórias de instituições, de instituições baseadas na fé (Igrejas)**, a identidade pode ser colocada num quadro de ligações sócio-históricas e referências a tradições e comunidades que transcendem qualquer momento, proporcionando aos jovens uma sensação de continuidade e coerência com o passado, o presente e o futuro:

«Somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?»⁵¹

O contacto com a experiência religiosa mesmo que não progrida para uma profunda ligação pessoal ou participação eclesial, facilita a criação

⁵⁰ E. Erikson, *Young Man Luther*, 264.

⁵¹ Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 8.

de uma identidade segura, pois proporciona uma categoria normativa que orienta a consciência, ajudando a explicar questões/criises existenciais. Também proporciona um sentimento de pertença e oferece uma oportunidade institucionalizada para os indivíduos se comprometerem com uma visão de mundo. A confiança pode ser reafirmada e a existência autónoma é garantida e orientada.

A potencial participação religiosa fornece um contexto ideológico em que uma identidade rica pode tomar forma. As instituições religiosas têm muito a contribuir para a cultura: uma vida intensa de troca social (além disso, generosa e altruísta); são também instituições muito artísticas e imaginativas, cheias de rituais de impregnação e narrativas integrais. Além disso, promovem a mutualidade ética e fornecem um quadro adequado para a transição da microescala individual para uma macroescala culturalmente significativa, descentrando o indivíduo dos seus desejos infantis egocêntricos e narcisistas. O adolescente luta para criar sentido no mundo e nele encontra o seu lugar: as crenças, visões de mundo e valores das tradições religiosas proporcionam um contexto ideológico em que o jovem pode aprender a gerar sentido e significado, ordem e lugar, o que é essencial para a formação da identidade. As Igrejas devem perceber que é importante evitar a rejeição de papéis ou a indiferença religiosa, porque elas não favorecem uma identidade madura ou a relação de intimidade com os outros, típica do estágio juvenil.⁵²

A virtude do Ego resultante da identidade é a Fidelidade. Erikson descreve-a como a capacidade de permanecer leal (a si mesmo, aos seus ideais, às instituições nas quais confia), apesar das «inevitáveis contradições dos sistemas de valores»⁵³. O desafio do mundo adulto tem duas dimensões: responder à necessidade humana de sentido e autocompreensão, procurando as bases que permitem erigir uma realidade ética numa era secular e num período crucial da vida.

⁵² A rejeição de papéis tem a sua origem na marginalização a que as crianças, os adolescentes e os jovens vivem nos centros de decisão e de ação da Igreja. A indiferença religiosa tem muitas causas, algumas por influência da família e pela escola, mas também por uma formação intelectual irrelevante, uma doutrinação compulsiva e não explicativa, uma pobreza na experiência simbólica, ou uma ausência de modelos e experiências vinculantes. Tais características contribuem da mesma forma para o empobrecimento da catequese e da educação religiosa escolar.

⁵³ E. Erikson, *Insight and Responsibility*, New York, Norton, 1964, 125.

A consciência do facto de que a não-existência é possível causa ansiedade existencial e metafísica. A identidade de conhecer a transcendência responde à ansiedade existencial derivada do facto de que a existência humana é finita. Uma ideologia religiosa – uma religião – é também necessária para a formação existencial da identidade psicossocial e da identidade existencial quando apoia o desenvolvimento da criatividade da crença, porque ela assume a «*Higher Identity*» da qual a crença individual pode derivar e existir numa identidade.

James Marcia, seguindo as pistas de Erikson, descobriu que os adolescentes que tinham compromissos com a religião geralmente os mantinham desde cedo, e adolescentes sem nenhum compromisso de identidade religiosa eram frequentemente pressionados a comparecer às celebrações religiosas pelos seus pais. Para o final da adolescência, Marcia descreve a difusão da identidade na religião como uma falta geral de preocupação com qualquer questão ideológica⁵⁴. King (2003) demonstra que a religião é única, fornecendo um rico nexos de recursos ideológicos, espirituais e sociais⁵⁵. Nenhum outro recurso social pode fornecer uma motivação tão poderosa, interação social rica, recursos para fins ideológicos e a capacidade de facilitar experiências do sagrado.

Na identidade religiosa madura e integrada, a pessoa reflete criticamente sobre a sua cultura de crente religioso, os seus sistemas e as suas tradições, sem medo de trair o credo ao qual é fiel. Escolhido pelo mesmo, e não cedido por um guru ou especialista em assuntos «espirituais», é um sistema de fé particular que define a pessoa. Compromete-se a uma identidade que proporciona alta autoestima e autonomia. O adulto tem, assim, a possibilidade de permanecer flexível, até «brincalhão», com as suas práticas e as suas crenças, porque é um Credo e não um caderno de encargos mais ou menos moralizados⁵⁶:

⁵⁴ J. E. Marcia, Identity formation: Qualitative and quantitative methods of inquiry. In M. Watzlawik and A. Bron (Eds.) *Capturing identity: Quantitative and qualitative methods*, Lanham, ML, University Press, 1-14. Citado David M. Bell, *Religious Identity: Conceptualization and measurement of the religious self*, 110.

⁵⁵ P.E. King, Religion and Identity: The role of ideological, social, and spiritual contexts. *Applied Developmental Studies*, 2003, 7, 197-205. Citado David M. Bell, 110.

⁵⁶ É sempre atual e brilhante a reflexão de Emílio Alberich sobre o adulto e o crente adulto: E. Alberich; H. Derroitte; J. Vallabharaj, *Les Fondamentaux de la Catéchèse*, Bruxelles-Montréal, Lumen Vitae, Novalis, 2006. Também é um texto perspicaz e muito apreciável: Paul - André Giguère, *Che Cosa Significa Fede Adulta, Percorci Di Ricerca Per Adulti*, Torino, Editrice Elledici, 2003.

«O próprio Jesus é o modelo desta opção evangelizadora que nos introduz no coração do povo. Como nos faz bem vê-Lo perto de todos! Se falava com alguém, fitava os seus olhos com uma profunda solicitude cheia de amor: «Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele» (Mc 10, 21). Vemo-Lo disponível ao encontro, quando manda aproximar-se o cego do caminho (cf. Mc 10, 46-52) e quando come e bebe com os pecadores (cf. Mc 2, 16), sem Se importar que O chamem de glutão e beberrão (cf. Mt 11, 19). Vemo-Lo disponível, quando deixa uma prostituta ungir-Lhe os pés (cf. Lc 7, 36-50) ou quando recebe, de noite, Nicodemos (cf. Jo 3, 1-15). A entrega de Jesus na cruz é apenas o culminar **deste estilo** que marcou toda a sua vida. Fascinados por **este modelo**, queremos **inserir-nos a fundo na sociedade**, partilhamos a vida com todos, ouvimos as suas preocupações, colaboramos material e espiritualmente nas suas necessidades, alegramo-nos com os que estão alegres, choramos com os que choram e comprometemo-nos na construção de um mundo novo, lado a lado com os outros. Mas não como uma obrigação, nem como um peso que nos desgasta, mas como **uma opção pessoal que nos enche de alegria e nos dá uma identidade.**»

Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 269.

3. Conclusões? Algumas ideias para explorar e estudar

«Convido as comunidades a completarem e a enriquecerem estas perspetivas a partir da consciência dos desafios próprios e das comunidades vizinhas. Espero que, ao fazê-lo, tenham em conta que, todas as vezes que intentamos ler os sinais dos tempos na realidade atual, **é conveniente ouvir os jovens e os idosos**. Tanto uns como outros são a esperança dos povos. Os idosos fornecem a memória e a sabedoria da experiência, que convida a não repetir tontamente os mesmos erros do passado. Os jovens chamam-nos a despertar e a aumentar a esperança, porque trazem consigo as novas tendências da humanidade e abrem-nos ao futuro, de modo que não fiquemos encalhados na nostalgia de estruturas e costumes que já não são fonte de vida no mundo atual.»

Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 108.

Embora muito brevemente, gostaríamos de deixar algumas ideias que, do ponto de vista da contribuição da educação religiosa, podem-nos ajudar a pensar numa pastoral da adolescência que se preocupa com a saúde mental das pessoas, com a construção integral e integrada da personalidade, e que não atua como um clube sedento por novos membros, ignorando ostensivamente a sua capacidade de se relacionar com esse membro, porque não se está obcecado com o seu possível «exodus»:

- a) Reconhecer que a *construção da identidade religiosa* facilita a construção de uma identidade e de uma personalidade sã e bem estruturada, procurando equilibrar o ensino/conhecimento com a experiência e a liberdade da pessoa. A pastoral da adolescência é muito fugaz temporalmente e não pode ser construída de modo simplista, com o pânico do eventual abandono, mas deve dirigir-se a uma pessoa completa, difícil e exigente, em crescimento, que terá uma vida muito longa para converter-se progressivamente, e que é capaz de escolher o seu caminho. Certamente um grande número de adolescentes – diante do grande mercado das «religiões» e do desejo de autonomia e liberdade que lhes é próprio – optará, definitiva ou temporalmente, por afastar-se da Igreja: mas deve fazê-lo como alguém que já conheceu Jesus, já teve a oportunidade de deixar-se tocar, ainda que de forma muito leve, pela vida dos cristãos, seus amigos e «embaixadores», e que foi educado para pensar o seu compromisso religioso com a vida e o mundo, mas também para perceber – com toda a carga do verbo «perceber» – a presença de Deus num mundo que todavia necessita muita transformação, isto é, uma ética baseada no amor evangélico dos irmãos que todos somos.

- b) Entender que a identidade – e identidade religiosa – começa a ser construída desde o nascimento e que o papel dos pais é crucial para aquela «marca» que imprime numa pessoa de cinco, seis anos. Por exemplo, proporcionar experiências de educação parental e ajuda conjugal e espiritual a jovens casais, uma vez que a família é o melhor contexto para o desenvolvimento religioso. Mas a família e o seu papel na identificação religiosa dos mais jovens também nos mostra que/como a Igreja deve ser uma verdadeira Mãe – paciente, apaixonada, imperfeita, motivada, misericordiosa – e que o movimento pastoral das nossas comunidades deve ser inspirado nos valores e na prática de um pai forte, determinado, brincalhão, protetor, reflexivo,

desafiador, sempre ao nosso lado, nos nossos bons e maus momentos.

- c) Levar a sério as propostas do Despertar da Fé das crianças pequenas, não como uma pré-catequese assustadoramente informal, mas como um programa flexível de acolher as famílias nas paróquias e de inclusão nas tradições, crenças e práticas cristãs que são importantes para aqueles adultos, especificamente. Os estudos revelam que os cinco anos são uma idade charneira na abertura a Deus e ao religioso, pelo que merecem uma atenção pastoral constante e qualificada, que não temos.
- d) «Adolescer» significa identificar-se com o papel familiar, vocacional e social, criando laços com «algo além de mim». O adolescente deseja afirmar a sua «singularidade» e a sua independência, renegociar a sua autonomia com os pais: a comunidade, os pares, os mentores adultos, as instituições e as ideologias são oportunidades de maturação humana e religiosa, muito significativas. O desenvolvimento do Sistema Nervoso Central permite, agora, capacidades de abstração, reversibilidade, processamento de informação, percepção narrativa, sistemas de significado, códigos morais, ideologia, conceitos abstratos, que desempenham um papel importante e «abrem» a criança/adolescente ao Transcendente, para ligar-se com algo «mais além»: Deus, um sistema de crenças, um grupo que partilha uma experiência religiosa. São possibilidades influentes de criar um senso de identidade, de renegociar papéis sociais num quadro de generosidade e solidariedade, de aprender a contribuir para um bem maior. O religioso, como contexto ideológico oferece Sentido, Ordem, Lugar (Erikson); propõe fidelidade (crenças, códigos, valores) o sistema de crenças pessoais (...verdadeiramente vale a pena...) e recursos que consolidam a identidade, a ligação e um fundamento equilibrado para valores morais. As comunidades de fé são um Capital Social que dá corpo aos valores e crenças e fornecem modelos, apoiando a busca de sentido, e proporcionando relações intergeracionais de confiança, sentido partilhado do valor pessoal e fontes de informação, recursos e oportunidades para identificar o Mal (e, sem medo de sermos pecadores e perdedores) e buscar o Bem comum, não com a forma abstrata/distante/formulação dos princípios, mas sim o modo implicado e transgressivo da vida quotidiana.

Nestes tempos conturbados de individualismo excessivo e de indecisão na identificação dos valores, ser acolhido numa comunidade/experiência religiosa aumenta a consciência de si mesmo e dos demais, favorece o desenvolvimento da identidade e o *coping*, ou seja, é um apoio social que afirma o próprio sentido do adolescente, sua mais-valia e a sua força interior⁵⁷. E saber, sem tabus, o que é o Bem e o Mal é um direito humano e ninguém é mais competente para explicá-lo do que uma experiência de fé: porque, ao contrário do super-homem, do tecnicismo ou da ciência sem consciência, não tem medo nem da morte, nem da dor, nem da fragilidade, nem da perda de sentido. Também não parece fazer muito sentido que, ao refletir e ao programar as novas vias da pastoral se esqueça ou se evite este contributo lúcido da psicologia: teremos sempre de resolver esse dilema e esse problema em evolução que é a fidelidade ao ser humano. Não poderemos continuar a fazê-lo ignorando a cultura dos adolescentes – já agora, sem os preconceitos e os estereótipos habituais, entre os quais será negligenciar o papel da família e fugir à importância que a escola tem nas suas vidas – nem, em geral, a importância da cultura e da relação desta com a estruturação da personalidade.

Assim, a pastoral e a catequese da adolescência devem não só favorecer o processo de construção da identidade de cada adolescente como devem evitar a todo o custo uma identidade religiosa outorgada, isto é, não construída mas atribuída por outro a um adolescente impressionável, imaturo e dependente que, para evitar as dores e os conflitos da emancipação e do crescimento, aceita «ser» o que esperam dele, o que lhe dizem que ele deve ser. Muitas vezes este processo de «outorgação» tem origem numa família muito dominante mas também num professor ou num catequista com uma religiosidade e uma personalidade imaturas, que julga ser o único que compreende o adolescente e que, definitivamente, sabe o que é melhor para ele ou para ela. Assim, ideias distorcidas de educação e de religioso tornam-se um instrumento de controlo e de falsa pacificação interna.

⁵⁷ As investigações demonstram que a identidade religiosa nos jovens favorece a saúde física e mental (bons hábitos, cuidado) e um desenvolvimento global positivo; diminui os comportamentos de risco e protege contra a depressão e o isolamento e a solidão; aumenta a satisfação com a vida e reduz o risco e a prática do suicídio (acabar com a vida: identidade, sentido, bem-estar); favorece um sentido de competência, contribuição, caráter, moralidade, êxito académico e participação social; aumenta a responsabilidade com a família e a comunidade; reduz a violência e a vitimização.

Finalmente, a pastoral da adolescência não pode confundir-se com, nem eternizar, a catequese da infância, mas também não pode queimar etapas e surgir como algo «que se parece com» a pastoral da juventude. A meta do desenvolvimento humano é a maturidade da idade adulta e, por isso mesmo, os adolescentes precisam de tempo e de oportunidades de adolescer sob pena de viverem um prolongado processo de difusão da identidade, marcado pela reiterada dificuldade em assumir compromissos. Do ponto de vista da construção da identidade religiosa, culminará com uma situação arreigada de indiferença: e com a indiferença não é mais possível dialogar.

“A identidade cristã, que é aquele abraço batismal que o Pai nos deu em pequeninos, faz-nos anelar, como filhos pródigos – e prediletos em Maria –, pelo outro abraço, o do Pai misericordioso que nos espera na glória. Fazer com que o nosso povo se sinta, de certo modo, no meio destes dois abraços é a tarefa difícil, mas bela, de quem prega o Evangelho.” (EG, 144).

Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 144.

